



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Inês Guedes Nin Ferreira

(Ilya, Inês Nin, Azuis)

**Desejo e dissidências de gênero diante da farmacopornografia
a partir da desconstrução**

Rio de Janeiro

2024

Inês Guedes Nin Ferreira

Desejo e dissidências de gênero diante da farmacopornografia a partir da desconstrução

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal Fluminense. Área de Concentração: Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/ REDE SIRIUS/ CB/C

F382 Ferreira, Inês Guedes Nin

Desejo e dissidências de gênero diante da farmacopornografia a partir da desconstrução / Inês Guedes Nin Ferreira. – 2024.
96 f.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes

Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense e Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro

Nomes sociais do autor: Ilya; Inês Nin; Azuis.

1. Bioética. 2. Desejo (Filosofia). 3. Corpo humano. 4. Normas de gênero. 5. Sexualidade. 6. Medicalização. I. Moraes, Marcelo José Derzi. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDU 17.023.33

Bibliotecária: Thais Ferreira Vieira CRB-7/5302

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Inês Guedes Nin Ferreira

Desejo e dissidências de gênero diante da farmacopornografia a partir da desconstrução

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em regime de associação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade Federal Fluminense.

Aprovada em 17 de julho de 2024.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo José Derzi Moraes
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro – UERJ

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sergio Tavares de Almeida Rego
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Prof. Dr. André Luis de Oliveira Mendonça
Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro – UERJ

Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel
Universidade Federal de Ouro Preto

Rio de Janeiro

2024

A todas as pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero.

Que sejam livres.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não teria acontecido sem a conversa com muitas pessoas ao longo de um tempo que antecede a escrita do projeto, e que sem dúvida se seguirá. As imensas trocas afetivas e de percepções de mundo são igualmente fundamento. Foi um percurso atravessado tantas vezes a ponto de vertigem. Um vendaval. Uma série de curvas. Uma tarefa hercúlea. Um divertimento, também. Mas em uma precariedade que só encontra sustento em vozes e abraços. E muitos caminhos a se descobrir e reinventar.

Agradeço à minha mãe, pelo apoio incondicional e vidência mística; amor e criação. Ao meu pai, pelo apoio, amor, interesse, conversa e as caminhadas nas montanhas que inspiram travessias. À minha irmã Joana, que distantes estamos perto. Pelo chão, pelo suporte na escrita, desde o início, muito carinho e sorte em suas travessias também. Alegria. A meu irmão Fábio pelo teto, apoio e a música. Aos sobrinhos muito amados Isabel, Giordano, Milla, inventando derivas e aventuras junto a Martha, Bruno, Nick. Tom e Elena, com quem pude conviver mais nesse último ano. E Byamba, essa estrelinha de 2018 de sangue nômade e esperto. Aos familiares todos que se tornaram mais próximos desde a pandemia. À minha tia Nilma (Fafá) pelo precioso suporte e conversa subliminar, assistindo Paulo Gustavo em drag na TV.

Às pessoas com quem tive bonitos encontros, somaram junto ou contribuíram diretamente na pesquisa, colegas e amizades, novas e antigas, próximas e de longe: Nina Nadine, Cristina T. Ribas, Georgiane Abreu, be rgb, Pedro Leal, Renat Ferrer, Matheus Atella, Matheus Simões, Alessandra Bergamaschi, Auriceleste Zimmermann, Yasodhara Soares, Luiza Cilente, Ícaro Ferraz Vidal Junior, Ceci Penido, Liège Nonvieri, Lu Mariano, Alexis/Virginia, Nic H., Gustavo Silva, Clara Biondo, Bela Equor, Bia Zampieri, Ana Emília Lobato, Fernanda Valois, Lucía Santalices, Marina Cortez, Maurício Chades, Marina Kezen, Bruno Gola, Dimitri BR, Laura Formighieri, Steffania Paola, Féres Féres, Téia Porto, Livia Aguiar, Set Norte, Orquídea Garcia, Vivian Fróes, Clara Chroma, iê, Musgo Jasmin, Viq Ayres, Amarelu, Lírio Silvestre, Lux Teixeira, Liliana Zaragoza Cano, Anaelia Ovalle, Aline Besouro, Robson Camara, Clarice Costa, Fernando Figueiredo, Daniel Barros, Felipe Sholl, Samantha Vitena, Thenessi Matta, Martina Davidson, Ivan Felipe, Leila Nagib, Livia Vargas, Isabella Lauermann, Dénizard Custódio, Lina Nunes, Renato Amantino, Fernando Ziderich, Raphael Ribeiro, Alessandra Senna, Isabela Castro, Karina Caetano, An Millet, Tom Grito, Ian Habib, Aline Pina, Felipe Amancio, Rubens Takamine, Clarissa Baumann, Heloíse Fruchi, Maíra Mendes Galvão,

Éter, Amanda Prange, Diana Salu. Com cada uma há uma conexão especial de trocas que eu muito valorizo e prezo.

Rafael Haddock-Lobo, nossos conceitos erosóficos e *pornofantasmas* que abrem caminhos a se bifurcar para outras estradas. A Carla Rodrigues, por toda a abertura, aulas, parcerias e por concordar em participar da banca, desde o início. Cláudia Medeiros, parceira em danças e confluências além-mar, por me presentear com a preciosa edição espanhola de *Dysphoria mundi*. Angela Donini, por me emprestar o *Testo yonki* e atentar para eixos em Jack Halberstam, lá em 2021. E ao próprio Jack Halberstam, pela abertura e encontro. Erin Manning, pela conversa sensível e transversal. Ulysses Pinheiro, entusiasmado com Preciado desde o projeto de extensão *Quantas filósofas?*, por seguir próximo. Paula Sibília e Maria Cristina Franco Ferraz, depois de tantos anos. Marília Pisani, aula e conversa confluentes e afluentes.

Aos amigos da poesia, com quem convivi tanto mais nesse movimento de abertura pós-pandêmica, depois de publicar um livro de poemas de maneira remota e semissilenciada no fatídico ano de 2020. À sabedoria do I Ching, ao tarot. Gracias aos afetos todos que compartilham além-fronteiras nossos hackfeminismos cuir, queer, cu-ir e suas místicas, poéticas, conjuros e beleza abundante. Subir montanhas, se esconder em florestas, viver celebraciones y fogueiras rituais, forjar códigos múltiplos, camuflagens cambiantes capazes perfurar todos os modelos sexopolíticos excludentes, toda a dureza dos territórios tristes de quem não vê mais além.

Aos colegas do PPGBIOS, da Filosofia (do IFCS/UFRJ e da UERJ), dos Estudos de Mídia e das artes, do Parque Lage, do SESCSP, da Ação Educativa, do Instituto Equit, dos Maretórios, do ativismo hacker, tecnologias livres e da agroecologia, das danças, da improvisação, do cinema, da música experimental, das noites como DJ, dos trânsitos, das vidas tantas. A Anna's Archive, Libgen, Wikipedia, Making Off, Pirate Bay. Às redes, apesar de.

Às PR-2 da UERJ e da UFRJ, à ouvidoria da UERJ, às secretarias da UERJ, UFRJ, UFF e Fiocruz pelos serviços prestados, e todos os funcionários dos espaços, salas, bibliotecas, bandeijões e instituições por onde passei. Aos professores Fábio Alves Gomes Oliveira, Jaqueline Gomes de Jesus, Jane Russo, Bárbara Pires, Marina Nucci, Marcelo Rangel, Fermin Roland Schramm, Aluísio Gomes da Silva Jr., Simone Silva, Maria Clara Dias, Sergio Rego, Marcelo Moraes, Adriano Negris, Alexandre Costa e André Mendonça, as/os quais cada um/a à sua maneira, contribuíram ao longo desse trajeto.

Aos professores que integraram a qualificação, Rafael Haddock-Lobo, Adriano Negris Santos e Marcelo José Derzi Moraes. Agradeço aos professores que generosamente concordaram em compor a banca de defesa, por seus estudos e afinidades, Carla Rodrigues,

Fabiano de Lemos Britto, Martha de Mello Ribeiro e André Luís de Oliveira Mendonça. Agradeço à banca indicada por meu orientador, Marcelo de Mello Rangel, André Luís de Oliveira Mendonça, Samon Noyama e Adriano Negrís Santos. Agradeço ao coordenador Sergio Tavares de Almeida Rego. Pela leveza e poesia depois de tanto.

Ao reconhecimento, aos afetos alegres, ao respeito e à respiração. Ética é uma práxis cotidiana, e sem transfeminismos não haverá. A luta antirracista deve ser pensada conjuntamente; nenhuma luta resiste isolada. A colonização é masculinista sobretudo. Desconstruir esses percursos inclui saber ouvir, abrir, conversar, deixar participar.

Agradeço à CAPES pelos 12 meses de bolsa, e atenta resposta. Antes e depois, sobrevivemos.

— Nós quisemos mudar o mundo e acabamos somente mudando a nós mesmos.

— E o que há de errado com isso?

— Nada. Se você não olha para o mundo.

diálogo da sequência final de Velvet Goldmine

filme de Todd Haynes

1998

RESUMO

FERREIRA, Inês Guedes Nin. *Desejo e dissidências de gênero diante da farmacopornografia a partir da desconstrução*. 2024. 96 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação, em regime de associação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense e da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2024.

Este é um ensaio que surge de inquietações que me acompanhavam havia vários anos sobre os modos como coletivamente se transformou de maneira veloz como lidamos com dissidências de gênero, considerando desde o contexto dos meus círculos íntimos até a difusão midiática. Me reconhecendo enquanto tal, e portanto pessoalmente participante e implicado nesse contexto, a ideia partiu de procurar elaborar algumas questões por meio de uma imersão em uma bibliografia sobretudo filosófica, de teoria crítica (trans)feminista e queer. Mas não apenas isso, uma vez que uma escuta, seja da experiência, do corpo, de arredores, das redes e das próprias vivências dissidentes, suas poéticas e políticas, em muito vêm a somar para um respiro do pensamento, tornando-o via de encontro. As “micropolíticas da travessia” chegam da conversa com a obra do filósofo, curador e cineasta trans Paul B. Preciado, como estratégias para fazer frente a um mundo em mudanças. No curso da escrita, a linguagem se depara com o poder, as masculinidades, as normatividades, as moléculas, os desejos e o capital. A farmacopornografia de Preciado traz elementos para se pensar implicações da tecnociência e da medicalização da sexualidade, tocando temas como agência, autonomia e subjetividade, considerando os paradigmas heterocoloniais binários do sistema sexo-gênero. “Procurem as bordas, os muros, os corredores”, diz Derrida. A desconstrução expõe jogos de linguagem e camadas crípticas no texto, e nos leva a deslocamentos, às margens. A dimensão de tudo aquilo que é coletivo importa, e assim, as noções de reconhecimento e pertencimento serão pertinentes ao desejo.

Palavras-chave: Dissidências de gênero. Desejo. Farmacopornografia. Ética. Desconstrução.

ABSTRACT

FERREIRA, Inês Guedes Nin. *Desire and gender dissidence before pharmacopornography based on deconstruction*. 2024. 96 f. Dissertação (Mestrado em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação, em regime de associação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Federal Fluminense e da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2024.

This is an essay that comes from concerns that have accompanied me for several years about the means in which we have collectively transformed the way we deal with gender dissidence, from the context of my intimate circles to media dissemination. Recognizing myself as such, and therefore personally participating and involved in this context, the idea came from trying to elaborate on some of the questions by immersing in a bibliography of mostly philosophy, (trans)feminist and queer critical theory. But not only that, since listening, whether to experience, to the body, to the surroundings, to networks and dissident experiences themselves, their poetics and politics, adds a lot to the breathing space of thought, turning it into a meeting point. The ‘micropolitics of the crossing’ emerge from the conversation with the work of trans philosopher, curator and filmmaker Paul B. Preciado, as strategies for coping with a changing world. In the course of writing, language comes up against power, masculinities, normativities, molecules, desires and capital. Preciado's pharmacopornography brings elements for thinking about the implications of technoscience and medicalisation of sexuality, touching on themes such as agency, autonomy and subjectivity, considering the binary heterocolonial paradigms of the sex-gender system. “Proceed, then, by seeking out the edges, the walls, the passages”, says Derrida. Deconstruction exposes language games and cryptic layers in the text, and leads us to displacements, to the margins. The dimension of all that is collective matters, and so the notions of recognition and belonging will be pertinent to desire.

Keywords: Gender dissidence. Desire. Farmacopornography. Ethics. Deconstruction.

Obras, edições e traduções

Ao longo da escrita deste trabalho, foram publicadas novas edições de obras esgotadas, novas edições e traduções brasileiras de obras com as quais eu estava trabalhando, além de publicações frescas, sua versão traduzida e um lançamento cinematográfico — dos principais autores com o quais conversava, como Paul B. Preciado, Judith Butler e Jack Halberstam. Assim, da maneira que foi possível, procurei me inteirar das novas publicações e lançamentos, pensando na relevância da atualidade nas discussões sobre as quais se debruçava a pesquisa, considerando o momento fértil em novidades, discussões e versões do material disponível.

Dessa forma, observo que a introdução do *Manifesto contrassexual*, ou melhor, do *Countersexual manifesto* em sua versão estadunidense, publicada pela Columbia University Press em 2018 — esta que não consta na tradução popularizada no Brasil desde 2014, publicada pela n-1 editora e traduzida de uma edição espanhola de 2004 — havia sido traduzida por mim no final de 2021, possibilitando incluir as citações na pesquisa. Em setembro de 2022 a editora Zahar, que assume os direitos de publicação das obras de Paul B. Preciado no Brasil (depois de anos com edições esgotadas na n-1, especialmente de *Testo junkie*), publica uma nova edição do *Manifesto contrassexual* no Brasil, com a tal introdução, escrita em inglês para a edição estadunidense de 2018, traduzida. Assim, a tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro é acrescida da tradução desta introdução feita por Denise Bottman na edição da Zahar. Bem, eu li a versão oficial da tradução brasileira para o referido texto. Mas, revendo o material que havia escrito e a tradução que eu havia feito, com pesquisas e dedicação, decidi mantê-la na dissertação. À época, eu estava consultando meios de publicar a tradução integral da introdução do *Manifesto* em alguma revista ou meio que se mostrasse viável. Felizmente, ou não, saiu a nova edição do *Manifesto* antes. Considero-a fundamental e elucidativa para a leitura do livro hoje, trazendo um novo olhar do autor sobre a obra — que já completa seus mais de vinte anos da primeira edição, em 2000. Quanto à tradução em questão, caso se mostre mandatório substituí-la devido a alguma norma acadêmica que tenha me passado despercebida, sem problemas, podemos providenciá-lo.

Quanto aos demais livros de Preciado, usei na escrita da dissertação desde o anteprojeto de pesquisa a edição esgotada de *Testo junkie*, n-1 edições, 2018, na versão digital, e só recentemente adquirindo a aguardada reedição feita pela Zahar, em novembro de 2023. Nessa nova publicação, se encontram algumas atualizações feitas a partir da mais recente edição espanhola, pela editora Anagrama em 2020, e a tradução é, como na anterior, assinada por Maria Paula Gurgel Ribeiro com a contribuição de Verônica Daminelli Fernandes. Também consultei

a primeira edição da obra, *Testo yonki*, que passou por modificações e revisões ao longo do tempo, assim como o próprio autor. No presente trabalho, procuro expor algumas dessas releituras, por considerá-las relevantes para a compreensão de cada obra e seus dizeres, e para o pensamento de seu/a autor/a, que se transforma junto à sua produção de conhecimento.

Dysphoria mundi: el sonido del mundo derrumbándose, de Paul B. Preciado, foi publicado na Espanha pela Anagrama em outubro de 2022, e ganhou uma rápida edição brasileira pela Zahar em novembro de 2023, um ano depois, com o título *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando*, em tradução de Eliana Aguiar. Não tomei muito contato com essa edição brasileira ainda, posto que consegui uma cópia da edição espanhola também no final de 2023. Devido a esse motivo, ainda que tenha lido a obra, muito vasta, ela entra apenas em breves arestas e notas de rodapé nesse momento. Por sua vez, o filme de longa-metragem que Preciado dirigiu, *Orlando: minha biografia política*, exibido em mostras de cinema no Brasil em fins de 2023, trouxe uma abundância de signos, canções e manifestos que em muito contribuíram para achar um caminho de finalização deste trabalho.

De Judith Butler, tive a bonita oportunidade de trabalhar na tradução brasileira de *Undoing gender*, traduzida por *Desfazendo gênero* no Brasil e publicada pela Editora Unesp em agosto de 2022. A publicação resulta de um rico esforço coletivo com a equipe de tradução do Lafita — Laboratório Filosofias do Tempo do Agora e a coordenação da professora Carla Rodrigues, do PPGF/IFCS/UFRJ. Encarregades da revisão textual ficamos eu e Beatriz Zampieri, com Eduardo Leonel da editora e copidesque de Taís Bravo. A tradução em si foi feita por Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luis Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. Fizemos, ainda, conjuntamente, um “Pequeno glossário de termos” relativos a gênero e sexualidade, que consta ao final da edição. Essa equipe de pesquisadoras, com algumas variações, tem se dedicado à tradução das obras de Judith Butler no Brasil nos últimos anos, acumulando, dentre elas, *Os sentidos do sujeito* (Autêntica, 2021) e *Que mundo é esse? uma fenomenologia pandêmica* (Autêntica, 2022). E há mais por vir.

Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France, começamos a ler no “GT Butler” entre 2021 e 2022, e alguns pontos da introdução do livro acabam convergindo e entrando no texto. Finalmente, em fevereiro de 2024 sai a edição brasileira de *Who's afraid of gender?*, com o título *Quem tem medo do gênero?*, concomitante à edição em inglês. Nos agradecimentos, Butler conta que os ataques que recebeu em uma visita ao Brasil em 2017 a motivaram a iniciar a escrita. Ela veio para o seminário internacional *Os fins da democracia*, realizado no SESC Pompeia em São Paulo. De enorme relevância para os debates

contemporâneos, esta obra que ainda estou lendo traz na contracapa, na primeira edição da Boitempo, imagens de cartazes de defensores da ideologia de gênero binária, e que claramente não compreendem o trabalho que faz Judith Butler.

Edições de outros autores com as quais trabalhava que foram publicadas no Brasil simultaneamente, ou pouco depois de eu as ter consultado, são *Trans*: a quick and quirky account of gender variability*, de Jack Halberstam, traduzido por Rafael Leopoldo como *Trans: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero*, que saiu em janeiro de 2023 pela Editora Devires. Por escassez de recursos, e devido ao fato de que já havia lido o livro em sua versão original, ainda não tomei contato com essa edição. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*, de Donna Haraway, foi um caso que, já tendo lido apenas trechos da edição original (um livro longo demais para se ler no formato pdf), recebi com gratidão, e algum esforço para obtê-la, a edição fabulosamente leve e portátil finalmente publicada no Brasil, sob o título *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*, pela WMF Martins Fontes, contando com um belo prefácio da filósofa Juliana Fausto. *O pensamento hétero e outros ensaios*, de Monique Wittig, embora eu já tivesse tomado contato com a edição em inglês, pude ler em sua integridade na ótima tradução brasileira feita por Maíra Mendes Galvão, que saiu pela Autêntica em abril de 2022.

De maneira geral, cabe dizer que, sempre que possível, os anos das publicações originais das obras referenciadas nesta pesquisa aparecem entre colchetes, assim [1967], com o intuito de considerar seu contexto de publicação, antecédidos, é claro, pelo ano da edição trabalhada. Em alguns casos, contudo, há mais de uma edição “original”, como é o caso de livros de Paul B. Preciado e de Judith Butler, e assim, procuro incluir ambas as datas, separadas por vírgula. Por fim, há algumas edições de livros diferentes do mesmo autor publicadas no mesmo ano, como os prolíficos anos de 2022 e 2023. Espero que, com inclusão das datas originais de publicação, possa se localizar as obras corretamente sem qualquer confusão. A data de 2018, para Preciado, coincide com a publicação do *Countersexual manifesto* no Estados Unidos e de *Testo junkie* no Brasil. Sendo assim, quando me refiro ao *Countersexual manifesto* (geralmente a introdução), uso a distinção de 2018a.

SUMÁRIO

PRÓLOGO: PARA UMA ESCUTA.....	15
Linguagem e pertencimento	15
1. A LÍNGUA.....	24
1.1 Vulnerabilidade, gênero e desejo.....	24
1.2 Poder, diversidade e diferença.....	28
1.3 Deslocamento, grama	31
1.4 Existir em tradução.....	34
1.5 Ser capaz de rir diante de.....	35
1.6 Desconstruir o jogo.....	37
2. OS NOMES	40
2.1 Notas sobre a práxis contrassexual em trânsito.....	40
2.2 Livro-dildo, livro-práxis	41
2.3 Nomes próprios “postos em jogo”.....	42
2.4 Filosofia, poesia e política.....	45
3. CORPO, SUBSTÂNCIAS, CAPITAL	48
3.1 Políticas sexuais.....	48
3.2 Comunicação hormonal.....	50
3.3 Farmacopornografia	51
3.4 Protocolo de intoxicação voluntária	52
4. INTERLÚDIO SOBRE MEDICALIZAÇÃO	57
4.1 Esboço para uma ideia descolonial de saúde.....	57
4.2 Nêmesis da medicina e o modelo biomédico	61
4.3 Saúde, transmedicalismo e colonialidade.....	63
4.4 Padrões de normatividade cisgênera.....	65
5. DE UM TEMPO A OUTRO	67
5.1 Orlandos e o sonho químico	67
5.2 Feminismos, tecnologias e linguagem.....	73
5.3 Corpo, subjetividade e tecnociência	75
5.4 Mesa de operações literária	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
Dançar um outramento	83

Deriva	86
REFERÊNCIAS	88

PRÓLOGO: PARA UMA ESCUTA

Linguagem e pertencimento

Quando escrevi inicialmente esse projeto, em meados de 2021, eu buscava reunir inquietações que me acompanhavam havia alguns anos nos modos como coletivamente se transformou de maneira veloz como lidamos com dissidências de gênero, considerando desde o contexto dos meus círculos íntimos até a difusão midiática. Me reconhecendo enquanto tal, e portanto pessoalmente participante e implicado nesse contexto, a ideia partiu de procurar elaborar algumas questões, que tanto me atravessavam, por meio de uma imersão em uma bibliografia filosófica e da teoria crítica (trans)feminista e queer. Mas não apenas isso, uma vez que uma escuta, seja da experiência, do corpo, de arredores, das redes ou das próprias vivências dissidentes, suas poéticas e políticas, em muito vêm a somar para um respiro do pensamento, tornando-o via de encontro.

Ao longo desse mestrado, de caráter transdisciplinar, pude perceber e esclarecer algo que em algum momento sugeri, ou tive desejo de me aproximar: afinal, não há aqui “trabalho de campo”, mas tampouco me daria por satisfeito em fazer, *ipsis litteris*, apenas uma “revisão bibliográfica”, no sentido de um estudo inteiramente voltado à teoria produzida na academia, fechada entre paredes e sem dar-se à mistura, à rua. O projeto foi gestado na pandemia, teve de lidar com o primeiro ano do mestrado ainda quase inteiramente online, e desse isolamento tão problemático e estéril, tudo pelo que mais anseio é a troca, sobretudo em presença. Sem ela este trabalho não seria viável.

E, esteja dito, meu entendimento de “campo” — algo que demorei a elaborar — vem de uma práxis filosófica, artística, dos estudos de mídia: não sou cientista e não pretendo ser. Talvez, como pesquisador, o gesto de por a ciência em questão, cutucá-la, questioná-la, pensar sobre ela como quem não partilha de suas diretrizes, suas normas e técnicas, seja precisamente o que vim fazer aqui. Não me é algo novo, visto que desde a iniciação científica no curso que me deu o primeiro diploma de Bacharelado eu já estudava as relações entre a tecnociência, a ética, a política e suas implicações no corpo, sexualidades; tudo isso misturado a desejo, subjetividade. Só não havia antes me dedicado a estudar gênero.

De modo hábil e um tanto difuso, quase indireto, me esquivei por algum tempo de estudos feministas e queer (até 2013, quando fiz 29 anos), e de alguma forma de lidar com questões de gênero diretamente, embora fosse algo que estivesse implicado e reivindicado na

minha vivência cotidiana desde quando me lembro¹. Algo que mais tarde fui reconhecer se tratar de um problema com a categoria mulher, e de como ela se imprimia sobre mim. Buscava algum tipo de invisibilidade de gênero², como se fosse possível reivindicar tal coisa em uma sociedade tão ostensivamente binária, que enquadra (e julga) as pessoas por categorias o tempo todo.

Observando os usos do termo “gênero” na academia e na imprensa, é recorrente sua quase equivalência ao termo “mulher”, em muitos dos casos. Agora que pesquiso dissidências de gênero e me nomeio pessoa não binária, me vejo tendo de abrir caminhos diante de normatizações diversas e encontrar subcategorias dentro dos feminismos, ou da teoria queer, para encontrar as pessoas que estão, de novo, à margem da margem. Quem sabe, aqueles que questionam a própria estrutura binária. Felizmente, o ambiente é fértil para essas consonâncias, os termos afloram, e muitas dessas questões vêm sendo trazidas à tona cada vez mais. Não é algo simples e suave, ou não é sem dor que se adentra os estudos de gênero: as brigas, sobretudo também nos últimos anos, chamam à atenção, acendem alertas. Há muito a aprender, sobretudo sobre diversidade, reinventando a cada vez o sentido da palavra: ao trazer suas experiências a público, fazendo comunidade, reivindicando direitos, fazendo ressoar por ventos todes e sim! Nomeando suas práticas, suas vivências, as pessoas demarcam lugares, e eis que surgem os conflitos. Não sem dor são reivindicados territórios. Gosto do trânsito dos terrenos movediços, talvez por hábito, não deixar essencializar demais os caminhos. Na encruzilhada encontro Paul B. Preciado.

“Embora o contexto político seja de guerra global”, diz ele na introdução de *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*, escrita em 2016, aqui não se encontrará, como em seus escritos, “nem pedagogia nem moral. Na travessia não há dogma” (Preciado, 2020 [2019], p. 40). A proposta é “pensar em termos de relação e de potencial de transformação, e não em termos de identidade” (ibid.). Isso é algo crucial quanto à metodologia. Não à toa, escolho trabalhar a partir da desconstrução de Jacques Derrida, que foi orientador de Preciado em seu mestrado na New School for Social Research de Nova York. Há um pensamento em torno da linguagem em Derrida, na tarefa da desconstrução de escape à metafísica e suas concepções dualistas, algo que marca toda uma tradição filosófica que remonta a Parmênides,

¹ Em 2014, na publicação coletiva *Vocabulário político para processos estéticos*, realizada a partir de uma proposição da artista e pesquisadora Cristina Ribas em torno das manifestações de 2013, eu participei com alguns ensaios poéticos, dentre eles um sobre o radical TRANS- (como ALTER-, COM-, CONTRA-). Os outros que escrevi se chamam Sair, Lugar (e há um sobre as manifestações). Trans, da forma como fazia sentido naquele momento, era precisamente um SAIR do LUGAR.

² Hoje podemos chamar isso de agênero, ou mesmo gênero neutro. Gosto de manter os termos fluidos.

grego pré-socrático, e que irá influenciar autores como Aristóteles, Platão, Descartes, Kant, Hegel... Praticamente todos os nomes canônicos. Se Deleuze e Guattari diziam que a filosofia cria conceitos³, em Derrida encontramos indecíveis, quase-conceitos e brisuras, em uma escrita de frequência elíptica, não raro críptica, lidando com aspectos políticos da linguagem. Como diz ele: “a violência da letra: de Lévi-Strauss a Rousseau” (Derrida, 2008 [1967], p. 125), título de uma seção da Gramatologia.

Não obstante, “ler Derrida como quem lê poesia” é algo que guardei comigo ao longo dos anos nas aulas do prof. Rafael Haddock Lobo, no IFCS/UFRJ — algo que faz total sentido, e abre os sentidos de percepção. Ou, como diz Preciado em uma entrevista à revista Purple, “com Derrida, eu entendi que filosofia era uma arte da ficção”. E complementa: “aprendi que a filosofia não era uma forma científica de abordar o mundo — longe disso — de fato, pertence às artes”.⁴ Na esteira de Derrida, o autor diz, na mesma entrevista, que em todos os seus livros há jogos de linguagem. “Se não compreendermos que a filosofia é uma forma de escrita ficcional, então nada é possível, nem hoje nem amanhã.” Alternativamente, se acreditamos, lidamos com ela por esse viés, “e que a ficção pode efetuar uma transformação e modificação da realidade e do futuro — isso é algo completamente diferente. Assim, todos os meus estudos em filosofia entram em diálogo com práticas artísticas”⁵, diz Preciado. Nesse sentido, meu traçado vem confluir em busca das mesmas estradas.

A ética com a qual trabalhamos, assim como as encruzilhadas encontradas em Derrida e Preciado, remonta a Nietzsche. Em seu pensamento, com o qual convivo faz anos⁶, ética é algo muito distinto de moral⁷. Sei, agora mais claramente, o quanto isso vem em contrafluxo a

³ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 1997 [1991].

⁴ Em entrevista concedida à revista Purple, francesa, em 2022. Disponível em: <https://purple.fr/magazine/the-future-issue-37-s-s-2022/paul-b-preciado/> (acesso em maio de 2023).

⁵ *With Derrida, I understood that philosophy was an art of fiction. I think that's the most important lesson I learned from him. He was incredibly generous, a magnificent professor. But I did indeed learn that philosophy was not a scientific approach to the world — far from it — and actually belonged to the arts. When I write — you see it in Countersexual Manifesto and Testo Junkie, as in all my books — there's always a language game. For the little text I wrote against normative psychoanalysis — “Can the Monster Speak?” — I borrowed the conceit of Franz Kafka's pamphlet, where a monkey speaks to an Academy of Sciences. If we don't understand that philosophy is a form of fiction writing, then nothing is possible today or tomorrow. If we believe that philosophy is a form of fiction writing, and that fiction can effect a transformation and modification of reality and the future — that's something else altogether. So, all my studies in philosophy enter into dialogue with artistic practices.* Tradução nossa de alguns trechos da fala.

⁶ Maria Cristina Franco Ferraz, estudiosa do pensamento de Nietzsche, foi minha orientadora.

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Cia das Letras, 2008 [1887].

grande parte da bioética que vem sendo praticada, seguindo a tradição kantiana⁸, a utilitarista⁹, ou a principialista¹⁰. Para fazer jus, Preciado também cita Espinosa de maneira direta em *Testo junkie*. Ambos, Nietzsche e Espinosa, são filósofos que vão pensar o corpo, e escrever com o corpo, sem ceder a dualismos que o dissociem de mente, ou espírito. Também são conhecidos como vitalistas, isto é, fazem uma filosofia que valoriza a vida. Citando *Esporas: os estilos de Nietzsche*, um livro de Derrida, Haddock-Lobo faz uma leitura tecendo relações que, visíveis mas disfarçadamente, ligam o *Manifesto contrassexual* de Preciado a Nietzsche. “Quando as aspas se tornam tesouras”, como diz o título do artigo¹¹, ou quando as esporas (as tesouras) tocam a materialidade do corpo, seja de maneira subjetiva ou literal: “A tecnologia sexual é uma espécie de ≍ ‘mesa de operações’ ≍ abstrata” (Preciado, 2017 [2002], p. 127). E depois, apenas “≍ mesa de operações ≍ abstrata” (ibid., p.128), sem as aspas (antes duplas, no original).

Paul B. Preciado, anteriormente conhecido como Beatriz Preciado, principal autor com o qual converso nesta pesquisa, é um filósofo nascido em 1970, na Espanha pós-ditadura de Franco, e designado mulher ao nascer. Sua obra bibliográfica tem início com o *Manifesto contrassexual* (com versões em 2000, 2002, 2004 e 2018 [EUA], cada qual contando com alterações; edições brasileiras em 2014 e 2022, idem); seguido de *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (2008 como *Testo yonki*, revisto em 2013, 2020; ed. bras. 2018, 2023); *Terror anal: notas sobre os primeiros dias da revolução sexual* (epílogo de *O desejo homossexual*, de Guy Hocquenghem, 2009, ed. bras. 2020); *Pornotopia: Playboy e a invenção da sexualidade multimídia* (2010, com o subtítulo *Arquitectura y sexualidad en “Playboy” durante la guerra fría*, ed. bras. 2020); *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia* (2019, ed. bras. 2020); *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (2020, ed. bras. 2022) e *Dysphoria mundi: o som do mundo desmoronando* (2022, ed. bras. 2023).

⁸ Jürgen Habermas, John Rawls e muitos dos filósofos frequentemente evocados, incluso Maria Clara Dias, ainda que tenham suas críticas, reinvenções ou releituras de Immanuel Kant, são contudo autores kantianos, que lidam com essa tradição de pensamento.

⁹ A teoria utilitarista costuma se referir a John Stuart Mill, mas também remonta a Jeremy Bentham, famoso pelo panóptico citado por Michel Foucault em *Vigiar e punir*, conceito recuperado por Preciado em *Testo junkie* para falar de tecnologias de vigilância e controle biopolítico direcionados à sexualidade.

¹⁰ *Princípios de ética biomédica*, de Tom L. Beauchamp e James F. Childress, largamente lido nos cursos de ciências biomédicas e tido como principal referência na ética médica. São ainda kantianos também.

¹¹ Cf. HADDOCK-LOBO, Rafael. “Quando as aspas se tornam tesouras: Preciado sobre Derrida sobre Nietzsche.” In: CORREIA, Adriano; HADDOCK-LOBO, Rafael; SILVA, Cíntia Vieira da (orgs.). *Deleuze, desconstrução e alteridade*. Coleção XVII Encontro ANPOF. São Paulo: ANPOF, 2017.

De formação filosófica, chegou a estudar bioética na Espanha antes de cursar o mestrado em Filosofia Contemporânea e Teoria de Gênero na New School. Doutorou-se em Teoria da Arquitetura em Princeton com uma bolsa Fulbright, por sugestão de Derrida¹². Transfeminista, atua como pesquisador, escritor e curador de arte contemporânea em exposições internacionais. É um tipo de pop star em determinado nicho trans. Na introdução publicada em 2018 na edição estadunidense do *Manifesto contrassexual*¹³, livro que fora escrito como um experimento durante o doutorado ainda na New School, quando seguia seu percurso acadêmico desenvolvendo uma tese sob orientação de Derrida, Preciado conta como seu tema de estudo gradualmente se desloca do filósofo Santo Agostinho para sua própria vida. Transicionando de uma economia do desejo para outra, isto é, de uma atividade sexual intensa e luxuriosa para uma ética de castidade e auto-renúncia ao converter-se à Igreja, Santo Agostinho seria, para o autor, um transexual.

A transição de gênero pela qual passa Preciado é lenta e gradual. E, ressalta ele, segue em movimento, em travessia. Não há ponto de chegada. A Beatriz, o Beatriz, aos poucos surge o nome Beto, então Marcos, em uma única crônica publicada no jornal Libération em 2014 (a partir do Subcomandante Marcos, identidade coletiva zapatista, do México), por fim, visto em sonho¹⁴, Paul:

Designaram-me do sexo feminino quando nasci. Diziam de mim que era lésbica. Resolvi tomar por conta própria doses regulares de testosterona. Nunca pensei que fosse um homem. Nunca pensei que fosse uma mulher. Era vários. Não me considerava transexual. Quis experimentar com a testosterona. Adoro sua viscosidade, a imprevisibilidade das mudanças que provoca 48 horas depois da aplicação. E sua capacidade, se as aplicações são regulares, de desfazer a identidade, de fazer emergir estratos orgânicos do corpo que de outro modo permaneceriam invisíveis. Aqui, como em outros casos, o essencial são as unidades de medida: a dose, o ritmo das aplicações, a série, a cadência. Eu queria tornar-me desconhecido. Não pedi testosterona às instituições médicas como terapia hormonal para tratar uma “disforia de gênero”. Eu quis funcionar com a testosterona, produzir a intensidade do meu desejo em conexão com ela, multiplicar meus rostos metamorfoseando minha subjetividade, fabricar um corpo como se fabrica uma máquina revolucionária. Desfiz a máscara de feminilidade que a sociedade havia colado em meu rosto até que meus documentos de identidade se tornassem ridículos, obsoletos. Depois, sem escapatória, aceitei identificar-me como transexual e “doente mental” para que o sistema médico-legal pudesse me reconhecer como corpo humano vivo. Paguei com o corpo o nome que carrego (Preciado, 2020 [2019], p. 28-29).

¹² Há a an-arquitetura da desconstrução, e tem a ver com o próprio pensamento de Preciado, que vai se voltar à materialidade do corpo e à própria construção plástica dos corpos.

¹³ Essa introdução, que não existe nas edições anteriores, está disponível no Brasil desde 2022 pela ed. Zahar.

¹⁴ Paul teria, em sonho, organizado postumamente uma volumosa obra poética de Karl Marx, e na capa da publicação, aparecia escrito seu nome: Paul B. Preciado. Ele conta essa e outras histórias em entrevista a Jack Halberstam na plataforma inglesa ICA, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJge51E4WMY> (acesso em dezembro de 2023).

Nesse trecho se encontram várias chaves para pensar questões que nos interessam. Desde que começou-se a praticar a autoidentificação de gênero, em diversos contextos, que esse “designaram-me” e esse “diziam de mim”, tão antigos e costumeiros, recorrentes — gritam. Emerge, ganha espaço então a luta por inclusão social das pessoas dissidentes de gênero, travestis, transexuais e intersexo. A autodeterminação de gênero configura um direito que busca garantir às pessoas em toda sua diversidade a participação na vida pública, assim como os pronomes de tratamento da maneira como cada um/a/e se sinta mais confortável. Mas, voltando. “Diziam de mim” que era mulher; e assim tentei crer, antes de pensar em todos os sentidos da palavra, e sobretudo antes de saber que teria o direito de reivindicar algo diferente disso perante à sociedade. Pois. “Era vários”; somos. Sim. Também. “Eu sou o cosmos”, Preciado diz em outro momento.

O que é a identidade? Um modo de encarar a questão é assumir que estamos em constante movimento; não há fixidez para além das palavras que a supõem. Supomos. E a autoidentificação? Posto que é imperativo se autoneamar, ou então será nomeado por outrem (“designaram-me”, “diziam de mim”), um modo de escapar a isso que é imposto, sugerido, direcionado a si e não raro com violência, é adotar uma identidade como estratégia. Isso funciona para as lutas coletivas, é algo dito.

O que conta como pessoa? O que conta como um gênero coerente? Quem é qualificável para a cidadania? De quem é o mundo legitimado como real? Subjetivamente, perguntamos: quem posso me tornar em um mundo onde os sentidos e os limites do sujeito são definidos de antemão para mim? Quais normas me constroem quando começo a perguntar o que posso me tornar? E o que acontece quando começo a me tornar algo para o qual não há lugar no interior do regime de verdade instaurado? (Butler, 2022 [2004], p. 102).

Artifício de contexto: incorporar um vocabulário para lidar com o mundo — “traduzir nossa dissidência para a linguagem da norma” (Preciado, 2020 [2019], p. 25). *O mundo*, a pluralidade, a representatividade, as relações de poder, a palavra. Falologofonocêntrico esse mundo, dizia Derrida. Masculinista, como diz Virginie Despentes, alguém que viveu com Preciado e está presente por toda parte em sua obra. Tecnopatriarcal, diz ele. Mesmo lance.

Às vezes não condiz “aquilo que dizem de mim” ao longo da vida com o que eu “sou”, com o que eu sinto e faço; com o repertório com o qual mais me identifico. Se é uma questão de gênero, podemos chamar isso de transgeneridade, dissidência. Destoar, desfazer, reinventar, transitar, refazer... ir se fazendo e se desfazendo. Dissonância em um contexto de imposições, simplista, padronizado, que se pretende conforme. É bom se precaver de crenças em identidades

estáticas, forjadas que são. Assim como em alguma facilidade factível de se estar “confortável no próprio corpo” no mundo de hoje em que há pressão, avaliação, padrões e imposições por todos os lados. Mas, quando não é um problema com o gênero, quando o gesto de interpelação e nomeação condiz, e ressoa, de algum modo, comigo¹⁵; quando aquilo que “designaram-me” ao nascer não me incomoda enquanto gesto identitário, e de alguma forma me contempla, podemos chamar isso de cisgeneridade. Certo que há multiplicidade em ambas. Por caracterizarem-se, por si, em mais um dualismo, com base em um jogo de oposições. Nos debruçaremos sobre dicotomias, binarismos, outras nomeações e impasses mais à frente.

Preciado declara que quis experimentar, “funcionar” com a testosterona, sem recorrer a protocolos e tratamentos médicos, sem se afirmar transexual de antemão, mas sim “fabricar um corpo como se fabrica uma máquina revolucionária”. A sedução desse discurso me interessa. Sua proximidade com uma escrita libertária, que afinal é. Ouço ecos de Deleuze e Guattari, ouço imensidões. O modo como a vejo reverberando por aí, nas conversas, nas citações, nos usos e práticas que têm se multiplicado. Traz consigo uma enorme força de transgressão, de desejo, de experimento. Não me considero neutro diante de tal. Eu estou lendo. Junto. Estou vivo neste tempo. É importante escrever em primeira pessoa aqui, como o faz Preciado. O discurso aproxima. E também, a certa altura, perante tanto que nos rodeia, me parece ser possível apenas escrever desse modo, sobre essas questões. Escrevo como pesquisador, mas também como sujeito desse tempo. *Testo junkie*, publicado pela n-1 Edições no Brasil e esgotado por muito tempo, estava sendo vendido em sebos a coisa de 500, mil reais até recentemente, antes de enfim encontrar uma nova edição pela editora Zahar em 2023. O livro é um misto de autoficção com filosofia, teoria crítica e genealogia (remetendo a Foucault). Todas essas linguagens convivem, lado a lado, e são trançadas no livro. Subjetividades farmacopornográficas seríamos, produzidos em meio a tanto. Entraremos aí mais demoradamente, pensando a farmacopornografia de Preciado.

Em *Um apartamento em Urano*, a travessia que permeia a obra diz respeito ao autor, sujeito da fala, mas também ao contexto mundial, às guerras, às manifestações, às ruas, a uma transformação política de grandes proporções. Que no entanto se mostra na esfera micro, em micropolíticas de afeto, em estratégias de sobrevivência que se reinventam. O solo está

¹⁵ “Eu não chego ao mundo separada de um conjunto de normas que estão lá esperando por mim, já orquestrando meu gênero, minha raça e meu estatuto, trabalhando em mim, mesmo que como pura potência, antes do meu primeiro choro. As normas, as convenções, as formas institucionais de poder já estão agindo antes de qualquer ação que eu possa empreender, antes de existir um ‘eu’ que pense em si mesmo como fonte e lugar de sua própria ação” (Butler, 2021 [2015], p. 22).

movediço. “Não existem margens opostas. Estamos todos na encruzilhada”¹⁶. Nesse campo, é ferramenta útil aprender linguagens. Mais que isso, urge inventar novas linguagens, para escapar de monolinguismos (do outro, da entidade colonial)¹⁷. E os corpos se misturam a desejos capitais, a possibilidades, meios, tesouras, potências, substâncias, experimentações.

A viagem e a vida em Atenas me fizeram compreender que não sou eu que estou em mutação, mas que todos estamos mergulhados numa transição planetária. A ciência, a tecnologia e o mercado estão redesenhando os limites daquilo que é e será um corpo humano vivo. Hoje, esses limites não se definem apenas em relação à animalidade e àquelas que têm sido até agora consideradas como formas infra-humanas da vida (os corpos não brancos, proletários, não masculinos, trans, deficientes, doentes, migrantes...), mas também em relação à máquina, à inteligência artificial, à automatização dos processos de produção e reprodução. Se a primeira Revolução Industrial caracterizou-se, com a invenção da máquina a vapor, por uma aceleração das formas de produção, a atual Revolução Industrial, marcada por engenharia genética, nanotecnologia, tecnologias da comunicação, farmacologia e inteligência artificial, afeta em cheio os processos de reprodução da vida. O corpo e a sexualidade ocupam, na atual mutação industrial, o lugar que a fábrica ocupou no século XIX. Existe uma revolução dos subalternos e dos apátridas em marcha e, ao mesmo tempo, uma frente contrarrevolucionária lutando pelo controle dos processos de reprodução da vida. Nos quatro cantos do mundo, de Atenas a Kassel, de Rojava a Chiapas, de São Paulo a Joanesburgo, é possível sentir não apenas o esgotamento das formas tradicionais de fazer política, mas também a emergência de centenas de milhares de práticas de experimentação social, sexual, de gênero, política, artística... Diante do aumento dos poderes edipianos e fascistas, surgem as micropolíticas da travessia (Preciado, 2020 [2019], p. 39-40)¹⁸.

Como lidar com esse cenário, onde se encontrar, a que direcionar energia, seria grande demais para essa dissertação. É apenas um panorama. Um lampejo do que está por vir, se é que se pode prever algo; um flash instantâneo, uma selfie do momento presente. Sob certo ponto de vista, que é vasto. De alguém que se mantém em trânsito, entre viagens, há muitos anos. Preciado é, de certo modo, apenas um interlocutor, mas me interessa olhar para os lugares que ele aponta, para as práticas. Seus aspectos políticos, as questões éticas que desperta, dizem

¹⁶ PRECIADO, 2020 [2019], p. 30.

¹⁷ Cf. DERRIDA, Jacques. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2001 [1996].

¹⁸ A esse trecho da introdução de *Um apartamento em Urano*, escrita em 2018, segue-se a crônica “Dizemos revolução”, abrindo o livro, originalmente publicada no jornal Libération em março de 2013 e em diversas edições menores espalhadas, com traduções oficiais e não oficiais. “Somos o parlamento pós-pornô, uma nova internacional somatopolítica feita de alianças sintéticas e não de vínculos identitários”, ele diz ao final (Preciado, 2020 [2019, 2013], p. 48). Preciado foi curador de programas públicos na mostra internacional de arte contemporânea Documenta 14, de Kassel (Alemanha), realizada excepcionalmente em Atenas (Grécia) na edição de 2017. Ali, ele esteve a cargo do “Parlamento dos Corpos” (*Parliament of the Bodies*), que explorava formas de coabitação pós-identitária e ação política, formando seis “Sociedades de Forma Aberta” (*Open Form Societies*). Em *Filosofia política nas ruas: antes e depois de 2013*, minha monografia de conclusão de curso no Bacharelado em Filosofia na UFRJ, de 2023, com orientação de Rafael Haddock-Lobo, eu parto de “Dizemos revolução” e *Corpos em aliança e a política das ruas*, de Judith Butler, para pensar os movimentos das praças de 2010/2011 pelo mundo e seu desdobramento nas manifestações de 2013 no Brasil, tensionando com uma bagagem teórica de filosofia política.

respeito à tecnociência, e como ela adentra corpos, se faz presente, e se mistura a identidades, se torna direito, reivindicação coletiva, medicalização. Questões surgem daí, demandas coletivas, debates bioéticos em alguns casos. É importante dizer, lembrar, que não são as intervenções hormonais ou cirúrgicas que tornam uma pessoa trans. Há quem creia assim, a questão pode mesmo estar aberta a entendimentos variados.

As pessoas preexistem, se sentem, se percebem, transitam. Dizem coisas delas, apontam, nomeiam. Então elas próprias se renomeiam, se procuram, se reinventam. E experimentam. No caso de Preciado, ele diz que em determinado momento seus documentos não remetiam mais à pessoa em que ele se apresentava fisicamente, e isso começou a gerar inúmeros problemas em aeroportos, fronteiras. Seu uso da testosterona teve início em 2004, na forma de gel, em dosagens baixas, que ele aumentou adiante. Seu novo nome foi retificado e publicado no diário oficial da Espanha em 2016. Lembrar que cada experiência é única. “Cada pessoa que sabe de si”, se diria nesse mundo, individualizado. Sim e não. Estamos no mesmo barco, cada qual a seu modo, com múltiplas variações de como é conviver, múltiplos lados, múltiplas experiências.

Como é lidar com tantas afirmações políticas, científicas, médicas, midiáticas, teóricas, artísticas e afetivas ao se reconhecer uma pessoa dissidente de gênero, hoje?

1. A LÍNGUA

1.1 Vulnerabilidade, gênero e desejo

Abrir o caminho do texto apontando rasuras, rastros, reinvenções e alguns tropeços, atropelos, também. É comum a práticas corporais contemporâneas, tanto do ocidente quanto do oriente, o lido com a gravidade, o peso do corpo. No aikido, arte marcial japonesa, os rolamentos servem de treino para que se saiba usar a energia da queda para se levantar. Cair é parte do treino. E quase tudo é uma questão de equilíbrio, energia, relação. Abro este ensaio recomeçando diversas vezes, às vezes encontrando resistência em recomeçar. Um percurso acidentado, reencontrado, que se põe aqui com a proposição de fazer com que estas palavras possam, ainda que com gestos mínimos, cutucar, com leveza, alguns lugares em que se parece não poder tocar. A escuta dos silêncios faz parte do processo. Mas essa escrita é o que se faz preciso para que esses silêncios sejam de alguma maneira quebrados, movimentados, questionados.

Há uma vulnerabilidade inerente em quem não pode recorrer à própria família, à própria comunidade — social, jurídica ou o estado de direito — para defender a própria existência. No trato cotidiano e social, ou ao lidar com qualquer órgão público, encarregado da gestão da vida e que deveria promover cuidado e assistência, nos deparamos com um funcionamento orientado por valores morais que guiam seus protocolos. Um impasse: as definições do que é humano pairam sobre um pretenso universal: masculino, cisgênero, heterossexual, branco.¹⁹ O paradigma da diferença sexual é binário, tomando como natureza única e verdade supostamente inalterável a diferença dual entre os sexos.

Para um corpo que foge a essa norma — seja porque é racializado, de sexualidade ou gênero dissidente, feminino em qualquer de suas formas, deficiente, imigrante ou invisibilizado pelo motivo que for, o desafio se apresenta. As políticas, as leis e as práticas são criadas coletivamente, mas enfrentam, para tal, toda essa bagagem conservadora, de matriz cisheteropatriarcal, falogocêntrica e branca, que está no cerne das sociedades com quais lidamos, hoje, no Brasil e em diversas partes do mundo. Diante disso, algumas estratégias são criadas — e às vezes institucionalizadas — a partir de um instinto de vivibilidade, do que é preciso fazer para que certas vidas sejam possíveis de ser vividas. A coletividade, organizada

¹⁹ Poderia-se acrescentar, ainda, europeu, magro, não deficiente etc.

através da criação de instituições, é uma estratégia notável nesse sentido. Que também contribui para que sejam consolidados discursos unívocos²⁰ a respeito de reivindicações coletivas.

Em *Desfazendo gênero*, publicado em 2004 nos EUA (e no Brasil apenas em 2022, ocasião em que tive a oportunidade de trabalhar na revisão da tradução, coordenada pela profa. Carla Rodrigues, da UFRJ), Judith Butler traz uma gama de abordagens sobre questões pertinentes sobretudo às vidas de pessoas dissidentes de gênero, no sentido de experiências que fogem à normatividade. Também diz da experiência do “*vir a se desfazer*”, um movimento forte que pode se dar a partir do confronto com concepções normativas de gênero. Consideramos a noção de performatividade²¹ e que todos os gêneros são “feitos”, de diferentes maneiras e repetidamente, a todo o tempo.

Butler começa: “Se o gênero é uma espécie de fazer, uma atividade incessante que performamos, parcialmente não-consciente e involuntária” (Butler, 2022 [2004], p. 11), ele está distante de automatismos, e se trata, portanto, de um improviso diante de um constrangimento. “Além disso, não ‘fazemos’ o gênero a sós. Estamos sempre ‘fazendo’ com e para alguém, mesmo quando esse outro é imaginário” (ibid., p. 11-12).

Embora ser de certo gênero não implique uma direção específica para o desejo, ainda assim, há, contudo, um desejo que é constitutivo do próprio gênero e, como resultado disso, não temos uma maneira rápida ou fácil de separar a vida do gênero da vida do desejo. O que quer o gênero? Falar assim pode parecer estranho, mas o tal estranhamento diminui quando percebemos que as normas sociais que constituem nossa existência carregam desejos que não se originam em nossa personalidade individual. A questão fica ainda mais complexa pelo fato de que a viabilização de nossa personalidade depende, de modo fundamental, dessas normas sociais (ibid., p. 12).

Quando escreve sobre desejo, Butler parte inicialmente de um desejo encontrado na leitura da *Fenomenologia do espírito*²² de Hegel — ainda que ali desejo seja “mencionado

²⁰ Penso aqui na ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais, mas pode se dar em quaisquer órgãos ou organizações que se propõem a representar um grupo de pessoas.

²¹ Cf. BUTLER, *Problemas de gênero*, 1990. Butler desenvolve o conceito de performatividade de gênero com base na teoria dos atos de fala de Austin, a partir da leitura de Derrida em “Assinatura acontecimento contexto”. Nas palavras dela: “Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são *performativos*, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções do sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados” (Butler, 2021 [1990], p. 244).

²² Cf. HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003 [1807].

apenas ocasionalmente”²³, ela diz. *Subjects of desire*²⁴, ou *Sujeitos do desejo*²⁵, foi sua tese de doutorado publicada em 1987, três anos antes de *Problemas de gênero*. A tese carrega o subtítulo de *Reflexões hegelianas na França do século XX*, e faz um estudo de Hegel a partir dos comentadores Alexandre Kojève e Jean Hyppolite, em uma leitura da recepção francesa do autor. “A tradição hegeliana liga o desejo ao reconhecimento”, diz Butler²⁶, como desejo de reconhecimento. Por “uma perspectiva fenomenológica, devemos entender essa jornada do desejo com algo encontrado na experiência”²⁷. Nessa experiência do reconhecimento, uma pessoa é “constituída como um ser socialmente viável”²⁸. Citando as palavras de Hegel, “consciência de si em geral é Desejo (*Begierde*)”²⁹. A afirmação fica mais interessante quando se define desejo como “a necessidade de se tornar outro para si mesmo para se conhecer”³⁰. A *reflexividade* da consciência.

Se o desejo é uma busca tácita por identidade, então a experiência do desejo deve ser um meio de colocar o problema da identidade; quando desejamos, colocamos a questão do lugar metafísico da identidade humana — em alguma forma pré-linguística — e, na satisfação do desejo, a questão é respondida para nós. De fato, o desejo é um modo interrogativo de ser, um questionamento corpóreo da identidade e do lugar (Butler, 1987, p. 9, tradução nossa).

Mas, Butler alerta, anos depois (2004) — trazendo um amadurecimento de sua análise conceitual sobre a questão do reconhecimento: o desejo de reconhecimento vai se deparar com as articulações sociais, as normas que regem a própria categoria do que é considerado humano. “Se sou [de] certo gênero, ainda serei parte da humanidade?” (Butler, 2022 [2004], p. 13), ela pergunta. O conceito de humanidade em operação, a disputa que oscila entre exclusão e inclusão, toca em questões fundamentais como respeito e a própria viabilidade da vida. Inteligibilidade; ser ou tornar-se inteligível. As normas também “fazem” a nós, enquanto sujeitos, na medida em que tenho que manejar com elas para obter reconhecimento.

²³ BUTLER, 1987, p. 7, tradução nossa.

²⁴ Cf. BUTLER, Judith P. *Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France*. Nova York: Columbia University Press, 1987.

²⁵ Até a data da escrita dessa dissertação, a tradução brasileira oficial ainda não havia sido publicada, embora se encontre no prelo. Cf. BUTLER, Judith. *Sujeitos do desejo: Reflexões hegelianas na França do século XX*. Tradução de Beatriz Zampieri, Carla Rodrigues, Gabriel Lisboa Ponciano, Nathan Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

²⁶ BUTLER, 2022 [2004], p. 12.

²⁷ BUTLER, 1987, p. 9, tradução nossa.

²⁸ Ibid.

²⁹ (§167). HEGEL apud BUTLER, 1987, p. 7, tradução nossa.

³⁰ BUTLER, 1987, p. 7, tradução nossa.

“Se não me reconheço como ‘ela’, isso significaria que falho em reconhecer que alguém busca me interpelar com esse pronome?”³¹, pergunta Butler já em 2015. A interpelação, o gesto de ser interpelado, faz parte do convívio e do se relacionar. O endereçamento de uma fala, seja ou não para mim. “A tarefa é ver que o que chamamos ‘independência’ é sempre estabelecido através de um conjunto de relações formativas que não desaparece simplesmente quando a ação acontece”³², elu diz. Não estamos sozinhos. Somos interdependentes³³. “Se meu fazer é dependente do que é feito a mim ou, melhor, dos meios pelos quais sou feita pelas normas, então a possibilidade de minha persistência como um ‘eu’ depende da minha capacidade de fazer algo com o que é feito a mim” (Butler, 2022 [2004], p. 14).

Nós temos agência sobre a realidade que acessamos, sobre a vida que vivemos, mas ela é limitada por algo que já estava ali antes da nossa chegada. E o modo como nos constituímos como sujeitos, nesta sociedade, é ou costuma ser generificado. Fluir entre os gêneros, prescindir de um gênero, se desidentificar, são gestos radicais de rompimento com uma base que se imprime na ordem das coisas. Algumas pessoas se agarram violentamente a essas normas, produzindo um não reconhecimento ou manifestações de ódio perante às existências dissidentes, ou mesmo à mera sugestão da possibilidade de ser diferente daquilo que o esperado.

Preciado, em “A coragem de ser você mesmo”:

Desejo que lhes falte força para repetir a norma, que não tenham energia para continuar fabricando identidade, que percam a determinação de continuar acreditando que seus papéis dizem a verdade sobre vocês. E quando tiverem perdido toda a coragem, loucos de covardia, desejo que inventem novos e frágeis usos para seus corpos vulneráveis. É por amá-los que os desejo frágeis e não corajosos. Porque a revolução atua através da fragilidade (Preciado, 2020 [2019], p. 142).

Cultivar um tipo de força criativa que seja permeável, vibrátil³⁴, que não se deixe esmorecer perante às intempéries de se estar vivo, nem se fechar. Um fracasso³⁵, uma fragilidade plena, um movimento sublime que se permite oscilar. Reinventando-se, continuar. Butler nos lembra que o gênero é “histórico e performativo”, e “no entanto, permanece em uma relação tensa com algumas das versões da diferença sexual”³⁶. Sabemos que o desejo pode nos

³¹ BUTLER, 2021 [2015], p. 31.

³² BUTLER, 2021 [2015], p. 29.

³³ Cf. BUTLER, Judith. *A força da não-violência; Vida precária*. Ver “Bases para a proposição ético-política de Judith Butler”. Dissertação de mestrado de Ana Luiza Gussen, orientação de Carla Rodrigues, PPGF/IFCS/UFRJ, 2023.

³⁴ Pensamos aqui no conceito de “corpo vibrátil” que usa Suely Rolnik a partir de *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, 1989.

³⁵ HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Recife, PE: Cepe Editora, 2023 [2011].

³⁶ Ibid., p. 27.

levar por caminhos desconhecidos que sequer imaginávamos, e que, a depender das condições que encontremos no trajeto, das companhias, da quantidade de dinheiro, das possibilidades de reconhecimento e das chances de prosperar, ou até mesmo da própria sedução do percurso, vislumbremos uma ou mais saídas. E quanto às saídas, ou caminhos, colocamos a pergunta sobre como tecnologias contemporâneas e biomédicas se endereçam à sexualidade e ao gênero. Considerando que “se a tecnologia é um recurso que algumas pessoas querem acessar, ela também é uma imposição da qual outras pessoas buscam se libertar” (Butler, 2022 [2004], p. 29).

Um lugar importante de ser lembrado, o qual foi extensivamente estudado por Michel Foucault, é o de que “a tecnologia é um lugar de poder” (ibid., p. 28), ao que Butler acrescenta, “compreendida como falocêntrica em seus objetivos” (ibid., p. 29), e “em que o humano é produzido e reproduzido” (ibid.). No entanto, “se algumas pessoas trans argumentam que seu próprio senso de pessoalidade depende do acesso a tecnologias que garantam certas alterações corpóreas” (ibid.)³⁷, a experiência não é a mesma para todas as pessoas trans. Há tantos caminhos diversos para se chegar a um entendimento de si quanto existem pessoas. Aqui falamos de gênero e sexualidade. Talvez seja da própria linguagem, ao buscar criar inteligibilidade sobre uma experiência de vida, ou da leitura social decorrente dessa linguagem, ou antes, dos corpos que portam a língua, uma redução dos conceitos, a criação de supostos padrões. O mesmo pode ocorrer nos centros de atendimentos.

1.2 Poder, diversidade e diferença

Se olharmos para a pesquisa de Jack Halberstam, narrada em seu livro *Trans** (2018), cuja tradução acaba de ser publicada no Brasil³⁸, em que a experiência do próprio autor se mistura a diversos casos distintos, com reivindicações e narrativas igualmente distintas, não há possibilidade de se falar de uma experiência única, ou que todas as experiências de pessoas autodeclaradas trans (na qual se incluem não binárias, agênero etc.) sejam semelhantes. Mesmo considerando quem procura o sistema de saúde em busca de tratamento, como na tese de Rodrigo Borba, que por meio da linguística aplicada analisou performances narrativas e

³⁷ Butler continua, nesse trecho, dizendo que “por outro lado, algumas feministas argumentam que a tecnologia ameaça tomar o lugar da produção de pessoas, criando o risco do humano se tornar nada mais que um efeito tecnológico” (ibid.), assunto que preferimos não desdobrar aqui, neste momento.

³⁸ HALBERSTAM, Jack. *Trans: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero*. Tradução de Rafael Leopoldo. São Paulo: Editora Devires, 2023.

trajetórias de socialização no processo transexualizador no SUS, Brasil, ele conclui por fim que “nos microdetalhes interacionais das consultas, os entendimentos dos/as usuários/as sobre suas subjetividades e corporalidades são gradualmente eclipsados pelo construto diagnóstico de ‘transexual verdadeiro’” (Borba, 2014, p. 7). Assim, ele fala na despatologização da transexualidade como um caminho para “valorizar suas múltiplas e contingentes formas de autodeterminação de gênero, desbancando, assim, a necessidade de um diagnóstico” (Borba, 2014, p. 7).³⁹

Halberstam está em diálogo com Preciado, que está em diálogo com Butler. *Eu sou o monstro que vos fala: relatório para uma academia de psicanalistas* (2022 [2020]), de Preciado e dedicado a Butler, talvez uma das primeiras publicações a falar em pessoas não binárias, ainda entre aspas, cita o recente reconhecimento político-civil do gênero não binário⁴⁰ em um número crescente de países (nos quais se inclui o Brasil). E que a própria filósofa Judith Butler (que responde pelos pronomes *they/them*, além *she/her*, no inglês) se registrou no estado da Califórnia, nos EUA, como do gênero não binário. Tento replicar os pronomes tal como tem sido praticado nas traduções brasileiras, mas restam questões.⁴¹

Outra autora que convidamos para esta conversa é Monique Wittig, conhecida pela sua citação “lésbicas não são mulheres”, da obra *The straight mind* (1992), traduzida oficialmente por *O pensamento hétero*⁴², no Brasil, somente em 2022. Queria ter lido esse texto antes. É importante, senão curioso, observar quem são os leitores/as de uma feminista lésbica estadunidense, autora de outros livros como *O corpo lésbico* e *As guerrilheiras*. Quantos homens cisgênero heterossexuais será que leem feministas lésbicas? E transfeministas? Mulheres (essa categoria tão complexa)? Quantas pessoas estão lendo esses escritos, no geral? Pois trago aqui, de *O pensamento hétero*, um curto ensaio que dá nome ao livro, o primeiro parágrafo:

³⁹ Hoje, passados dez anos da pesquisa de Borba, ao menos em algumas localidades já são disponibilizados no SUS tratamentos atentos à singularidade de cada pessoa, escutas atentas a experiências não binárias e adaptações para cada um/a/e, dispensando estereótipos.

⁴⁰ Constante como “sexo” não binário em documentos de identificação, até o presente momento (2023), embaralhando as noções de sexo e gênero nas categorias de classificação/distinção social em uso. Nos passaportes, contudo, pode-se apenas incluir um “X” no referido campo. O que é um ganho enorme.

⁴¹ O debate sobre linguagens não binárias e inclusivas de gênero, ou “neutras”, é ainda bastante recente, ainda que extenso, inclusive e fortemente em formas de combate por parte de grupos conservadores. Cabe uma reflexão mais aprofundada sobre assunto. No âmbito desta pesquisa, sendo possível no contexto acadêmico, creio que faça todo sentido utilizá-la.

⁴² O termo *straight*, do inglês, também carrega um sentido do que é “reto, padrão, direito, convencional, que segue determinada ordem e faz parte do tradicional”, como aponta a nota do editor na tradução.

Nos últimos anos, em Paris, a linguagem como fenômeno dominou os sistemas teóricos modernos e as ciências sociais e adentrou as discussões políticas dos movimentos de libertação das lésbicas e mulheres. Isso ocorreu porque a linguagem está ligada a um importante campo político em que o que está em jogo é o poder, ou, mais que isso, uma rede de poderes, já que há uma multiplicidade de linguagens que atua constantemente sobre a realidade social. A importância da linguagem em si como problema político só apareceu recentemente. Mas o imenso desenvolvimento da linguística, a multiplicação das escolas de linguística, o advento das ciências da comunicação e o rigor técnico das metalinguagens que essas ciências utilizam representam os sintomas da importância dessa questão política. A ciência da linguagem invadiu outras ciências, como a antropologia, por meio de Lévi-Strauss, a psicanálise, por meio de Lacan, e todas as disciplinas que se desenvolveram com base no estruturalismo (Wittig, 1992 [2022], p. 55).

Tirando o “em Paris”, eurocêntrico, da língua francesa povoada tanto por autores diaspóricos como por grandes cânones do pensamento europeu, não há nada no texto que seja relevante apenas a quem se insere na categoria de lésbicas, exceto, talvez, no que toca as relações de poder e dominação praticadas por meio da linguagem. O falocentrismo se inscreve na própria linguagem, e no ensaio, mais uma vez (considerando a obra de Preciado, de Butler) o discurso psicanalítico é posto “no divã”.

Como diz Preciado em 2019 à academia de psicanalistas: “As senhoras e senhores já não podem recorrer aos textos de Freud ou de Lacan como se eles tivessem um valor universal, não situado historicamente, como se não tivessem sido escritos no interior dessa epistemologia da diferença sexual” (Preciado, 2022 [2020], p. 85). Preciado chama à atenção para a necessidade não só de situar historicamente a epistemologia da diferença sexual, e não tratá-la como lei universal, surda à diversidade de experiências e dos corpos ditos “monstruosos”, ou todos aqueles que escapam a suas normas e padrões (queer, intersexuais, transgênero, pansexuais etc), mas sobretudo para o reconhecimento da diferença sexual como um regime político, do heteropatriarcado colonial. Wittig: “Esses discursos de heterossexualidade⁴³ nos [lésbicas e homossexuais, em suas palavras, à época] oprimem uma vez que nos impedem de falar a não ser que falemos nos termos deles. Tudo o que os coloca em questão é imediatamente tido como rudimentar” (ibid., p. 59). Isso reverbera ainda hoje, fortemente. Mais adiante, para pontuar:

Sim, a sociedade hétero é baseada na necessidade do diferente/outro em todos os níveis. Ela não funciona econômica, simbólica, linguística ou politicamente sem esse conceito. Essa necessidade do diferente/outro é ontológica para todo o conglomerado de ciências e disciplinas que chamo de pensamento hétero. Mas o que é o diferente/outro senão o dominado? (Wittig, 2022 [1992], p. 63).

⁴³ “A homossexualidade estará presente nos manuais psiquiátricos do Ocidente como doença sexual até 1975 e ainda é uma noção central não somente nos discursos da psicologia clínica, mas também nas linguagens políticas das democracias ocidentais” (Preciado, 2020 [2019], p. 26).

E, *naturalmente*, “o conceito de diferença entre os sexos constitui ontologicamente as mulheres em diferentes/outros. Os homens não são diferentes, tampouco os brancos e os senhores. Diferentes são os negros e escravos” (ibid., p. 64). E Preciado salienta, na “Carta de um homem trans ao antigo regime sexual”, último texto em *Urano*, que “a heterossexualidade não é somente, como ensina Monique Wittig, um regime de governo: é também uma política do desejo⁴⁴” (Preciado, 2020 [2019], p. 314). E desenvolve: “Essa forma de servidão sexual repousa numa estética da sedução, numa estilização do desejo e numa coreografia do prazer. Esse regime não é natural: trata-se de uma estética da dominação historicamente construída e codificada, que erotiza e perpetua a diferença de poder” (ibid.).

Ah, mas poderia-se argumentar, quanto ao sexo — relembro Preciado diante da academia de psicanalistas, na qual não havia declaradamente sequer um homossexual na plateia, sequer uma pessoa trans — “mas e a questão da materialidade do corpo?” Ora, recuando desta vez a Butler, na abertura de *Bodies that matter* (1993), traduzido por *Corpos que importam* (2020), em que a “matéria” do título desaparece, perdendo sua dupla significação: “Há alguma maneira de vincular a questão da materialidade do corpo à performatividade de gênero? Como a categoria ‘sexo’ figura no interior dessa relação?” (Butler, 2020 [1993], p. 15). Pois ela acrescenta, imediatamente: “Consideremos primeiramente que a diferença sexual é muitas vezes invocada como uma questão de diferenças materiais. Entretanto, a diferença sexual é sempre uma função de diferenças materiais que são, de alguma forma, marcadas e formadas por práticas discursivas” (ibid.). Bingo. Política e linguagem mostram suas garras.

1.3 Deslocamento, grama

Se considerarmos, portanto, uma escuta, e um deslocamento dessa fala enquanto poder, discurso, de quem abre a voz e porta a linguagem, produzindo saber sobre si mesmo e a própria experiência, uma transformação transcorre, abrindo caminho para o surgimento de novas epistemologias. Preciado: “Essa mudança de paradigma poderia marcar a passagem da ‘diferença sexual’ (uma oposição binária, quer seja pensada como dialética ou como complementar, como dualidade ou como dual) a um número interminável de diferenças, de

⁴⁴ Uma perspectiva, considerando a leitura de Butler, seria olhar para a dialética do senhor e do escravo em Hegel. Cf. HEGEL, 1807, op. cit; cf. BUTLER, 1987, op. cit.

corpos e de desejos não identificados e não identificáveis” (Preciado, 2022 [2020], p. 83). Não se trata de *neutralizar* diferenças, mas de fato de compreender e celebrar “uma proliferação de práticas e de formas de vida” (ibid., p. 84):

Quando falo de uma nova epistemologia, não me refiro unicamente à transformação de práticas tecno-científicas, mas também a um processo de ampliação radical do horizonte democrático para reconhecer como sujeito político todo corpo vivo sem que a designação sexual ou de gênero seja a condição de possibilidade desse reconhecimento social e político. A violência epistêmica do paradigma da diferença sexual e do regime patriarco-colonial está sendo posta em questão pelos movimentos feministas, antirracistas, intersexo, trans e *handi-queer* [interseccionalidade entre o movimento queer e PcD], que reivindicam um reconhecimento como corpos vivos, plenos de direito, daqueles, daquelas e *daquelus* que haviam sido marcados como politicamente subalternos (Preciado, 2022 [2020], p. 84).

Essa produção de saber sobre si, feita por sujeitos cujos corpos foram subalternizados, tidos como monstruosos, já ocorre de maneira crescente nos últimos anos. A ponto de não ser mais possível ignorar. Como diz Preciado, trata-se de uma posição de “insubmissão epistemológica” (PRECIADO, 2022 [2020], p. 86). E quanto a insubmissão, há um interessante resgate de uma tragédia da Grécia arcaica, sobre a qual se debruça Butler no ano 2000, há mais de vinte anos, e que também acaba de sair no Brasil em nova tradução (2022). Se trata de *A reivindicação de Antígona*, em referência à personagem que protagoniza a peça de Sófocles, e lhe dá nome. A nova edição brasileira conta com um prefácio de Berenice Bento, socióloga da UnB reconhecida por estudos e publicações em torno e em defesa de transexuais e da população LGBTQIA+. O prefácio carrega no título “a desobediência como dever ético”. E a descrição que Bento traz da obra é a de que “pode ser lida como o clamor⁴⁵ de Judith Butler para resgatar a filha/irmã de Édipo dos abutres teóricos que retiram lascas de sua existência sem escutá-la” (Bento *in* Butler, 2022 [2000], p. 12).

Em um comentário sobre a análise da *Antígona* de Sófocles feita por Lacan, Bento pergunta: “Se Antígona dirige-se para a morte porque não interiorizou o simbólico, qual o destino que lésbicas, gays, transexuais e travestis devem ocupar no mundo social? A inexistência de categorias que conferem inteligibilidade social condena essas existências à morte?” (ibid., p. 15). E provoca, adiante: “As possibilidades abertas para novas ontologias não se limitam a uma análise da psique e de suas estruturas, mas estão articuladas com dimensões exteriores às psiques: as normas sociais e as relações de poder daí derivadas” (ibid.).

⁴⁵ Há no Brasil uma tradução anterior da mesma obra intitulada *O clamor de Antígona* (2014). Contudo, Jamille Pinheiro Dias, que assina a nova tradução com revisão técnica de Carla Rodrigues, atesta em nota da edição que “o termo ‘reivindicação’ é mais acurado como tradução do substantivo inglês ‘claim’” (Dias *in* Butler, 2022 [2000], p. 8).

Teremos de convidar Derrida e sua *Gramatologia* para a conversa, que já está presente, espectralmente, o tempo inteiro nesta escrita. Mas ainda, e também, com Wittig, Preciado e Butler, seguimos no prefácio de Bento mais um pouco:

Não faz sentido — depois de novas gramáticas de reconhecimento terem sido estruturadas e da emergência de novos sujeitos políticos que trazem para o espaço público o debate sobre a legitimidade dos gêneros e sexualidades dissidentes — seguir insistindo que há posições simbólicas Mãe/Pai mediante às quais qualquer psique deve ser estruturada, independentemente da forma social assumida pelo parentesco. Ao estruturar a organização da psique nos termos da posição binária Pai/Mãe, a heterossexualidade torna-se a única possibilidade — e as múltiplas variações de gênero e sexualidade que demandam existência em atos de reconhecimento no mundo público são patologizadas. As teses lacanianas são, portanto, parte da heteronormatividade (ibid., p. 15-16).

Novas gramáticas. Outros termos. Reconhecimento. Escuta. São nesses lugares que este trabalho se propõe a tocar, habitar, caminhar com eles, pensando nas experiências de gêneros e sexualidades dissidentes. Entre, ao redor, entremeios da linguagem figura, timidamente, a palavra “liberdade”, no texto de Preciado à academia de psicanalistas. Butler toca nela também hora ou outra em *Desfazendo gênero*⁴⁶. Há um risco ao se falar em “liberdade”. Uma série deles. De entendimentos liberalistas a libertários (os quais pode-se dizer radicalmente distintos em suas proposições) a uma infinidade de confusões e utopias. Como algo por demais além, impossível de ser alcançado. Por isso, Preciado opta, em rasura, pelo termo “saída”. Ter encontrado uma saída, que é em si outra jaula. Acho que aqui o que proponho é repensar essas jaulas. Ou considerar múltiplas saídas, e seus impasses, contenções, entaves, processos, aberturas. Por em jogo não somente as normas, putrefatas, lancinantes, mas também as estratégias de vida diante delas; perguntar “e se”, “ou”, trazendo por vezes um “mas também”. Falar pela nossa diferença⁴⁷, pela minha, pela múltipla, inspirades por Pedro Lemebel, bicha chilena *terceiro-mundista*, tão querida de Preciado, em seu tempo, em pleno 1968. Contemporaneamente, mas também em tempos circulares, simultâneos, *aion*, *kairós*. Atravessar.

Para que a comunicação seja possível, é indispensável considerar a necessidade de se empenhar em práticas de tradução. Estamos lidando com muitos vocabulários, cada qual trazendo sua bagagem política, epistemológica. E com uma disputa política de grandes

⁴⁶ Neste caso considerando, ainda, que no inglês há certa diferença de sentido entre *liberty*, individual, e *freedom*, coletivo, falando rapidamente sobre os usos dos dos termos, que se diluem na mesma palavra em português.

⁴⁷ “Manifesto (Falo pela minha diferença)”, In: LEMEBEL, Pedro. *Poco hombre: escritos de uma bicha terceiro-mundista*. São Paulo: Zahar, 2023.

proporções. Mesmo que não *dominemos* a língua da psicanálise, por exemplo, ou as dos feminismos⁴⁸, indispensáveis no gesto de considerar a teoria queer (e o termo em si) e pensar dissidências, ou as línguas da desconstrução, de filosofias, de eixos regionais, de culturas e periferias — a abertura à escuta, às vozes outrora desconsideradas ou pouco audíveis, é crucial. Essa escuta inclui, ou antes, começa com escutar o próprio corpo. Sim. Escutar a si, e ao redor. As vozes pressupõem uma corporalidade. Tudo isso deve participar do texto, se fazer presente. Os trajetos. As trajetórias. Inclui mesmo um porvir. Como evoca Marcelo Moraes.⁴⁹

1.4 Existir em tradução

Anzaldúa nos convida a conceber que a fonte de nossa capacidade para transformação social deve ser encontrada precisamente em nossa capacidade de mediar entre mundos, de nos engajar em traduções culturais e em sustentar, pela experiência da linguagem e da comunidade, o conjunto diverso de conexões culturais que constituem quem somos. Pode-se dizer que, para ela, o sujeito é “múltiplo” em vez de unitário, e assim chegaríamos ao ponto de certa forma. No entanto, penso que seu ponto seja mais radical. Ela está nos convidando a permanecer na margem daquilo que conhecemos, a colocar nossas certezas epistemológicas em questão, e por esse risco e abertura, nos convidando a uma nova maneira de conhecer e de viver no mundo para expandir nossa capacidade de imaginar o humano. Anzaldúa está nos convidando a sermos capazes de trabalhar em coligações por meio de diferenças que irão realizar um movimento ainda mais inclusivo. O que ela está argumentando, então, é que somente através do existir no modo da tradução, da constante tradução, que podemos ter a possibilidade de produzir um entendimento multicultural das mulheres ou, na verdade, da sociedade. O sujeito unitário é aquele que já conhece previamente o que ele é, que entra na conversação do mesmo modo que ele existe, que falha em colocar suas próprias certezas epistemológicas em risco no encontro com o outro, e assim permanece no lugar, guarda seu lugar, e se torna um emblema para a propriedade e o território, *recusando a autotransformação, ironicamente, em nome do sujeito* (Butler, 2022 [2004], p. 382, grifo da autora).

No ensaio “A questão da transformação social”, em *Desfazendo gênero*, Butler traz essa reflexão a partir da obra de Gloria Anzaldúa, autora de *Borderlands/La frontera*, para em seguida trazer Gayatri Spivak. Se uma fala de um sujeito “múltiplo”, para a outra seria um

⁴⁸ Judith Butler abre o livro *Problemas de gênero* lidando logo com a treta “‘Mulheres’ como sujeito do feminismo”, em que questiona a ideia presumida “de que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres”, marcando um caminho desde Simone de Beauvoir, passando por Monique Wittig, Luce Irigaray e outras autoras. Ali, evoca Denise Riley: “Sou eu este nome?” (“*Am I that name?*”), questão que bell hooks também irá tratar em *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo*. Considero importante esclarecer que quando se fala em “feminismo”, lidamos com um repertório muito vasto, que extrapola qualquer noção de consenso, como poderia se pensar.

⁴⁹ Cf. MORAES, Marcelo. “A escuta por vir”, *In: Ensaio Filosóficos*, Volume XXIV – Dezembro/2021, p. 99-122.

sujeito fraturado. *Pode a subalterna tomar a palavra?*⁵⁰ “Questionar o sujeito é colocar em risco aquilo que conhecemos, mas fazer isso não por conta da emoção do risco, mas porque já fomos colocados em questão enquanto sujeitos. Como mulheres, já fomos severamente postas em dúvida: nossas palavras carregam algum sentido?” (Butler, 2022 [2004], p. 380). O sujeito “múltiplo” de Anzaldúa se define por “sua própria capacidade de cruzar as fronteiras” (ibid., p. 381). Preciado também se inspira nela quando fala de sua travessia, de suas múltiplas travessias⁵¹. Val Flores, *Deslinguada*: “saltou com sua língua afiada para cortar o mundo que lhe tinha sido atribuído” (Flores, 2021 [2010], p. 3).

Se coloca, sem dúvida, um enfrentamento a um contexto de violência, invisibilidade, disputa por direitos e narrativas, inteligibilidade, reconhecimento e, em última instância mas não menos cotidiana, sobrevivência. Quando falei em vida pouco antes, ou em viver, quis apontar para algo que não se resume à mera sobrevivência. Mas sabemos que há, além de assassinatos de corpos desviantes, ditos estranhos, também muitos suicídios. Não são poucos os estudos em torno disso. Quais são as vidas que são agraciadas com caber no conceito de humano, vidas dignas de ser vividas, vidas reais, vidas múltiplas, vidas prazerosas? A questão do prazer permeia a obra de Preciado, em outros termos, mais apropriadamente o gozo. Está em questão gozar de uma vida plena. Transitar, ser ouvido. Cruzar fronteiras em paz. Afiar sua língua. Transitar entre os códigos da linguagem, fazê-los ser não só possíveis, como maleáveis, apropriáveis, *se infiltrar* nas estruturas caducas e mambembes dos sistemas políticos, dos cânones.

1.5 Ser capaz de rir diante de

Uma chave que considero importante enquanto estratégia, e gozo, é o humor, a risada. As guerrilheiras cantam: “Os gritos os risos os movimentos/ elas afirmam triunfantes que/ todo gesto é subversão” (Wittig, 2019 [1969], p. 5). Butler dedica um trecho de *Problemas de gênero*⁵² para falar da gargalhada. Há o riso de Foucault, a gargalhada famosa de Bataille, a

⁵⁰ Cf. Spivak, 1988. Em tradução recente portuguesa, de Portugal (Orfeu Negro, 2021), o título aparece no feminino, o que faz sentido quando se lê: *Pode a subalterna tomar a palavra?* (no Brasil, *Pode o subalterno falar?*). Neste caso, o universal masculino é apenas pressuposto, visto que na língua inglesa não há gênero no título original: *Can the subaltern speak?* Dado o conteúdo do livro, não é um detalhe apenas.

⁵¹ Cf. PRECIADO, *Um apartamento em Urano*, 2020 [2019].

⁵² De fato, já na introdução há uma advertência: “rir de categorias sérias é indispensável para o feminismo” (Butler, 2021 [1990], p. 9). E lembra do filme *Problemas femininos* (*Female trouble*, 1974), do peculiar cineasta John Waters, estrelado pela drag queen Divine, que também protagoniza *Hairspray: éramos todos*

gargalhada de Hercúline, e o riso da Medusa, em que Hélène Cixous “rompe a plácida superfície constituída pelo olhar petrificante, deixando claro que a dialética do Mesmo e do Outro se dá em conformidade com o eixo da diferença sexual” (Butler, 2021 [1990], p. 180). E segue:

Mas há, é claro, Irigaray, que denuncia a dialética do Mesmo e do Outro como um falso binário, a ilusão de uma diferença simétrica que consolida a economia metafísica, do falocentrismo, a economia do mesmo. Em seu ponto de vista, tanto o Outro como o Mesmo são marcados como masculinos; o Outro é apenas uma elaboração negativa do sujeito masculino, com o resultado de que o sexo feminino é irrepresentável — ou seja, é o sexo que, nessa economia significativa, não o é. Mas não o é também no sentido de que escapa à significação unívoca característica do Simbólico, e de que não é uma unidade substantiva, mas sempre e somente uma relação indeterminada de diferença na economia que o representa como ausente. Trata-se do sexo que não é “um”, no sentido de que é múltiplo e difuso em seus prazeres e seu modo de significação (ibid. p. 180-181).

É preciso, urgentemente, ir além de feminino e masculino. Superar essa convenção, e sua conseqüente suposição de que uns corpos são assim, outros são assado, e tudo se resume ao que se **pressupõe** que se possa fazer com cada um deles, de sua sexualidade, de suas vidas e de sua performatividade. Os corpos constantemente se fazem. A gargalhada ri da normatividade. A gargalhada ri das tentativas de apreensão desse múltiplo em discursos unívocos, uniformes, lineares. O riso vem do estilhaçamento daquilo que se quereria estático, apreensível, domado, assimilado, consolidado: a tradição, os costumes, os pressupostos, a norma, as leis, a *natureza*. Me recordo mesmo de Heráclito, que dizia que é possível ser e não ser ao mesmo tempo. Escapar da epistemologia da diferença sexual, dos sistemas pretensamente binários, da opressão, lutar contra essas forças tão frequentemente acachapantes, aniquiladoras, e encontrar na criação, na comunidade, na multiplicidade e a na liberdade, ainda que enquanto utopia (Butler fala efetivamente de uma filosofia da liberdade), uma força, uma necessidade. E não falamos de um assunto repentinamente novo, urgente somente há pouco, a uns poucos, ou ainda apenas de um porvir:

não se trata meramente de produzir um novo futuro para gêneros que ainda não existem. Os gêneros que tenho em mente têm existido há um longo tempo, contudo não foram admitidos nos termos que governam a realidade. Trata-se de desenvolver, dentro da lei, dentro da Psiquiatria, dentro da Teoria Social e Literária, um novo léxico

jovens (*Hairspray*, 1988), do mesmo diretor. Este último, uma divertida obra ambientada nos anos 1960 “cuja personificação de mulheres sugere implicitamente que o gênero é uma espécie de imitação persistente, que passa como real” (Butler, 2021 [1990], 9). Cópia sem original: “A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo ..., uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver; em vez disso, ela investiga as apostas políticas, designando como origem e causa categorias de identidade que, na verdade, são efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos e difusos” (ibid., p. 9-10). A busca, em *Problemas de gênero*, é por um descentramento, tendo em vista as instituições do falocentrismo e da heterossexualidade compulsória.

de legitimação para a complexidade de gênero, na qual sempre temos vivido. Pelo fato de as normas que governam a realidade não terem admitido essas formas como sendo reais, nós vamos, por necessidade, chamá-las de novas. No entanto, quando e se assim o fizermos, espero que possamos gargalhar conscientes disso. A concepção de política em jogo aqui é centralmente relacionada à questão da sobrevivência, sobre como criar um mundo no qual as pessoas que compreendem seu gênero e seu desejo como sendo não normativos possam viver e florescer não só sem a ameaça de violência a partir do exterior, mas também sem o sentimento pervasivo de sua própria irrealidade, o qual pode levar ao suicídio ou a uma vida suicida (Butler, 2022 [2004], p. 367).

“Mas, Sísifo precisa ser feliz”, nos bem lembra Moraes (2021, p. 88)⁵³. É preciso pôr em prática “uma ética do tesão, do prazer, da satisfação, do orgasmo, da felicidade e do amar, o que não descarta, na verdade, que ela esteja sempre espectralizada pela tristeza, pela decepção etc.” (ibid.). Uma ética que implique em ativar as potências transformadoras do corpo, do relacionar-se, do existir politicamente, da voz, do trânsito, do movimento, do gozo. Desfrutar da vida, não apenas viver reivindicando aquilo que lhe seja mínimo; “florescer”, como diz Judith Butler. É certo que Preciado age constantemente segundo uma ética semelhante, em sua busca incessante, *irrecuperavelmente otimista e revolucionária*.⁵⁴ Então, de novo, falar de estratégias, quais. Encontrar, decifrar alguns caminhos a partir de sua escrita, e de tantos pares, e de escritas de corpos dissidentes do sul, ativar ferramentas e imaginações, trânsitos. Para lidar com o jogo da linguagem, da política, da produção de realidades e, em última instância, na produção de vivibilidades tangíveis e dançáveis na complexidade do mundo.

1.6 Desconstruir o jogo

A secundariedade, que se acreditava poder reservar à escritura, afeta todo significado em geral, afeta-o desde sempre, isto é, desde o *início do jogo*. Não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas significantes, que constitui a linguagem. O advento da escritura é o advento do jogo*; o jogo entrega-se hoje a si mesmo, apagando o limite a partir do qual se acreditou poder regular a circulação dos signos, arrastando consigo todos os significados tranquilizantes, reduzindo todas as praças-fortes, todos os abrigos do fora-de-jogo que vigiavam o campo da linguagem. Isto equivale, com todo rigor, a destruir o conceito de “signo” e toda a sua lógica. Não é por acaso que esse transbordamento sobrevém no momento em que a extensão do conceito de linguagem apaga todos os limites. Como veremos: esse *transbordamento* e esse apagamento têm o mesmo sentido, são um único e mesmo fenômeno. Tudo acontece como se o conceito ocidental de linguagem (naquilo que, para além da sua plurivocidade e para além da oposição estreita e problemática entre fala e língua, liga-o *em geral* à produção fonemática ou flossemática, à língua, à voz, à audição, ao som

⁵³ MORAES, Marcelo. “Comer bem como experiência de encantamento”, *In*: ABATIRÁ, UNEB, v2, n. 4, jul-dez, 2021, p. 77-100.

⁵⁴ Ver conversa entre Caetano Veloso e Paul B. Preciado na Festa Literária Internacional de Paraty de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNtY-0AUMXY> (acesso em dezembro de 2023).

e ao sopro, à fala) se revelasse hoje como a forma ou a deformação de uma escritura primeira (Derrida, 2008 [1967], p. 8-9, grifos do autor).

A linguagem como problema político encontra então a escritura, o falologofonocentrismo dominante como estratégia de jogo, entranhado nas estruturas da tradição metafísica ocidental. Recorrer a Derrida é ir em busca de ferramentas para adentrar esses labirintos da linguagem, trazer sua presença espectralmente em diálogo com tantas vozes silenciadas, por uma “transformação do silêncio em linguagem e ação”, como disse Audre Lorde⁵⁵. E por ação, há uma infinidade de percursos, meios, danças, tecnologias, artimanhas possíveis. A proposta metodológica a que me proponho a adotar nesta pesquisa é a da desconstrução, com base na filosofia de Jacques Derrida. Situado “fora de sítio”, abandonando qualquer tradição metafísica, e sim operando a partir das noções de indecidíveis, quase-conceitos e brisuras, busco de alguma forma “não me orientar conscientemente no pensamento”, com Rafael Haddock-Lobo, que se aproxima da filosofia de Derrida com o que chama de um “pensamento úmido”⁵⁶. Com Lévinas, Haddock-Lobo nos traz ao pensamento de Derrida ao mencionar

não uma teoria política, mas uma teoria do conhecimento, uma ausência de arché que seria fundamental a um pensamento ético: uma des-orientação na qual o sentido é o Outro (o que, como pretendo mostrar ... , desemboca em uma quase inevitável disseminação, se não se toma este outro ao pé da letra, como o outro ôntico) (Haddock-Lobo, 2007, p. 83).

Com Derrida, me parece cabível, *de uma certa maneira*, um recuo ao lidar com o outro, um tatear, partindo então de uma inversão e um deslocamento. Com inversão me refiro a dar voz a tudo aquilo que encontre, porventura se encontre “recalcado, reprimido, abafado, marginalizado”, tendo em vista uma construção de sociedade baseada no falo-logofonocentrismo⁵⁷, cisheteropatriarcal, que se confronta e provoca mal-estares constantes naquela que chamamos de comunidade LGBTQIAPN+. Nos interessa escapar estruturas binárias, estruturas de dominação do capital, estruturas; e deslocar “oposições para além da dicotomia da metafísica dualista”⁵⁸. E, se Derrida é aqui um ponto de partida, sua filosofia, encarada sob uma perspectiva feminista, nos situa e *desorienta* no pensamento, este que busca ser atravessado mais longamente por transfeminismos, abordagens teóricas descoloniais que tanto urgem ao

⁵⁵ Cf. LORDE, *Irmã outsider*, 2019 [1984].

⁵⁶ Cf. HADDOCK-LOBO, Rafael. *Para um pensamento úmido: A filosofia a partir de Jacques Derrida*. Tese de doutorado. PUC-RJ, 2007.

⁵⁷ Cf. DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2008 [1967].

⁵⁸ HADDOCK-LOBO, 2007, p. 86.

tratar do tema do gênero e da sexualidade, que toca aspectos de vida e da gestão contemporânea do desejo.

A noção de *pharmakon* em Derrida, a partir da *Farmácia de Platão*, já citada por Preciado em *Testo junkie*, pode ser uma chave para apontar caminhos. A escritura como *pharmakon*. As questões que trouxemos aqui em torno de fala, voz, ferramentas. *Texto junkie*. Abrir caminho, abrir a boca, criar verso com outras maneiras de agir com a textualidade, com o corpo, com o pensamento, com a estruturas políticas do jogo da linguagem. Abrem-se, assim, outras formas de lidar com a noção e a percepção de corpo — e de saúde, por conseguinte. Falamos de estratégias, em abertura.

2. OS NOMES

2.1 Notas sobre a práxis contrassexual em trânsito

Este é um texto escrito no meio da rua, com muito barulho. Calçada, esquina, faixa de pedestres, tráfego (de carros, motos, bicicletas, eixos que variam conforme o ritmo que assumimos, em coletivo). Pés de diferentes transeuntes, cada um deles trazendo um fragmento de narrativa, de memória, de trajetória de vida. Nesse percurso estendido *indoors*, pandêmico, remoto, o espaço da casa se tornou largo, no sentido de abrir-se a inúmeras vozes (online) mais do que nunca, de encerramento do corpo (ao mesmo tempo em que evidencia o mesmo), de vícios difusos, um certo habituar-se a frustrações, aprender a olhar (cuidar dos olhos), reaprender a (se) ouvir, reaprender a participar. De andar, mexer as pernas, sobretudo enfatizo meu quarteirão, meu bairro e arredores, por necessidade, alcançar — contexto muito diferente daquele que vivi e tenho buscado equilibrar ao longo dos últimos anos, ou de toda a vida. Um dos sentidos em que me sinto próximo de Preciado, essa relação com habitar diferentes lugares, repertórios e territorialidades, sem exatamente pertencer a nenhum. Travessias. Viver em trânsito.

E só acredito numa escrita que parta do corpo. Ou, ao menos, posso dizer que é a maneira como consigo agir, tocar as coisas, fugir de automatismos. Dar-se a descobrir. Se a filosofia, para além de sua história, autorreferência e elaboração, reflexão, é antes de tudo sobre não saber, a filosofia pode ser lida (ou tratada) como uma espécie de dança. Não à toa, e me admiro, na introdução à edição estadunidense do *Manifesto contrassexual*, de 2018⁵⁹, Paul B. Preciado apresenta a obra como descendente não só de Michel Foucault, Gilles Deleuze, Donna Haraway, Jacques Derrida, Monique Wittig e Judith Butler, como o sabíamos, mas também de Yvonne Rainer, coreógrafa, além de autores literários como Ursula Le Guin e Alfred Jarry, Ann Halperin, do artista Marcel Duchamp e do próprio Jack Halberstam, que assina o prefácio da edição. Há uma filosofia que escuta e olha para o corpo, a materialidade tanto do livro quanto

⁵⁹ Publicado tardiamente nos Estados Unidos, vindo depois de *Testo junkie* e *Pornotopia*, esta edição de 2018 do *Manifesto contrassexual* [*Countersexual manifesto*] contém algumas atualizações acordadas com o autor, além da tradução da versão espanhola do texto, publicada inicialmente em 2002 (a primeira é de 2000, em francês, que foi ampliada posteriormente). A edição ainda inclui um prefácio de Jack Halberstam e a referida introdução, inédita, que traz um olhar mais recente sobre o texto, atualizando algumas discussões. A tradução brasileira, publicada em 2014 e reeditada em 2017 pela n-1, também é da versão espanhola de 2004. Em 2022, a ed. Zahar republicou a obra no Brasil incluindo a introdução traduzida.

de quem escreve e vive e estabelece relações. E é nela que estamos imersos, que habitamos. Como o *Apartamento em Urano*, em pleno movimento.

2.2 Livro-dildo, livro-práxis

Nessa introdução ao Manifesto, escrita na França em 2018 e publicada inicialmente em inglês, encontramos diversas pistas, ou chaves de leitura, que evocam conexões úteis para pensar a contrassexualidade e as ideias que ela trabalha, como a dildotectônica: “contraciência que estuda o surgimento, a formação e a utilização do dildo” (Preciado, 2017 [2004], p. 49). Nela, Preciado diz: “Como um dildo, um livro é uma tecnologia cultural assistida de modificação de um corpo sexual”. (Preciado, 2018a, p. 2)⁶⁰ E completa: “Nesse sentido, este livro, também, é um dildo. Um livro-dildo e um livro sobre dildos que pretende modificar o sujeito que venha a utilizá-lo.” (ibid.)⁶¹ O trecho se refere à história da escrita de *120 Dias de Sodoma*, do Marquês de Sade, cujo manuscrito fora escrito em 1785 durante a prisão do escritor na Bastilha. Sabe-se que, durante esse período, Sade se masturbava mais de seis vezes ao dia, escrevendo com uma letra de tamanho mínimo sobre diminutos pedacinhos de papel, por sua vez armazenados dentro de um dildo de madeira confeccionado por sua esposa, Renée-Pélagie, e utilizado para a masturbação. O livro-dildo *120 Dias de Sodoma*, ocultado dentro da parede de pedra, seria resgatado mais de um século depois, em 1904, por Arnoux de Saint-Maximin, e publicado sob a alcunha de um pseudônimo.

Desde a epígrafe, com um ensaio de Georges Bataille sobre economia, a introdução do *Manifesto contrassexual* já anuncia que se trata de um livro-práxis, com uma energia em ebulição. “Este manifesto é a resposta furiosa e impertinente à castração heterocolonial da multiplicidade radical do ser vivo e das formas de produção de desejo e prazer”. (Preciado, 2018a, p. 5)⁶². “Ele não começa com um chamado à revolução, mas com a constatação de que nós somos a revolução que já está acontecendo.” (ibid., p. 4)⁶³ Contra toda normatividade e paralisia, o livro aponta para uma política radical de vida, ruptura, abertura e experimentação. Escrito na forma de manifesto, inspira-se na produção crítica dos movimentos de vanguarda russos, europeus, americanos e africanos, os quais, segundo o autor, se baseiam da convicção

⁶⁰ Tradução nossa.

⁶¹ Tradução nossa.

⁶² Tradução nossa.

⁶³ Tradução nossa.

de que é preciso pensar a política, nesse caso a do corpo e da sexualidade, com os instrumentos que a imaginação artística oferece. “Um manifesto é um dildo político flamboyant e hiperbólico” (Preciado, 2018a, p. 16)⁶⁴.

Preciado conta que, apesar das várias citações de Derrida, Foucault, Deleuze, Butler e Wittig, dentre tantas outras, o *Manifesto* não foi escrito como uma obra acadêmica, mas sim como um experimento. Teria funcionado como “uma técnica ficcional” que o permitiu “iniciar um processo de devir-outro que ainda está em andamento”. (Preciado, 2018a, p. 2) Esse devir-outro [*becoming-other*]⁶⁵, por certo se relaciona, em parte, à sua transição de gênero: “Eu era, de fato, outra pessoa quando escrevi esse livro. Meu nome jurídico era Beatriz, eu era supostamente uma mulher, as pessoas me identificavam como uma lésbica queer, e eu tinha vinte e oito anos” (ibid., p. 13). Em *Testo junkie*, publicado inicialmente em 2008⁶⁶, Preciado desenvolve este misto de pesquisa (empírica e teórica) e de escrita de si, sobre o qual diz:

Este livro não é uma autobiografia, mas um protocolo de intoxicação voluntária à base de testosterona a respeito do corpo e dos afetos de B. P. Um ensaio corporal. Uma ficção, na verdade. Se for preciso levar as coisas ao extremo, é uma ficção autopolítica ou uma autoteoria (Preciado, 2018 [2008], p. 13).

2.3 Nomes próprios “postos em jogo”

Derrida, na conferência que deu origem à publicação *Otobiografias*⁶⁷, lê Nietzsche a partir de *Ecce homo*, isto é, a partir do que ele fala de si, daquilo que seria sua autobiografia, renomeada por Derrida otobiografia — em uma leitura em referência ao ouvido, à escuta, mas também ao testemunho de um acontecimento, de maneira permeável e labiríntica, em que o sentido se mistura na compreensão de o que seria “eu” e “outro”, ou “eu” e “além”, evadindo-se de uma lógica de opostos. Derrida: “Pôr em jogo seu nome (com tudo o que nele está comprometido e que não se resume a um *eu*)” (Derrida, 2021 [1976], p. 27). *Ecce homo: como*

⁶⁴ Tradução nossa.

⁶⁵ Podemos facilmente relacionar a Deleuze & Guattari e os devires descritos em Mil Platôs (ed. bras. Vol. 4). E, no que aparenta ser uma conta recente ou de pouco uso de Instagram do autor, se lê: *Haecceidad; hacceidades*, no português (um conceito de D&G encontrado no mesmo capítulo). Ver: <https://www.instagram.com/paulbpreciado/> (acesso em 19 de março de 2022).

⁶⁶ Ed. bras. n-1 edições, 2018.

⁶⁷ Ed. bras. Zazie edições, 2021.

*se tornar o que se é*⁶⁸, a obra, atravessa escritos de Nietzsche até o momento de sua publicação, aos 44 anos, em retrospectiva, escuta e releitura.

Ora, o nome de Nietzsche talvez seja, para nós, no Ocidente, o daquele que foi o único (talvez com Kierkegaard, e com Freud, mas de outro modo) a tratar a filosofia e a vida, a ciência e a filosofia da vida com seu nome, em seu nome. O único, talvez, a pôr em jogo seu nome — seus nomes — e suas biografias. Com quase todos os riscos que isso implica: para “ele”, para “eles”, para suas vidas, seus nomes e seu porvir, e singularmente para o porvir político disso que ele deixou por assinar (Derrida, 2021 [1976], p. 26).

A questão dos nomes próprios “postos em jogo” me chama à atenção na escrita de Preciado, pois, ao tomar sua própria experiência como objeto, a partir do dildo, no *Manifesto*, da testosterona e da própria vida, em *Testo junkie* (como diferenciar ambas, a vida e a experiência? ... o testemunho e o ato?) — vem a ter com os nomes próprios. Como gesto corriqueiro, como parte do corpo (do texto), como parte da testemunha. Em *Testo junkie*, nos capítulos em que se dedica a narrar experiências sexuais — textos que poderiam facilmente ter sido publicados em algum blog na internet, ou como cartas — se refere à sua amante e companheira, Virginie Despentes (a escritora e pós-pornógrafa, também com sua vida de algum modo *pública*) nominalmente, diretamente, não só em algum contexto dito erudito, em citação, mas no sentido próprio da vida, com nome e sobrenome: V. D. Sim, só que não. Os nomes B. P. (Beatriz Preciado, como ainda assinava à época da primeira publicação do livro, 2008) e V. D. aparecem assim, abreviados⁶⁹, quando estamos em um dos capítulos dedicados à “vida”, à experiência sexual e afetiva com a testosterona, e portanto, em um formato menos acadêmico de escrita. “Virginie Despentes”, o nome, aparece por extenso somente quando se trata diretamente de uma citação — a uma obra, à autora.

Este recurso utilizado, a abreviação, opera muito menos no sentido de esconder o que quer que seja, pois o sabemos, está explícito de muitos modos, em muitos cantos. Talvez, uma questão de *estilo*⁷⁰. “Virginie”, aqui, aparece na dedicatória, depois “Virginie Despentes” na menção de autoria, “V. D.” na dimensão do encontro (afetivo, sexual, cotidiano); sua *Teoria King Kong* (por sua vez, seu relato de vida) está sempre ali em diálogo. Em *Um apartamento em Urano*, Despentes assina o prefácio, em que fala da separação, das trajetórias que os unem

⁶⁸ Esse subtítulo, *Como se tornar o que se é*, aparece traduzido em variações, e há mesmo edições em que ele não aparece, se mantendo presente no interior da leitura.

⁶⁹ Nietzsche também assina como F.N. no prefácio de *Ecce homo*, ao que Derrida diz: “Esse nome é já um falso nome, um pseudônimo e um homônimo que viriam dissimular, sob a impostura, o *outro* Friedrich Nietzsche” (Derrida, 2021, p. 30).

⁷⁰ Cf. DERRIDA, Jacques. *Esporas: os estilos de Nietzsche*, 2013 [1978].

e separam, do vínculo que permanece. Preciado, *Testo junkie*: “Sobre a perfeição queer e sobre como V. D. faz tudo da melhor maneira possível” (Preciado, 2018 [2008], p. 336). Para ele, uma definição de sua teoria: “Este é o momento em que defino os princípios deste conhecimento farmacopornográfico” (ibid., p. 335). A frase cita uma obra de Leibniz, *Discurso sobre a metafísica e a monadologia*. Experiência, vida, sexualidade e teoria estão o tempo todo entrelaçadas.

Em uma “reflexão sobre os limites do construtivismo”⁷¹ de gênero, em que está em jogo uma superação de clássicos dualismos como sexo/gênero e natureza/cultura — ou natureza/tecnologia —, Preciado se refere à sua práxis como “certa forma de materialismo ou empirismo radical queer” (ibid.). Abrindo “linhas de deriva”⁷² ao apontar a sexualidade como “parte de uma história mais ampla das tecnologias”⁷³, e seguindo Foucault⁷⁴ quanto à necessidade de se voltar para as práticas — “modos pelos quais o corpo é construído e se constrói como ‘identidade’”⁷⁵, Preciado irá inaugurar no *Manifesto* a sua teoria do dildo, na qual figura a imagem da *dildo-sapa*: “não é uma identidade sexual entre outras ... e sim a última identidade sexual possível. Depois do dildo, tudo se torna contrassexual” (Preciado, 2017 [2004], p. 86).

Muito mais do que estar restrito à análise dos usos de um objeto, o que o autor aponta é que tudo pode ser um dildo. A dildotectônica, ou as “práticas de inversão contrassexual”, se constituem como uma espécie de contramanual ilustrado, com diversas sugestões práticas descritas ao modo de um livro de receitas, em que o dildo se desloca pela superfície do corpo, podendo encarnar, interna ou externamente, qualquer uma de suas regiões ou de seus membros.

Preciado é bastante claro ao falar de sua experiência com o dildo, que ele afirma ter sido radicalmente diferente de abordagens tanto feministas quanto lacanianas. Ambas compartilhavam uma visão do dildo como mau significante, sempre em relação a uma suposta lógica de castração ou desejo de incorporar uma forma fálica de masculinidade. Em uma manobra radical e elucidativa, o *Manifesto* irá expor que o dildo, como o *perigoso suplemento*⁷⁶ de Derrida, “mostra que o significante que gera a diferença sexual está capturado em seu próprio

⁷¹ PRECIADO, 2017 [2004], p. 95.

⁷² Ibid., p. 94.

⁷³ Ibid., p. 97.

⁷⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2006 [1988].

⁷⁵ PRECIADO, 2017 [2004], p. 95.

⁷⁶ DERRIDA, 2008 [1967].

jogo. A lógica que o instituiu é a mesma que lógica que o vai trair”⁷⁷. A escritura, o desejo, as tesouras⁷⁸.

2.4 Filosofia, poesia e política

O sujeito da contrassexualidade é pós-gênero, e pós-identitário. Trata-se de um convite a uma experimentação de afeto e exercício de liberdade. Para além dos movimentos identitários, inscritos sob a sigla LGBT⁷⁹, o que Preciado propõe com a contrassexualidade, e reafirma nessa introdução, é uma reconfiguração da relação entre desejo e corpo, tecnologia e consciência. Em menção à cultura DIY, *do-it-yourself*, do punk e das tecnologias livres, ele sugere experimentar com novas práticas de emancipação sexual coletiva e de governo de si sexual.⁸⁰ “Eu estava interessado na gramática não-identitária que o dildo introduz nos corpos e sexualidades” (2018a, p. 7).⁸¹ Mais adiante: “A ontologia do dildo é pós-naturalista e pós-constructivista. A política do dildo é pós-identitária” (ibid., p. 9).⁸² Segundo ele, as teorias de gênero acabaram contribuindo para um apagamento do sexo e da sexualidade do gênero. Ao partir do dildo, um “alien” ou “ciborgue outro” em relação a regimes heterocentrados, a contrassexualidade se propõe a desfazer tecnologias políticas de automação sexual, determinismos normativos e “realismos” genitalistas. Encarar a sexualidade como uma estética política do corpo e do prazer, com certos aspectos inconscientes e que podem variar, se transformar, aprender novos vocabulários:

Sexualidades são como línguas: elas são sistemas complexos de comunicação e reprodução da vida. Como línguas, sexualidades são constructos históricos com genealogias comuns e inscrições bioculturais. Como línguas, sexualidades podem ser aprendidas. Múltiplas línguas podem ser faladas. Como é com frequência o caso no monolinguismo, uma sexualidade nos é imposta durante a infância, e ela assume o caráter de um desejo naturalizado. Nós somos treinados no monolinguismo sexual. É a língua que não conseguimos perceber como artefato social, aquela que nós entendemos sem conseguir ouvir completamente seu sotaque e melodia. Nós adentramos essa sexualidade através de atos médicos e jurídicos de designação de gênero; através de educação e castigo; através da leitura e da escrita; através do

⁷⁷ PRECIADO, 2017 [2004], p. 85.

⁷⁸ HADDOCK-LOBO, 2017.

⁷⁹ LGBTQIAPN+, que não cessa de incorporar novas letras. Há uma historicidade na construção do termo, e sem dúvida uma extrema importância de incluir todas as identidades e processos subjetivos inscritos sob a sigla. Mas, no caso da contrassexualidade, se trata de traçar um percurso distinto, pós-identitário.

⁸⁰ Ibid., p. 14.

⁸¹ Tradução nossa.

⁸² Tradução nossa.

consumo de imagens, mimetismo e repetição; por meio de dor e prazer. E, no entanto, poderíamos ter adentrado qualquer outra sexualidade em um regime diferente de saber, poder e desejo. Ainda assim, nós podemos aprender qualquer outra língua sexual com um senso de alienação e estranhamento maior ou menor, de alegria e apropriação. É possível aprender e inventar outras sexualidades, outros regimes de desejo e produção de prazer. Pensando na sexualidade como uma língua e uma estética, esse manifesto clama por uma superação do formalismo, do funcionalismo e do império da visão. A contrassexualidade é uma tentativa de se tornar estrangeiro à sua própria sexualidade e de se perder na tradução sexual (Preciado, 2018a, p. 8, tradução nossa).

“Procurem as bordas, os muros, os corredores” (Derrida, 2021 [1976], p. 33), diz Derrida em *Otobiografias*. Ele fala em considerar a beira, as artimanhas, a escrita como quebra-cabeças e enigma. Fala em máscaras, *contra* — o contranome — contrassexual, aqui, reinvenção, em recusa à norma dominante. Mas, muito diferente de uma contração, trata-se justamente de criar formas de liberar e ativar as forças produtivas dos corpos, de maneiras não anteriormente previstas, em coletivo, em experimentação.

No que tange o empirismo radical, inspirando-me em Preciado, digo-lhes de experiência: estive lá, e há muito, e agora cá estou, em corpo e leitura. Verter o corpo em filosofia. O toque da pele, dos (hoje, esparsos) contatos físicos com outros corpos, o movimento, o fluxo das ruas. Da criação de um sistema — e as maneiras que encontramos de burlá-lo, de mantê-lo ao mesmo tempo seríssimo e brincante, de construir desconstruindo. Antever suas estruturas, fissurar, tirar gozo dele. Derrida fala em “decriptar a filosofia”. Pois é o riso que mostrará a saída, a artimanha — considerar as pistas, as múltiplas camadas de leitura, de escrita, de tradução, em certa medida inscritas sob a ordem do texto.

A maneira como Preciado opera a desconstrução, incorporando esporas como tesouras e a lógica do suplemento, em diálogo com Derrida e Nietzsche, com bem aponta e desenvolve Haddock-Lobo⁸³, atravessa a contrassexualidade, que é inscrita nela “a golpes de dildo”⁸⁴. As forças da desconstrução poética entram em ação contra a violência do regime sexual e colonial na forma do que ele vem a chamar de “comunismo somático”. Uma porta de saída. A teoria pós-estruturalista e a arte da performance agem como dildos, como suplementos, aparatos culturais de afeto e imaginação para produzir um deslocamento, à maneira de Derrida. Isto é, de Preciado.

Um dildo político. Um livro. Depois da transformação do regime epistemológico reivindicada pela teoria queer e as feministas da segunda onda com a emancipação do gênero, agora é o regime do desejo que deve ser transformado, para descolonizar o corpo e a sexualidade.

⁸³ Op. cit.

⁸⁴ Como antes Nietzsche filosofava com o martelo.

Desconstruir a colonialidade⁸⁵ nos corpos. Preciado entende o desejo como um campo social fabricado, que pode se modificar pela metáfora e a imaginação, pela poesia e a experimentação somática. É hora de recorrer a tudo o que aprendemos com os movimentos artísticos e minoritários; aplicar uma pedagogia radical que nos leve a desaprender a disciplina da identidade sexual. Desgenerificar nossos afetos. Desidentificar-nos. Abraçar o desconhecido, a mistura, a recombinação e a criação de novos códigos moventes.

*Poesia é a única política. A mutação é intencional e a rebelião, somatopolítica⁸⁶. Um processo de emancipação coletiva que já está em curso. *Dysphoria mundi*.*

⁸⁵ Cf. HADDOCK-LOBO, 2020; MORAES, 2020.

⁸⁶ Cf. PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: el sonido del mundo derrumbándose*. Barcelona: Anagrama, 2022. p. 505.

3. CORPO, SUBSTÂNCIAS, CAPITAL

3.1 Políticas sexuais

Nós somos corpo e linguagem, em mistura. Matéria e composição subjetiva, criação, cultura. É interessante observar algumas contribuições de pesquisadores diversos que participam ou dialogam com as ciências biomédicas, pensando a corporalidade física em relação a concepções de sexo e gênero. Um entendimento que nada tem de *natural*, mas que vem sendo transformado ao longo do tempo. O sexo, majoritariamente entendido ainda a partir de uma perspectiva binária, ou dual, de opostos, é e tem sido construído historicamente.

Ainda que de maneiras que apontam caminhos distintos, há em diversas autorias uma discussão presente entre “materialidade” e “discurso” no que diz respeito a pensar a sexualidade. Gênero, enquanto categoria “discursiva” ou “social”, aparece como uma consequência do primeiro, por assim dizer, reproduzindo e demarcando na sociedade essa diferenciação binária, dual — e não raro, discriminatória e julgadora, em que um (masculino) com frequência é tido como referencial, primário, protagonista, em detrimento das qualificações do outro, feminino, seu subalterno.

Thomas Lacqueur aborda em *Inventando o sexo* (1992) o modelo de sexo único, vigente até o séc. XVIII na Europa, em que um (o homem) seria uma versão “aperfeiçoada” e externalizada (fisicamente, genitalmente) do outro, isto é, a mulher. Esta não corresponde à noção que mais tarde se consolidou em fins do séc. XIX, de dois sexos entendidos a partir de fisiologia e particularidades diferentes — ao ponto em que tudo passa a ser generificado, e a querer marcar diferença em oposição. “Como teria ocorrido a mudança que eu chamei de modelo de sexo único/carne única para o modelo dois-sexos/duas carnes?” (Lacqueur, 2001 [1992], p. 20), pergunta Lacqueur na introdução do livro. E segue: “O sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder” (ibid., p. 23). Mais à frente, delinea:

O sexo, como o ser humano, é contextual. As tentativas de isolá-lo de seu meio discursivo e determinado socialmente são fadadas a erro ... E acrescentaria ainda que o corpo privado, incluso, estável, que parece existir na base das emoções modernas de diferença sexual, é também produto de momentos específicos, históricos e culturais. Ele também, como os sexos opostos, entra e sai de foco (ibid., p. 27).

Dialogando com Michel Foucault, Judith Butler diz: “A categoria ‘sexo’ é, desde o início, normativa; é o que Foucault chamou de ‘ideal regulatório’. Nesse sentido, então, ‘sexo’ não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa” (Butler, 2020 [1993], p. 15). De fato, esse poder regulador da vida perdura, ainda hoje⁸⁷, notório nas mais diversas instâncias da vida social. Esta que sim, conserva marcadores das sociedades disciplinares que vão sendo, gradativa e lentamente, questionados e desafiados por dissidentes, ou pessoas que não cabem nas categorias previstas. Há pesquisas⁸⁸, que tratam de práticas reguladoras no esporte, âmbito em que controles biológicos são praticados sobre os corpos, contemplando desde as categorias de sexo/gênero até aquilo que ingerem.

Corpos intersexuais são notadamente invisibilizados, e com frequência “corrigidos” ainda recém-nascidos, não raro por pressão dos próprios familiares. Se a prática cultural dominante necessita distinguir os humanos (e os bichos) entre mulher e homem, fêmea e macho, feminino e masculino⁸⁹, qualquer variação que confunda essas noções é inicialmente vista como um problema a ser solucionado. Entra aqui uma questão bioética a ser debatida extensivamente quanto à postura dos profissionais de maternidades a cirurgias, diante de famílias e daquele ser que acaba de nascer, e que ainda sequer teve a chance de ser informado pela sociedade quanto ao seu comportamento e possibilidades de vida, considerando essa sobreposição de sexo e gênero como é frequentemente praticada.

Noto como uma discussão mais ampla acerca desses assuntos, trazendo existências intersexuais e também subjetividades transgênero e não binárias à tona, venha acontecendo de maneira gradativamente crescente. Mesmo que, no que diz respeito a aprofundamento e um tratamento cuidadoso, atento, se mantenha ainda restrita em sua maioria a um certo nicho de pessoas interessadas.

⁸⁷ Ainda que se possa atualizar esse conceito, como o fez Gilles Deleuze em chamar de sociedades de controle aquelas do séc. XX, mais complexas e virtualizadas.

⁸⁸ Como exemplos, cito Anne Fausto-Sterling no ensaio “Dualismos em duelo”, com tradução publicada no Brasil nos Cadernos Pagu. Cf. FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality*. Nova York: Basic Books, 2000. No que corresponde ao cap. 1 do livro, a autora traz um impasse encontrado nas Olimpíadas de 1988, em que a corredora Marina Patiño é chamada a comparecer ao “escritório central de controle da feminilidade” e ter seu material corporal coletado para um teste cromossômico. Este, para surpresa de todos, inclusive dela própria, expõe a descoberta de um cromossomo Y. Tratava-se de uma “síndrome de *insensibilidade ao andrógeno*”: um caso de intersexualidade. Passadas décadas, a pesquisadora Bárbara Gomes Pires, do CLAM/IMS/UERJ e NuSEX/PPGAS/UFRJ, publica na revista *Sexualidad, Salud y Sociedad*, em 2020, um artigo intitulado “O legado das regulações esportivas: diagnóstico e consentimento na elegibilidade da categoria feminina”, em que analisa essas práticas regulatórias.

⁸⁹ Chamado de dimorfismo sexual.

3.2 Comunicação hormonal

A distinção entre os sexos definida a partir de um parâmetro químico, os hormônios sexuais, “mensageiros do corpo”, só veio a ser consolidada no início do século XX⁹⁰. Desde o séc. XIX que os corpos das *mulheres*⁹¹ haviam se tornado objeto da medicina, ao ser estudados minuciosamente a partir de uma leitura generificada de toda a sua anatomia e subjetividade. Com a descoberta dos hormônios sexuais, e a subsequente sintetização do estrogênio e da progesterona em laboratório, os corpos ditos femininos passam a ser vistos como completamente controlados (e controláveis) por hormônios. Em contrapartida, a sintetização da testosterona, tida como o hormônio masculino por excelência, é bastante posterior, assim como são bem menos difundidos os seus usos e comercialização. E, se o estrogênio e a progesterona, “hormônios femininos”, são tidos como regulatórios (de natalidade, menstruais), a testosterona sintética aparece como um meio de “turbinar” a sexualidade, rejuvenescer, fortalecer e reavivar os corpos.

Preciado conta que, entre 1860 e 1910, período em que é elaborado o conceito de hormônio, coincide com o desenvolvimento e a invenção do telégrafo e do rádio. Com isso, é facilitada uma interpretação dos hormônios como um sistema de biocomunicação. “A endocrinologia pode ser lida como a biologização da teoria da difusão, distribuição e tratamento de informação — em um mundo que se torna progressivamente global” (Preciado, 2018 [2008], p. 173).

Semelhante ao processo de escrever na teoria da desconstrução de Derrida, o hormônio de Starling e Bayliss é um cartão-postal biológico, uma mensagem telefônica química, uma biochamada de longa distância. Isso nos confronta com uma nova maneira de entender a produção de poder e do sujeito, distinta daquela sugerida por Foucault na descrição dos mecanismos disciplinares ortopédicos e arquetônicos da prisão ou do panóptico. A teoria hormonal telecinemática é uma teoria de biomídia, uma teoria sobre a forma da comunicação na qual o corpo já não é só um meio de transmissão, distribuição e coleta de informação, e sim o efeito material desses intercâmbios semiótico-técnicos (ibid.).

⁹⁰ Cf. OUDSHOORN, 2005, p. 8.

⁹¹ Corpos com útero, definidos a partir de sua atividade reprodutiva e tidos como femininos.

3.3 Farmacopornografia

Preciado define a *farmarcopornografia* como um “regime pós-industrial, global e midiático” referente aos “processos de governo biomolecular (fármaco-) e semiótico-técnico (-pornô) da subjetividade sexual, dos quais a Pílula e a Playboy são dois resultados paradigmáticos” (Preciado, 2018 [2008], p. 36). Ele continua:

Se a ciência alcançou o lugar hegemônico como discurso e prática na nossa cultura, isso se deve, como notaram Ian Hacking, Steve Woolgar e Bruno Latour, a seu funcionamento como aparato discursivo-material da produção físico-corpórea. A tecnociência estabeleceu sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, intersexualidade e transexualidade em realidades tangíveis, que se manifestam em substâncias químicas e moléculas comercializáveis em corpos, em biótipos humanos, em bens tecnológicos geridos pelas multinacionais farmacêuticas. O sucesso da indústria tecnocientífica contemporânea consiste em transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade ou esterilidade em pílula, nossa aids em triterapia, sem que seja possível saber quem vem primeiro (ibid., p. 37).

Fôlego. Os exemplos se proliferam. As referências são ostensivamente presentes, expondo um *modus operandi* que se intensifica, tornando-se corriqueiro. Preciado se refere a esse mecanismo como um *feedback* performativo. E sintetiza:

A sociedade contemporânea é habitada por subjetividades toxicopornográficas que se definem pela substância (ou substâncias) que abastece seu metabolismo, pelas próteses cibernéticas e vários tipos de desejos farmacopornográficos que orientam as ações dos sujeitos e por meio dos quais eles se transformam em agentes (ibid., p. 37-38).

O autor segue com a afirmativa de que “não há nada a ser descoberto na natureza” (ibid., p. 38), construindo um raciocínio, já presente em seus escritos anteriores, como o *Manifesto contrassexual*, de que na “hipermodernidade punk” só resta a construção, a artificialidade, o agenciamento do aparatos técnicos e dos fármacos/drogas na materialidade do corpo. Assim,

Os hormônios, começando pelo estrogênio e pela progesterona, e seguidos pela testosterona, deixam de ter o status de moléculas para ganhar o de *pharmakon*, passando de silenciosas cadeias de carbono para se tornarem entidades biopolíticas que podem ser legalmente inseridas em um corpo humano de forma intencional e deliberada. Hormônios são bioartefatos feitos de cadeias de carbono, linguagem, imagens, capital e desejos coletivos (Preciado, 2018 [2008], p. 180).

O termo *pharmakon* faz ecoar *A Farmácia de Platão*, de Derrida, que toma emprestada a expressão grega do diálogo *Fedro*, de Platão. *Pharmakon* seria a droga, o remédio e/ou veneno, no qual ele já “se inseria no corpo do discurso com toda a sua ambivalência”.

O *pharmakon* seria uma *substância* — com tudo o que essa palavra pode conotar, no que diz respeito a sua matéria, de virtudes ocultas, de profundidade críptica recusando sua ambivalência à análise, preparando, desde então, o espaço da alquimia, caso não devamos seguir mais longe reconhecendo-a como a própria anti-substância: o que resiste a todo filosofema, excedendo-o indefinidamente como não-identidade, não-essência, não-substância, e fonecendo-lhe, por isso mesmo, a inesgotável adversidade de seu fundo e de sua ausência de fundo (Derrida, 2005 [1972], p. 14).

A mesma citação é evocada por Preciado em *Testo junkie*⁹², tecendo essa relação ao narrar os caminhos do *farmacopoder* e a instalação da hegemonia *farmacopornográfica*. Derrida continua: “Operando por sedução, o *pharmakon* faz sair dos rumos e das leis gerais, naturais ou habituais” (ibid., p. 14). Tendo, logo antes, sinalizado: “Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência do feitiço podem ser — alternada ou simultaneamente — benéficas e maléficas”⁹³ (ibid., p. 14).

Feitiçaria narcossexual (Preciado, 2018 [2008], p. 158). Se em Derrida o *pharmakon*, a partir do diálogo de Platão, é como agem as folhas da escritura, “que expulsa ou atrai para fora da cidade aquele que dela nunca quis sair”, isto é, Sócrates⁹⁴, em Preciado este assume a forma desses “bioartefatos feitos de cadeias de carbono, linguagem, imagens, capital e desejos coletivos” (Preciado, op. cit.). Desejos coletivos, ele diz.

3.4 Protocolo de intoxicação voluntária

É a partir dos escritos de Preciado que iniciamos essa investigação que toca sentidos, caminhos e usos de hormônios sintetizados por pessoas em princípio não previstas de os ministrarem em seus corpos (ou ao menos não com estas motivações). *Hackers* de gênero, como ele diz. Algumas pessoas trans, como dizemos hoje — sujeitos que não se identificam com o sexo e/ou o gênero que lhes foi atribuído ao nascer — arriscam-se a “atravessar a fronteira”

⁹² Comparando as edições publicadas em português no Brasil, as traduções do trecho diferem um pouco, entre o livro de Preciado (*Testo junkie*) e o de Derrida (*A farmácia de Platão*).

⁹³ É interessante acrescentar aqui o que diz Lucas Tramontano, farmacêutico e doutor em Saúde Coletiva pelo IMS/UERJ, em sua tese sobre testosterona. Ele diz: “Assim, considero que seja um problema responder à pergunta se testosterona faz mal. Primeiro, porque fará inevitavelmente, é uma ambiguidade inerente aos fármacos” (Tramontano, 2017, p. 381). Estava em Platão. E não é só poesia.

⁹⁴ DERRIDA, ibid., p. 15.

(nas palavras de Preciado) do sistema sexo-gênero e desafiar seus rígidos protocolos binários. Algumas dessas pessoas se hormonizam, transformando seus corpos. Acerca dessas categorias, afirma o autor:

Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês (Preciado, 2020 [2019], p. 28).

O tratamento dado a todo um extenso repertório contemporâneo de produção de subjetividade e tecnicidade levantado é trazido, em *Testo junkie*, na forma de uma genealogia⁹⁵ que remonta ao desenvolvimento da pílula anticoncepcional e às primeiras cirurgias de mudança de sexo, relacionando o fluxo acelerado das sociedades pós-industriais com o funcionamento do sistema endócrino do corpo humano (fluidos); os primeiros hormônios sintetizados e seus usos no controle sobre a fertilidade feminina não branca em países e classes periféricos; as descobertas científicas de novos materiais e a explosão da produção de filmes pornográficos e sua consolidação como uma das maiores indústrias do mundo.

Seguindo os postulados do regime farmacopornográfico, a sexualidade humana vai passar por uma “gestão técnica da masculinidade e da feminilidade”, incluindo “a medicalização do orgasmo e do desejo sexual, o telecontrole das funções de fantasia e da sexualidade etc.” (Preciado, 2018 [2008], p. 230). “A nova tecnologia cirúrgica” é aquela que “autoriza processos de construção tectônica do corpo, segundo os quais órgãos, tecidos, fluidos e, em última análise, moléculas são transformados em matérias-primas a partir das quais uma nova encarnação da natureza é fabricada” (ibid.). Não há fidelidade a uma taxonomia clássica que considere cada órgão ou tecido como correspondentes a uma única função, sequer localização. Desprendidas de um vínculo com a totalidade formal ou material do corpo, “a biotecnologia e as tecnologias protéticas combinam os modos de representação relacionados ao cinema e à arquitetura, como que moldando e editando em 3D⁹⁶” (ibid., p. 229-230). Longe de

⁹⁵ Se Michel Foucault escreveu *História da sexualidade* desdobrando o método genealógico proposto por Friedrich Nietzsche na *Genealogia da moral*, em *Testo junkie*, Paul B. Preciado intercala capítulos de autoficção e narração experiências sexuais a outros em que se dedica com densidade a uma genealogia do farmacopoder e da farmacopornografia. Ou, de fato, o que seria uma genealogia da transexualidade, apresentada do ponto de vista da sua relação mais íntima com a farmacologia, o capital pós-industrial e a tecnociência. Os aspectos subjetivos se configuram sobretudo na experiência individual, ainda que atuando nomeadamente embebida em desejos coletivos.

⁹⁶ Preciado retoma e desenvolve essa questão na seção da introdução do *Manifesto contrassexual* (*Countersexual manifesto*) intitulada “Impressão do sexo em 3-D”. Dali, parte uma nave espacial. Cf. PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro e Denise Bottman (introdução). São Paulo: Zahar, 2022 [2004, 2018].

se tratar, em Preciado, de discorrer sobre uma dicotomia entre orgânico e inorgânico, a diferenciação entre “bio-” e “tecno-” pretende ir muito mais além: “não estou avaliando uma passagem do biológico para o sintético, mas identificando a aparência de um novo tipo de corporalidade” (Preciado, 2018 [2008], p. 229).

Findo o extenso capítulo dedicado às estratégias de controle do *farmacopoder*, Preciado reflete sobre o uso (que faz) de esteroides:

Trata-se de saber se o que queremos é mudar o mundo para experimentá-lo com o mesmo sistema sensorial que temos, ou se é preciso mudar nosso corpo como filtro somático da percepção através do qual passa o mundo. O que é preferível: mudar de personalidade e guardar meu corpo, ou mudar de corpo e conservar meu modo atual de experienciar a realidade? Falso dilema. Nossas personalidades surgem dessa defasagem entre corpo e realidade (Preciado, 2018 [2008], p. 253-254).

A citação apresenta uma espécie de impasse, quiçá inconclusivo, sobre essa negociação entre corpo e percepção de si com a sociedade tal qual ela se apresenta (em linhas gerais, conservadora, normativa, binária etc.). E diante dos recursos disponíveis pela tecnociência e a indústria farmacêutica, a ação de transformar o próprio corpo, uma vez que “o mundo” mudaria muito mais lentamente. Preciado é muito claro no livro, citando desde a leitura da bula do *Testogel* que ministra em si, documentando o ato em vídeo e compartilhando-o anonimamente com uma comunidade trans na internet, quanto ao próprio histórico da sintetização e comercialização da testosterona, destinada a “aumentar a juventude, a força, o desejo sexual, o vigor e a energia vital” (Preciado, 2018 [2008], p. 182) de homens cis.

As transformações que o uso da testosterona provoca em um corpo designado mulher ao nascer, como o de Paul Beatriz, são ou serão muito distintas daquelas provocadas nos corpos de homens cisgênero? Há particularidades, mas penso nos corpos dos homens cis que participaram da pesquisa de Lucas Tramontano⁹⁷, ou nos homens cis que ministram testosterona com acompanhamento — e incentivo — médico, citados no livro de John Hoberman, *Testosterone dreams* (2005). No caso desses corpos, designados homens desde que nasceram, provavelmente com pênis e testículos, a testosterona é ministrada para “rejuvenescer” o corpo, aumentar o vigor, a força, a agressividade, o patriotismo... A lista de efeitos físicos se mistura e confunde a concepções convencionais de masculinidade, tais como “poder”, “inviolabilidade”, “motivação”, “iniciativa”, “atletismo”... Não à toa a constante fiscalização dos corpos de mulheres no esporte de competição, sendo este lugar, o do esporte, da destreza e

⁹⁷ De Tramontano, me refiro ao artigo “Otimizar o desempenho muscular e estético: interseções de diagnósticos, sintomas e desejos no uso da testosterona como aprimoramento” (2018) e à tese de doutorado *Testosterona: as múltiplas faces de uma molécula* (IMS-UERJ, 2017).

da força, historicamente visto como de legitimidade — e exclusividade, caso pudesse ser conservada — de corpos masculinos.

A testosterona é, e às vezes simultaneamente, remédio, tônico, medicamento, estimulante, narcótico, afrodisíaco, fatal, sistêmica, ilegal, exógena, natural, sintética, prescrita, masculina e até feminina. Seus usos estão constantemente num limiar, são frequentemente passíveis de questionamento. Ela é metonímia da masculinidade, mas também serve às mulheres e a corpos sem gênero. É, antes de qualquer coisa, uma molécula, mas raramente é tratada como tal, e ainda impõe seu nome a várias outras. Seus efeitos foram extensamente descritos há quase um século, mas ainda assim são de difícil predição, e tem o hábito de se transformar em outras coisas, mesmo no seu exato oposto, o estrogênio. Ela molda corpos e inflama desejos, mas intoxica e deforma. Está presente em todos os corpos, mas é exatamente o que os diferencia. Natural, mas artificial. Terapêutica, mas aprimoramento. Legal, mas ilegal. Biológica, mas política. Reparadora, mas transformadora. Legítima, mas condenável. Padroniza, mas desvia. Controla, mas liberta. Normalizadora, mas revolucionária. É por isso que explorar as trêmulas fronteiras que a testosterona agita é um desafio, uma necessidade e um desejo (Tramontano, 2017, p. 382-383).

O Testogel, que Preciado opta por ministrar a si próprio, contém doses pequenas de testosterona se comparado a outras formas disponíveis do hormônio, e circula sem a mesma regulação. É possível comprar sem prescrição médica⁹⁸. Hoberman menciona o mesmo fármaco como AndroGel, possivelmente seu primeiro nome (ou dado pelo laboratório), lançado em 2002 e destinado a uma pequena fatia da sociedade como suplemento recomendado para hipogonadismo. Nos informamos, então, que há toda uma terapia hormonal prescrita a homens cis que entram em idade avançada, uma reposição hormonal, pensada para remediar a andropausa, que seria uma menopausa masculina. Ora, qual a difusão de tal termo na sociedade atual? Certo que de amplitude muito mais restrita que a menopausa feminina e sua terapia de reposição hormonal (que pode ou não ser ministrada, evidentemente, e que pode contar também com o uso da testosterona).

Se tanto os corpos tidos como masculinos ou femininos (e todos aqueles que se situam entre esses dois pólos de binariedade) possuem, em linhas gerais, os mesmos hormônios, variando apenas as taxas hormonais entre um e outro, o que conferiria a cada corpo características femininas ou masculinas... Onde está o limite, onde fica a curva (da travessia)? Um corpo pode ser chamado intersexual devido a uma série de diferentes fatores que variam, sejam eles genitais, hormonais, cromossômicos... Onde está a fronteira, como caber em uma

⁹⁸ Note-se que o SUS, no Brasil, até recentemente costumava praticar protocolos bastante rígidos — e estritamente binários — para os processos transexualizadores feitos sob sua supervisão e acompanhamento. Para não se submeter a esse sistema, que prevê uma série de protocolos demorados e que passam ou passavam por laudos psiquiátricos, um número considerável de pessoas faz transições hormonais por meios próprios, em muitos casos sem acompanhamento endocrinológico.

norma? A que servem essas normatividades e mecanismos de regulação, formas de poder que atuam sobre a gestão das vidas (conhecido como biopoder)? “Distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar”⁹⁹, dizia Foucault.

Entre a reposição hormonal para uma pessoa idosa, cujas funções do corpo não raro assumem outras frequências, geralmente sofrendo um declínio, e as práticas chamadas de aprimoramento humano, há um limiar quase imperceptível, passível de discussão. A testosterona, também apontada como “hormônio do desejo”, promete aumento da qualidade de vida, da libido e portanto, de condições de trabalho e produtividade, se ministrada em pacientes (clientes?) idosos. A discussão se estende para assuntos que tocam noções de medicalização da subjetividade humana, misoginias, interesses capitalistas e da indústria farmacêutica, mecanismos regulatórios e o próprio conceito de vida, compreendida em seus ciclos, que incluiria, também, um certo declínio.

Mas, se há algo em comum entre tantas experiências distintas, entre usos previstos e não previstos dos medicamentos, é certamente no que toca os interesses da indústria. Em todos os casos, os medicamentos são comercializados, e muitas vezes as prescrições preveem que sejam ministrados — e acompanhados — ao longo de toda a vida. No caso da transição sexual, há efeitos permanentes e outros que irão sumir ou suavizar caso seja interrompido o uso do fármaco. Fora questões de saúde que podem emergir. Muitas vezes, a compreensão da travessia de uma pessoa trans se confunde ou é confundida com a própria transição hormonal. Imagem, exposição, composição.

⁹⁹ Foucault, 2006 [1988], p. 157.

4. INTERLÚDIO SOBRE MEDICALIZAÇÃO

4.1 Esboço para uma ideia descolonial de saúde

De acordo com Preciado, o termo transexualidade é utilizado pela primeira vez a partir de pesquisas da medicina realizadas entre os anos 50 e 60 no Reino Unido, coincidindo com o mesmo período em que é cunhada a distinção entre os conceitos de sexo e gênero¹⁰⁰. “Quando a noção de ‘homossexualidade’ desaparece dos manuais psiquiátricos, as noções de ‘intersexualidade’ e ‘transexualidade’ aparecem como novas patologias para as quais a medicina, a farmacologia e a lei propõem remédios” (Preciado, 2020 [2019], p. 27). Fármacos. A noção de “gênero”¹⁰¹ é uma invenção de sexólogos estadunidenses do fim da década de 40, ligada a dispositivos de regulação e intervenção dentro do sistema binário. As apropriações queer e feministas do termo deslocam a palavra do domínio biomédico, ampliando seus usos e flexionando seus sentidos, fazendo refletir sobre papéis sociais.

Bem, a existência de pessoas transgênero, no sentido de sujeitos cujo comportamento, identificação, subjetividade ou aparência não correspondem àqueles praticados e esperados dentro dos padrões binários do sistema, acontece a despeito dos discursos que irão se formar sobre aquele sujeito. Ser uma pessoa não conforme de gênero, dissidente, alguém que cuja performatividade transborda as fronteiras das normas, quebra expectativas, expressando-se da maneira que for, independe de intervenção. *Precede* qualquer intervenção. Nós já somos nós mesmos, seja lá o que isso queira dizer. Se nos permitimos nos descobrir, sem tentar caber em qualquer identidade pronta que se apresente — e os papéis de gênero convencionais são o melhor exemplo de uma construção identitária que já apresenta narrativas prontas, em geral em torno de um ideal de heterossexualidade — o campo fica aberto para experimentar.

Alguns caminhos podem não ser inteligíveis para quem nos vê, ou para as instituições, para a família, para aqueles que nos rodeiam. Mas isso não os torna menos legítimos. Haverá um custo em torná-los inteligíveis. E haverá um custo em permanecer em uma zona de

¹⁰⁰ Ele cita a famosa afirmação do pedopsiquiatra John Money que, em 1957, dizia ser “possível (usando técnicas cirúrgicas, endocrinológicas e culturais) mudar o gênero de qualquer bebê até os dezoito meses” (Preciado, 2018, p. 29). Money viria a ser responsável por diversas violências, bastante conhecido pelo caso David/Brenda, ou Joan/John, em que as ações médicas ocorrem à revelia do desejo e da identidade da criança.

¹⁰¹ Cf. BUTLER, Judith. “Gênero em tradução: além do monolinguismo”. Tradução de Fernanda Miguens e Carla Rodrigues. *In*: USP – Cadernos de ética e filosofia política v. 39 n. 2 (2021): Varia e Dossiê II Encontro Filosofia e Gênero / Dossiê GT F&G, p. 364-387.

indiscernibilidade, como podem se entender as experiências não binárias, que não cabem nas peças previstas do tabuleiro dos códigos estabelecidos. Essa negociação, esse campo de práxis, que envolve performatividade, algumas escolhas, certamente não acontece de uma hora para a outra, e tampouco acontece só. Ele conversa com a contingência, com o entorno, com as possibilidades que se mostram disponíveis, com o desejo, por vezes com um instinto de sobrevivência. Mas será mesmo que é necessário caber?

Saber comunicar um desejo a outrem é certamente algo que atravessa esses processos de subjetivação e constituição de si mesmo. Ser visível enquanto bicha-sapatão¹⁰², por exemplo (e não apenas sapatão, ou apenas bicha; nem mulher nem homem, desejo livre). Encontrar pares, reconhecer-se nas entrelinhas de uma conversa, de um desejo. Acessar determinados lugares, papéis, formas, saberes, costumes, possibilidades. Viver é um processo de intensa descoberta de si. De se fazer e desfazer, afirmar, se deixar atravessar. Existimos no devir da vida, nos transformamos, todos estamos em movimento. Podemos buscar formas de afirmar ou reforçar algumas características nossas, tornando mais palatável nosso perambular pelas ruas, tornando-nos mais *bonitos*¹⁰³, podendo ser integrados em algumas comunidades. É difícil não pertencer, não caber, ou brigar a vida toda contra uma insistência normativa para pertencer onde não reverbera em nós. Afastar-se das forças que nos põem sempre em conflito. Buscar conforto em alguma sororidade. Pesar os pedregulhos encontrados nas estradas, saber distinguir o que vale a pena adentrar.

Podemos compreender que a existência de pessoas dissidentes de gênero, tanto fazendo que alguém se autodenomine como pessoa trans, transmasculino, transfeminina, não binária, bicha-sapatão, travesti, bixa, bofe, sapatrans, sapatão, boyceta, mulher, homem, intersexo, quimera, ciborgue, mutante, unicórnio, fada, gente, não importa, a diversidade é bela e não precisa comparecer aos ambulatórios médicos para que lhe seja conferida existência ou legitimidade. Uma pessoa trans pode nunca vir a se hormonizar. Esse corpo tem a liberdade e a autonomia de prescindir de qualquer intervenção farmacológica ou cirúrgica, e nem por isso será menos *real*. Um corpo vivo, apto e movente. Assumir para si uma identidade transgênero não implica necessária ou automaticamente em uma medicalização desse corpo. Transgeneridade não precisa ser uma categoria médica. As palavras nós deglutimos, abrigamos,

¹⁰² Pego emprestado aqui o termo do poeta e tradutor be rgb, que fala em “gênero não binária bicha-sapatão”, maravilhoso espelho. Nós existimos, estamos por aí.

¹⁰³ Seja dentro de determinados conceitos de beleza convencionais ou que pretendam-se subversivos. Para uma versão cisgênera, mas ainda atual e que dialoga sobre ideais de beleza e modificações corporais, cf. GOLDENBERG, Miriam; SILVA RAMOS, Marcelo. “A civilização das formas: o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

e com o uso, as transformamos. A luta pela despatologização das identidades trans, na leitura que propomos no curso deste ensaio, passa por aí. Subjetividade, existência, linguagem.

Desde que entrou em vigor em 2022, o CID-11¹⁰⁴ altera a nomenclatura e o capítulo que faz referência às identidades trans¹⁰⁵, substituindo *Transtorno de Identidade de Gênero*, que constava até pouco tempo atrás no capítulo de transtornos mentais, para *Incongruência de Gênero*, no capítulo “Condições relativas à saúde sexual”. Há uma luta para que a transexualidade, outrora ainda chamada transexualismo, seja removida por completo do CID. Contudo, há também reivindicações, sobretudo por parte de pessoas que desejam passar pelo processo transexualizador, para que esta seja mantida no CID de modo a permitir o acesso a esses serviços por meio de planos de saúde. Sobretudo as cirurgias, quando são feitas, podem ser extremamente caras. No Brasil, o SUS realiza¹⁰⁶ esses procedimentos desde 2008¹⁰⁷, que possibilitam o acesso a terapia hormonal, cirurgias, acompanhamento multiprofissional (psiquiátrico, endocrinológico, psicológico, de enfermagem, médico clínico e de assistentência social), em pessoas transfemininas. E, desde fins de 2013¹⁰⁸, o processo transexualizador inclui protocolos para atender à população transmasculina. Mas “foi somente em 2018 que a escolha do nome e sexo em documentos oficiais deixou de estar submetida à necessidade de intervenção cirúrgica”¹⁰⁹ no Brasil.

A ideia de se automedicar, fazendo uso de hormonização sem acompanhamento médico não é nova. Historicamente, mulheres transexuais e travestis vêm usando anticoncepcionais,

¹⁰⁴ Sigla para Classificação Internacional de Doenças, ou Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Periodicamente, a Organização Mundial de Saúde (OMS) publica esses manuais que são utilizados como referência para cuidados médicos “e uma ampla variedade de sinais, sintomas, achados anormais, denúncias, circunstâncias sociais e causas externas de danos e/ou doença. Fornece códigos relativos à classificação de doenças” em uma tentativa de criar padrões universais. Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Classifica%C3%A7%C3%A3o_Estat%C3%ADstica_Internacional_de_Doen%C3%A7as_e_Problemas_Relacionados_com_a_Sa%C3%BAde (acesso em maio de 2024).

¹⁰⁵ BUTLER, 2022 [2004], p. 129. E referência atualmente consultável em inglês no endereço: <https://www.who.int/standards/classifications/frequently-asked-questions/gender-incongruence-and-transgender-health-in-the-icd> (acesso em novembro de 2022).

¹⁰⁶ A ANTRA traz algumas informações a respeito: <https://antrabrasil.org/2020/07/27/como-acessar-o-sus-para-questoes-de-transicao/> (acesso em novembro de 2022).

¹⁰⁷ Portaria no. 1.717, substituída em 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html (acesso em novembro de 2022).

¹⁰⁸ Portaria no. 2.813, disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html (acesso em novembro de 2022).

¹⁰⁹ Cf. FÁVERO, 2022, p. 154. Ver <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/alteracao-de-nome-e-genero-elencada-pelo-provimento-73-de-28-06-2018-do-conselho-nacional-de-justica-cnj/1787882906> e <https://www.stj.jus.br/sites/portals/Paginas/Comunicacao/Noticias/2023/29012023-Decisoes-do-STJ-foram-marco-inicial-de-novas-regras-sobre-alteracao-no-registro-civil-de-transgeneros.aspx> (acesso em maio de 2024).

muitas vezes em doses muito maiores que as recomendadas, em vistas a obter transformações rápidas em seus corpos. Ao fazer isso, em altas doses, podem se expor a riscos de saúde muito mais amplos do que se o fizessem com acompanhamento adequado. Porém, os sistemas de saúde em geral, por sua compreensão do corpo a partir da ciência biomédica, de leitura quase que invariavelmente binária e orientada por padrões normativos de caráter social, também têm sido, com frequência, considerados locais não muito acolhedores a populações cujos corpos e práticas fogem à normatividade e aos padrões. Mesmo bissexuais, lésbicas e gays já enfrentavam e ainda enfrentam muitas vezes uma incompreensão de suas vivências ao buscar atendimento, como se toda a população fosse, *naturalmente*, heterossexual e, evidentemente, cisgênera.

Por isso, um verdadeiro letramento¹¹⁰ vem sendo trabalhado com profissionais de saúde e com a população em geral de maneira a versar as pessoas sobre noções básicas de diversidade, dentre os quais, nos últimos anos, o SUS, a despeito da divisão binária entre os sexos que ainda é via de regra praticada, goza de certo protagonismo no que diz respeito à inclusão e a uma visão integral de saúde¹¹¹. O processo transexualizador passa a ser incorporado às políticas públicas, atendendo a uma demanda defendida por organizações e membros dos grupos sociais atingidos ao longo de muito tempo. O seu acesso se dá por meio de uma triagem que ainda atende a protocolos psi e uma série de regras, uma vez que a dita “despatologização” (apenas uma mudança de capítulo no CID, ainda que seja um considerável avanço) é bastante recente. A fila de espera pode ser longa, sobretudo para as cirurgias, as quais, cabe lembrar, não abrangem as reivindicações de todas as pessoas. O processo transexualizador estabeleceu-se com uma orientação para fornecer tratamento e acompanhamento a mulheres e homens trans, visando uma “adequação” do corpo à identidade de gênero segundo padrões binários socialmente reconhecidos e reconhecíveis, de modo que a não binariedade, e a intersexualidade, ainda tenderiam a lhe escapar.

Tendo em vista o uso contínuo da terapia hormonal e seus desdobramentos, a previsão é que os cuidados sejam praticados sem interrupção ao longo da vida. Podem incluir desde o

¹¹⁰ A profa. Jaqueline Gomes de Jesus, do PPGBIOS, é uma das ativistas conhecidas dedicadas a esse trabalho, articulado por ONGs, pesquisadoras e ativistas independentes. Na cidade de Niterói, conheci o trabalho do Ambulatório de Atenção à Saúde Travesti e Transexual João W. Nery, que provê acolhimento à população trans nos cuidados da saúde sexual, além da capacitação de profissionais da rede pública para o atendimento às pessoas trans. É um trabalho fundamental, minucioso, pessoa a pessoa.

¹¹¹ Algumas informações recentes a respeito podem ser encontradas aqui: <https://agenciaaids.com.br/noticia/processo-transexualizador-no-sus-10-anos-de-visibilidade-na-saude/> (acesso em novembro de 2022).

desenvolvimento de características físicas secundárias do sexo diferente àquele assignado ao nascimento, geralmente desejadas, mas também alguns efeitos adversos.

4.2 Nêmesis da medicina e o modelo biomédico

Em um artigo publicado em 2014, Rafaela Zorzanelli, Benilton Bezerra e Francisco Ortega analisam diferentes concepções e usos do conceito de medicalização desde os anos 1950 até os 2010. Citando Peter Conrad¹¹², eles destacam que a “medicalização descreve um processo pelo qual problemas não médicos passam a ser definidos e tratados como problemas médicos, frequentemente em termos de doenças ou transtornos” (Conrad apud Zorzanelli, Bezerra Jr., Ortega, 2014, p. 1860). Conrad, que pelo menos desde os anos 1990 analisa os usos da medicina e dos fármacos para conter “desvios”, seria uma das referências mais contemporâneas a pensar a medicalização em suas pesquisas, sendo antecedido por Barbara Wootton, Thomas Szasz, Ivan Illich e Irving Zola.

Illich, cujo trabalho traz críticas severas ao sistema biomédico que reverberam ainda nos dias atuais, publicou, em 1975, *Nêmesis da medicina: a expropriação da saúde*, também conhecida, nos EUA, por *Limits to medicine* (limites à medicina). Na obra, e em revisões posteriores à sua publicação, ele irá analisar a chamada iatrogênese, que corresponde ao papel da medicina em criar patologias. A iatrogênese pode ser clínica, relativa aos cuidados em saúde; social, em que tange a medicalização da vida como um todo ou cultural/estrutural, que toca a autonomia dos sujeitos ao lidar com doença, dor e morte, apontando para um uso ilimitado da medicina. Há, ainda, em textos mais recentes, uma menção importante à iatrogênese do corpo, que pode ser associada ao “culto ao corpo”, que motiva práticas intensivas, desde dietas até cirurgias, e que se verifica cada vez mais presente na cultura contemporânea.

Nêmesis, do título, é uma deusa grega associada à ética e à punição, que busca conter a desmedida. Assim, limites à medicina são evocados ao problematizar a ação, a eficácia e a necessidade dos atos médicos frente aos crescentes papéis que a medicina passa a desempenhar e aos lugares que passa a ocupar em uma sociedade capitalista. Nesse sentido, e também por trazer à tona a questão do crescimento e poder da indústria farmacêutica, me parece que é possível traçar paralelos com a farmacopornografia de Preciado. Considerando,

¹¹² CONRAD, Peter. *The Medicalization of Society: On the Transformation of Human Conditions into Treatable Disorder*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2007.

necessariamente, todas as mudanças pelas quais tanto o capitalismo quanto a própria indústria passaram e vêm passando desde as últimas décadas, e o momento em que cada uma dessas teorias é apresentada.

Em um prefácio escrito em 1995 para a mesma obra, Illich coloca que se sentiu “livre para falar em saúde em termos de autonomia pessoal” (Illich, 2011 [1995], p. 7-8), sem saber que “a busca incessante por saúde de forma patogênica se tornaria imposta de maneira universal” (ibid.). De acordo com ele, naquele momento ainda era possível reivindicar uma “arte de viver”, uma relação com o desfrute dos prazeres e com o sofrimento que considerasse cada um destes como aspectos próprios da vida, mesmo estando em “uma cultura pautada pelo progresso, o conforto, o cuidado e a segurança, e que permite aplacar a dor, normalizar e, em última instância, a eutanásia” (ibid., p. 9). As políticas de controle social, prevenção e penetração desses valores ainda não tinham adentrado todas as instâncias da vida civil. A identidade, a interpretação do “eu” se tornou completamente atravessada pelos valores implícitos nessas formas de controle, de maneira que vão se fundindo, se tornando indissociáveis.

Cultivar autonomia diante de um sistema capitalista que permeia não somente a nossa subjetividade, mas percorre nossos corpos através de todas as substâncias que consumimos — ultraprocessados, agrotóxicos, remédios alopáticos, drogas sintéticas etc. — em um contexto em que a tecnociência cada vez mais se funde com a medicina, as práticas corriqueiras cotidianas e a vida, introjetando dispositivos vigilantes em nossos corpos de maneira recreativa ou mandatária, me parece que ainda nos resta, mesmo que entremeado à profusão de narrativas e correndo alguns riscos consideráveis, questionar os caminhos pelos quais tudo isso vem acontecendo. E nos lembrar que escolhas são possíveis, em alguns contextos mais e em outros menos, pois há aspectos irreversíveis ou irrevogáveis em algumas dessas medidas e procedimentos, nem todos eles tão benéficos em longo prazo. Preciado, com seu discurso lúcido e contestador, vem falar de liberdade, de experimentação, de reinvenção, de não temer escapar da norma, de não repetir a norma, de se rebelar, de revolução...

Nos permitimos perguntar aqui, despretensiosamente e como um exercício de autonomia e liberdade, se este seria um caminho que, ao decidir vivenciar as possibilidades que o contexto apresenta, conhecendo sua historicidade e suas implicações biopolíticas, assim como

aquelas concernentes à saúde (ainda pouco difundidas em seus pormenores a longo prazo)¹¹³, inevitável, por assim dizer, ou se vale o preço que cobra.

4.3 Saúde, transmedicalismo e colonialidade

Logo nas primeiras palavras da introdução de *Nêmesis da Medicina*, Illich fala em “colonização médica da vida”, ao que continua, a respeito da medicina, que “uma estrutura social e política destruidora apresenta como álibi o poder de encher suas vítimas com terapias que elas foram ensinadas a desejar” (Illich, 1975, p. 6). Esse “ensinadas a desejar” de que ele fala deve ser lido de forma a reconhecer a complexidade desse “aprendizado”, sem supor apenas sujeitos passivos nos quais é introjetado um saber. Dito isso, cabe considerar aqui um processo lento em que uma sociedade vai aos poucos assimilando para si essa perda de autonomia¹¹⁴ da qual fala Illich, no que diz respeito ao saber, conhecer e cuidar do próprio corpo, ou da desconsideração de saberes populares, comunitários ou provenientes de culturas de cuidado e saúde que não sejam aqueles do modelo biomédico ocidental hegemônico. “Uma sexocracia de médicos, com a cooperação de clínicos, de professores e de laboratórios, laiciza e escolariza a sexualidade. E, ao ortopedizar a consciência corporal, reproduz o homem assistido até nessa área íntima” (ibid.).

Da “intervenção técnica no organismo” vai-se para uma compreensão do próprio organismo a partir de parâmetros técnicos, maquínicos. Isso, ainda que de um modo subversivo e atento a desconstruções de estratégias coloniais, está absolutamente presente em Preciado.

¹¹³ Há esparsas histórias conhecidas de pessoas transmasculinas que fizeram a transição médica há mais tempo, como algumas décadas. João W. Nery, escritor e psicólogo brasileiro e primeiro homem trans a realizar cirurgia de redesignação sexual no Brasil, autor dos livros *Viagem solitária*, *Velhice transviada*, dentre outros, faleceu de câncer em 2018, aos 68 anos, tendo sido um grande ativista de direitos LGBT, por reconhecimento e acesso ao direito de escolha diante dos protocolos médicos. E o ator pornô estadunidense Buck Angel, atualmente com 62 anos, se apresenta como educador e vem nos últimos anos se unindo à direita política nos EUA (Trump e aliados) e a transmedicalistas. Em suas redes sociais, Angel aparece zombando de jovens trans e chamando a atenção para implicações de saúde envolvidas no uso prolongado da testosterona (ele conta que teve que fazer histerectomia por conta de seus órgãos genitais atrofiados). Cabe ressaltar que o regime farmacopornográfico, ou as formas pelas quais as indústrias farmacêutica, biomédica e da visibilidade sexual dos corpos, além do próprio capitalismo neoliberal, se apresentam de maneiras distintas na América do Norte e na Europa, se comparamos ao Brasil ou à América Latina. A própria “esquerda” estadunidense é liberal, no sentido do liberalismo econômico e político (um debate longo, sobre formas políticas e econômicas na contemporaneidade).

¹¹⁴ Pensando junto a esse entendimento, podemos lembrar que é próprio do projeto moderno, que veio junto à industrialização no ocidente, a divisão em disciplinas e a constituição da figura do especialista nas mais diversas áreas, e a própria divisão dos saberes entre áreas tão demarcadas, conferindo autoridade àqueles que exercem cada disciplina a partir de determinados princípios e códigos científicos.

Talvez seja essa a música do tempo presente. Há um ritmo, uma ladainha que se repete nessa compreensão, e que aparentemente liberta a cultura e as pessoas para fazer o que desejarem (e puderem pagar) com os meios disponíveis. Há um entremeio nesse lugar, e aí se encontram as pessoas, os sujeitos, que se veem em busca de condições mais dignas, mais vivíveis¹¹⁵ de vida. Será possível traçar, diante de tais questões, um percurso híbrido, questionador ou no mínimo desconfiado, informado de pormenores dos impactos dessas tecnologias médicas e de suas ferramentas de poder que se possa criar em meio a esses discursos?¹¹⁶

Sobre as múltiplas compreensões do que é a transexualidade¹¹⁷, paira uma noção conhecida por transmedicalismo, que toca a ideia de que existem “transexuais verdadeiros”, ou seja, transexuais seriam apenas pessoas que possuem disforia, entendida como uma patologia, e que por isso necessitam passar pela transição médica. Ou suas vidas não seriam vivíveis. Um modo de olhar para essa questão seria encará-la como uma visão patologizante. Recentemente, observa-se vez ou outra, mas persistentemente, experiências diversas ou diferentes destas, muitas delas declaradamente não binárias, sendo apontadas como menos legítimas, menos verdadeiras, menos trans. Ou, chamam-lhe de “uma fase”, infantilizando e desqualificando a própria experiência como menos real. Essa diversidade da qual falo inclui pessoas que não desejam passar pelo processo transexualizador, medicalizando seus corpos¹¹⁸, e que todavia se identificam como transgênero (espectro que inclui pessoas não binárias, agênero etc).

Nessa compreensão, não cabe o entendimento de que a disforia pode decorrer da própria discriminação? Da exclusão social de pessoas cuja performatividade e/ou identidade de gênero não correspondem a uma norma cisheterocentrada¹¹⁹? E que a reivindicação pelas terapias hormonais e/ou procedimentos cirúrgicos pode configurar uma estratégia, por vezes dolorosa,

¹¹⁵ Judith Butler vai falar em diversas de suas obras, incluso *Desfazendo gênero*, sobre a noção de vivibilidade. Vidas vivíveis, possíveis de ser vividas. A elas cabem estratégias de sobrevivência para lidar com a precariedade, com a inteligibilidade dessas vidas. O que eu procuro fazer aqui é conhecer melhor a respeito das estratégias disponíveis atualmente, e as questões por elas suscitadas, de modo a observar e considerar os múltiplos caminhos que podem ser tomados. E não apenas um só — aquele oferecido pelo sistema biomédico.

¹¹⁶ Preciado traça um caminho que parte de alguns quase-conceitos derridianos, nomeadamente o suplemento, aliados a estudos em tecnologias a partir da arquitetura para pensar o corpo. Corpo como prótese, assim como Derrida dizia que só há suplemento de suplemento (significante de significante). Não há origem primeira, nem uma Verdade do sexo.

¹¹⁷ Jack Halberstam aborda de maneira muito interessante questões de dissidências de gênero, medicalizações e traz uma pluralidade de perspectivas sobre transição na obra *Trans**, de 2018, cujo asterístico é em função da diversidade que o termo abarca. O próprio autor é uma pessoa transmasculina, outrora identificado como sapatão *butch* e hoje em algum lugar no meio do caminho, segundo o próprio.

¹¹⁸ Seja para para “adequá-los” ao seu gênero segundo uma noção binária, ou apenas a título de experimentação com a molécula hormonal.

¹¹⁹ Em linhas gerais, mulheres femininas, homens masculinos, com todos os estereótipos que puderem ser aplicados, respectivamente, separadamente, sem que essas identidades possam se confundir, se misturar, apresentar variações etc.

para obter reconhecimento social e legibilidade — e por conseguinte, sobrevivência diante de um *modus operandi* padronizado do mundo enquanto contexto hostil às dissidências, frequentemente desumanizando-as, violentando-as?¹²⁰

4.4 Padrões de normatividade cisgênera

Talvez, considerando essas nuances, deveras complexas, se possa iniciar um debate que envolva a medicalização da subjetividade humana atrelada a experiências dissidentes, ou à própria experiência de se estar vivo hoje, em determinada localidade com seus costumes culturais e embates, no século XXI. Cabe se pensar como toda a sociedade, todas as pessoas, sejam cis ou trans, lidam com padrões e expectativas de gênero, desejos — e propagandas — de modificações corporais (aí cabem todas as formas de aprimoramento, ganho de massa muscular, cirurgias plásticas, correções, “harmonizações”, adequações, controles de envelhecimento etc.).

Encaram cotidianamente, ao circular e lidar com as pessoas, liberdades, restrições, constrangimentos, normas e proibições associadas a determinados gêneros — e não outros, como por exemplo o direito de andar em público, tranquilo, sem camisa (pense no calor de uma cidade com o Rio de Janeiro); no direito de circular despreocupadamente e desacompanhado à noite; nos incentivos ou não à prática de esportes como o futebol e atividades que lidam com força física; na divisão binária de categorias nos esportes e quais têm maior relevância; nas roupas “apropriadas” a cada gênero e a noção de elegância, de estar arrumado, sensual, confortável, apresentável; na expressão corporal, como a dança; na expectativa de gênero nos mais corriqueiros gestos (mulheres e crianças primeiro! estar sempre sob a sombra de tutela ou proteção); proteger, defender; abusar ou ser abusado; ser ameaça ou ameaçado; quem faz os serviços da casa, como limpeza, cozinha e todo o trabalho invisibilizado de cuidado e manutenção da vida; usar ou não maquiagem e adornos; tamanho do cabelo, pelos corporais; expor delicadeza, fragilidade ou brutalidade... A lista é longa, longuíssima.

¹²⁰ Berenice Bento traz algumas dessas experiências em sua conhecida tese em sociologia intitulada *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, publicada em 2006. E Judith Butler notadamente vem fazendo um extensivo trabalho filosófico que pensa sobre condições de reconhecimento, pensando quais vidas são vivíveis, possíveis de ser vividas, uma vez que tantas pessoas sofrem violência por não ter sua humanidade reconhecida. São esses alguns dos lugares de sofrimento atravessados fortemente pelas pessoas trans.

Helena Vieira e Beatriz Bagagli, duas autoras trans — a primeira ligada à filosofia e a segunda à linguística, são citadas por Sofia Fávero ao fim de um texto esclarecedor, no seu *Psicologia suja*. Elas escrevem que a ciscolonialidade é “uma forma de colonizar todos os corpos, sobretudo corpos trans, a partir de uma referência cisgênera, de modo que, em dado momento, começa-se a pensar que o corpo trans ‘saudável’, ‘curado’, é aquele que tomou formas cisgenerizadas” (Vieira; Bagagli apud Fávero, 2022, p. 217-218).

“A disforia é de fora para dentro”, uma vez disse ALu, artista transfeminina que compartilhou suas experiências conosco em sala de aula.¹²¹ Ela falava de beleza. A disforia é do mundo¹²².

¹²¹ Em *Por uma bioética transfeminista!*, disciplina ministrada por Jaqueline Gomes de Jesus, Fabio Oliveira e Martina Davidson de forma condensada no PPGBIOS, em iniciativa de letramento em diversidade voltado a profissionais de saúde. E artistas.

¹²² Cf. PRECIADO, *Dysphoria mundi*, 2022.

5. DE UM TEMPO A OUTRO

A vida não é nada parecida com uma biografia, não é uma série de episódios ou aventuras sentimentais. ... Consiste na metamorfose de si mesmo. Deixe-se transformar pelo tempo. Para se tornar não apenas um outro, mas outros.

Orlando: minha biografia política, Paul B. Preciado

5.1 Orlandos e o sonho químico

Deitar, esquecer o meu nome, emaranhar-me em um novelo de sonhos. Transpassar de uma cidade a outra, de um tempo a outro, atravessar. Orlando transiciona enquanto está dormindo. Assim, *es*¹²³ Orlandos no filme de longa-metragem dirigido por Paul B. Preciado, que estreou nos cinemas em 2023¹²⁴, misturam relatos de suas experiências de vida a trechos da obra de ficção de Virginia Woolf, um romance de 1928, revisitado em uma ousadíssima forma de cinema documentário. Ou melhor, autoficção, tal qual diria Preciado. São muitos Orlandos, convocados por um *casting* feito em vias públicas, trazendo para as telas pessoas trans bastante diversas, de percepções, bagagens, nacionalidades, etnias, idades, expressões. Jovens, adultos, adolescentes, uma senhora idosa, crianças e até cachorros¹²⁵ entram em cena narrando suas histórias, entraves, descobertas, escolhas e impasses diante do sistema regulatório, petrossexorracial¹²⁶, farmacopornográfico e cisheteronormativo que impera além-fronteiras. As normas e o capital.

O tempo do filme se apresenta em constantes e diversas correntes, compondo uma narrativa múltipla e generosa com suas personagens, que assumem papéis e se apresentam à câmera. Artifícios são visíveis também. É como um teatro, palco e bastidores, e entrevistas. O diretor, Preciado, vez ou outra aparece na tela, compartilhando o protagonismo da cena com vários Orlandos. Em um forte lampejo, a filosofia se vê misturada à narrativa e assume-se ficção na forma cinematográfica, tornando-se simultaneamente um protesto feroz, uma festa, uma história de época, reivindicação coletiva e polifônica de mudanças políticas, realismo

¹²³ Nem mulheres nem homens, todes pessoas trans, portanto utilizo artigo no plural do qual se faz uso experimental de uma totalidade que não se espelhe, e não se reduza ao masculino plural, como indica a norma clássica da língua portuguesa. A língua também é, está em movimento.

¹²⁴ Com estreia mundial no mesmo ano, o filme *Orlando, minha biografia política*, de Paul B. Preciado (2023, 1h38min) teve suas primeiras exhibições no Brasil no carioca Festival do Rio no mês de outubro, seguido pelo Festival Varilux de cinema francês em diversas cidades brasileiras.

¹²⁵ Note-se aqui um aspecto de humor, e afeto, no filme.

¹²⁶ Cf. PRECIADO, *Dysphoria Mundi*, 2022.

fantástico, prospecto glorioso de um futuro presente. Se trata de um filme-manifesto, já anunciado no cartaz, onde se lê “PODER PARA O POVO” (*power to the people*) escrito em um pôster (que o cachorro segura) sobre um fundo cor de rosa. Humor e política. *Voilà*.

As línguas ali também se misturam, não se limitam. Há a presença preponderante do francês, da França que sedia a produção, mas também o inglês e o espanhol, nas bocas de Orlandos, que podem vir da Venezuela ou de alhures, em busca de refúgio e liberdade. No texto, além da obra de Woolf, leitmotif, e das diversas vozes presentes, há uma fala de narrador, Preciado, na qual, para quem leu e conhece sua obra, é possível reconhecer facilmente alguns lugares já visitados, agora apresentados em uma roupagem, diga-se, mais glamourosa. E também com maior amplitude, desenhando seus meios e deixando um convite ao espectador: “Você quer vir conosco?”, pergunta a canção *Farmacolibération* (farmacolibertação), em cerca de 20 minutos de filme. A letra é de Preciado, confirmam os créditos finais.

— Olha, mona, essa coisinha?
 Você quer saber o que tem dentro?
 Sua libertação!

Não deixe Freud
 Não deixe Lacan

Entrar nos seus sonhos
 Foder sua cabeça

Quem é o dono da sua história?

Deus? O Estado?
 A psiquiatria? A lei?

As corporações?

Ninguém além de você!

É hora de morder

Você pode ser sintético
 Mas não apologético
 Você não é a vadia do médico

Você pode ser sintético
 Mas não apologético
 Você não é a vadia do médico

As categorias deles são patéticas
 Você é muito mais poética
 Protética, mas magnética
 Você não é a vadia do médico

Olha, Virginia
 O que nos tornamos!

Você quer vir conosco?

*Farmacolibertação
Eles dizem que você é disfórica
É apenas metafórica*

*Eles protegem seus privilégios
Eles têm medo da beleza*

Eu sou seu Orlando, Virginia

*Você já pensou
que eu poderia algum dia viver assim?*

Farmacolibertação (Preciado, 2023 [filme], 20m25s-22m30s)¹²⁷

“Sou um Orlando cuja escritura se tornou química” (Preciado, 2022 [2020], p. 41), disse Preciado à academia de psicanalistas, em 2019. Agora, nesse sonho orquestrado em ficção, potes de estradiol e de testosterona na forma de gel estão sobre a mesa, em forma idêntica ao álcool-gel marcador da pandemia de COVID-19. É subitamente fácil acessá-los. Uma mulher sacode um frasco de pílulas de estradiol e pergunta se alguém quer. “Eu quero”¹²⁸, outra pessoa diz. “Estou apenas esperando uma receita”. “Então, atenção ao que você vai dizer”, ela retruca, dando-lhe instruções sobre como agir: “Se você disser que é não binária, ele te manda para casa com um pé na bunda. Você tem de dizer que quer ser uma mulher heterossexual e que detesta seus genitais”, ressoando com a pesquisa de Borba¹²⁹. Estamos em uma sala de espera do psiquiatra que prescreve medicamentos, lugar que em uma fabulação farmacopornográfica se transforma em pista de dança, em videoclipe: e então vem a música. Farmacopornografia dá lugar a farmacolibertação.

Sabe-se que Preciado tem uma longa trajetória com a psicanálise, tendo feito análise durante 17 anos. Essa experiência, creio que possa-se dizer, culmina no discurso que arrebatou a Escola da Causa Freudiana em Paris¹³⁰ em 2019. Sua fala à academia de psicanalistas, lembramos, é dedicada a Judith Butler, que com frequência aborda a psicanálise em seus

¹²⁷ Cf. PRECIADO, Paul B. “Farmacoliberation”, in: *Orlando: minha biografia política*, 2023. Canção em obra cinematográfica. Livre tradução nossa a partir de transcrição de diálogos. Letra de Paul B. Preciado; composição de Perez, Étoile Distant Records; composição adicional de Clara Deshayes; realização de Perez, Clara Deshayes; interpretação de Janis Sahraoui; gravação de som de Laurent de Onetwopassit; mixagem de Adrien Durand. Copyright Music Department; Paul B. Preciado, Perez.

¹²⁸ Este capítulo contém diálogos de **informação verbal**, retirados do filme *Orlando: minha biografia política*, direção Paul B. Preciado, 2023.

¹²⁹ BORBA, Rodrigo. (Des)aprendendo a “ser”: Trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador. Tese de doutorado no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, UFRJ, 2014.

¹³⁰ PRECIADO, Paul B. *Eu sou o monstro que vos fala*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 [2020].

estudos, assim como suas práticas regulatórias. Como pergunta Butler, lá em 2004: “quem posso me tornar em um mundo onde os sentidos e os limites do sujeito são definidos de antemão para mim?” (Butler, 2022 [2004], p. 102). Há um regime de verdade instaurado, e aqui ela recorre a Foucault em um texto sobre as políticas da verdade. Está em jogo o que conta como pessoa, a expectativa de um gênero *coerente*, a própria noção de real. Por isso o diagnóstico de “discurso delirante” atribuído à Liz Christin, uma dos Orlandos, durante a consulta com o Dr. Reine (literalmente, Doutor Rainha). No livro, o jovem e poético Orlando, um espírito livre, se confronta com a Rainha Elizabeth, ali, signo da violência do poder imperial. A própria Virginia Woolf teve sua trajetória com a psiquiatria, sofrendo de um mal, à época, chamado de melancolia. Sabe-se que Woolf se relacionou afetivamente com Vita Sackville-West, a quem a obra *Orlando* (1928) é dedicada, porém sem nunca vir a público sobre sua sexualidade.

Como nos lembra Preciado de forma alegórica, no filme, “a partir do século XIX, aqueles que, como Orlando, atravessam as fronteiras do gênero são confrontados com o poder da psiquiatria”. Em um estudo genealógico sobre os processos políticos de controle da sexualidade, em *Testo junkie* ele se refere à consolidação da, como ele apresenta, a partir de Foucault, Wittig e Butler, “sexopolítica disciplinadora ocidental”, que se concentra na “regulação das condições de reprodução da vida ou aos processos biológicos que ‘dizem respeito à população’” (Preciado, 2023 [2008], p. 67). Foucault, entre tantas obras em que vai se dedicar aos meandros do biopoder e as ações minuciosas das instituições disciplinares, tem um livro especificamente intitulado *O poder psiquiátrico*, organizado postumamente, como outros, a partir de um curso ministrado no Collège de France entre 1973 e 1974. Nas palavras dele:

Até o fim do século XVIII, ... dizer que alguém era louco, assinalar sua loucura, era sempre dizer que ele se enganava, em que, sobre que ponto, de que maneira, até que limite ele se enganava. E era, no fundo, o sistema de crença que caracterizava a loucura. Ora, a gente vê surgir bruscamente no início do século XIX um critério de reconhecimento e de assinalação da loucura que é totalmente diferente e que é — eu ia dizendo “a vontade”, o que não é correto; na verdade, o que caracteriza o louco, aquilo por que se assinala a loucura do louco a partir do início do século XIX, digamos que é a insurreição da força, ou seja, no louco, uma certa força se desencadeia, força não dominada, força talvez não dominável, que assume quatro formas principais conforme o domínio em que se aplica e o campo em que faz suas devastações (Foucault, 2006 [1973], p. 10).

Quanto a essas quatro formas principais, a saber, uma seria a força das paixões sem limite, chamada mania sem delírio. “Não é uma loucura de erro, não comporta nenhuma ilusão dos sentidos, nenhuma falsa crença, nenhuma alucinação” (ibid.). A mania, “loucura que se aplica às ideias mesmas, que as abala, as torna incoerentes” (ibid., p. 11), chocando umas contra

as outras. Melancolia seria uma espécie de loucura, segundo o entendimento estabelecido à época, que se inscreve obstinadamente no comportamento, no discurso etc., também chamada monomania. E, por fim, ou a primeira, segundo a lista enunciada por Foucault, “a força pura do indivíduo, que é, segundo a caracterização tradicional, chamado de ‘furioso’” (Foucault, 2006 [1973], p. 10).

Pausa. Ler isso acendeu uma torrente na minha cabeça. Há um famoso poema escrito em italiano entre 1506 e 1532, de autoria de Ludovico Ariosto, que exerceu larga influência sobre diversas obras nos séculos que o seguiram, incluindo óperas como *Alcina*¹³¹, *Orlando e Ariodante*, do alemão George Frideric Händel — que estrearam por volta de 1730 e são encenadas até hoje — até, provavelmente, o próprio livro de Virginia Woolf. O poema se chama *Orlando Furioso*. Encontro um artigo¹³² de 2013 que analisa as duas obras à luz das questões de dissidências de gênero e androginia, um termo que também carrega uma história antiga, considerando o contexto específico e as possibilidades em que cada uma delas foi escrita. Melita, a autora do artigo, levanta a hipótese de que o romance de Woolf traria uma óbvia amálgama e reinterpretação dos personagens do antigo poema de Ariosto. Há muitas leituras possíveis de cada obra, certamente, e *Orlando* é uma que traz camadas tão vastas que não cessam de se expandir, revisitar, e fazer-se de novo.

Assim, *Orlando Furioso*, o nome, seria, pois, como possibilidade crível, criadora e não menos cruel, “a força pura do indivíduo” em combate com as forças de “ortopedia moral” (Foucault, *ibid.*, p. 12) do poder psiquiátrico? E, pior, ao menos à época, o “que pode ser a cura, senão a submissão dessa força?” ... (*ibid.*, p. 11). Esse manejo coreográfico com a autoridade psi, com a medicina e, de fato, com as equipes multidisciplinares que acompanham os protocolos de tratamento médico de pessoas trans, como Preciado expõe o seu próprio na abertura de *Dysphoria mundi*¹³³, não conta apenas com um profissional, mas com toda uma equipe direcionada:

¹³¹ Algo de muito instigante e maravilhoso a se observar na encenação das óperas barrocas, de alguns séculos para cá, é que há muitos personagens masculinos escritos para serem cantados por intérpretes *mezzo soprano castrato*, isto é, os homens cisgêneros que eram castrados antes da puberdade para ficarem com a voz mais fina. Depois que isso se tornou proibido, esses personagens acabam sendo encenados por pessoas tidas como mulheres quando nasceram, intérpretes de voz *mezzo soprano*. E há cantoras magnificamente especializadas no que se chama de “papeis de calças”, interpretando com maestria as personagens masculinas, beijando os pés de feiticeiras etc. Na ópera *Alcina*, o casal central da narrativa é a guerreira Bradamante e Ruggiero, seu noivo. O próprio enredo já apresenta algumas questões de gênero divergente, uma vez que Bradamante chega “disfarçada de homem” à ilha onde se desenvolve a história, com Ruggiero, um *mezzo soprano*.

¹³² “Gender identity and androgyny in Ludovico Ariosto’s *Orlando Furioso* and Virginia Woolf’s *Orlando: A biography*”, de Maureen M. Melita, *In: Romance Notes*, The University of North Carolina at Chapel Hill, Department of Romance Studies, vol. 53, n. 2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1353/rmc.2013.0013>

¹³³ Cf. PRECIADO, 2022, p. 15-16.

Mas esse poder do médico, claro, não é o único poder que se exerce; porque, no asilo como em toda parte, o poder nunca é aquilo que alguém detém, tampouco é o que emana de alguém. O poder não pertence nem a alguém nem, aliás, a um grupo; só há poder porque há dispersão, intermediações, redes, apoios recíprocos, diferenças de potencial, defasagens etc. É nesse sistema de diferenças, que será preciso analisar, que o poder pode se por em funcionamento” (Foucault, 2006 [1973], p. 7).

É bom lembrar que o conceito de poder, aliás, de biopoder em Foucault, o poder que incide sobre a vida, é ramificado, difuso, jamais se concentrando em um só lugar. Bem. Voltemos à música. Cantava-se, ao ritmo eletrônico, *Farmacolibertação*. Aqui temos um autor, um grupo de pessoas, **toda uma população** que pede sua libertação do poder médico, seu julgamento, seus diagnósticos. Extremamente legítimo. A libertação não seria precisamente os fármacos, mas o poder de agenciamento e autonomia de cada sujeito diante do próprio corpo — quer seja o direito de experimentar, escolher, se transformar nesta ou naquela medida, por este ou aquele caminho, método, maneira. Me ocorre à memória uma figura recorrente no cinema, provável que também na literatura e certamente na vida, a do médico adicto que prescreve e manipula ele mesmo fármacos controlados para pessoas próximas, amigos, ele mesmo. O poder regulatório da medicina, o crivo analítico, a instituição psiquiátrica.

Por outro lado — apenas coloco a pergunta — serão os fármacos mesmo uma libertação? Entre a comunidade trans, não é consenso que este seja o único caminho. Pelo contrário, não à toa existe o termo transmedicalista. *Transmed*. No filme, mesmo com toda a beleza, paira sobre tantas estórias um entendimento de que *todas as pessoas trans estejam em busca de, em alguma maneira, modificar seus corpos, seja pela via hormonal ou por cirurgias*. Ou, ao menos, há uma forte sedução que nos guia nesse sentido. Seria o caso em que, todos nós que já somos trans, teríamos também de nos esforçar a *passar por trans*, como sugere um dos Orlandos? Ou *passar* por qualquer coisa que seja, necessariamente? Visibilidade, percurso. Em simultâneo a um certo devir coletivo, é tão pessoal o caminho. E isso também está lá.

A mesma letra e música aparecem em nova versão, com pequenas mas significativas modificações, durante os créditos finais do filme. *Farmacolibertação*, dá lugar, em um remix selvagem, a *Farmacorevolução (Farmacorevolution)*¹³⁴. A farmacopornografia parece ganhar, então, novos contornos.

¹³⁴ Música: *Farmacorevolution*. Letra de Paul B. Preciado. Composição e produção de Perez, Clara Deshayes. Interpretação de Dan Orłowski. Mixagem de Adrien Durand, Clara Deshayes. Copyright Music Department; Paul B. Preciado, Perez, Dan Orłowski.

5.2 Feminismos, tecnologias e linguagem

O “Manifesto ciborgue” de Donna Haraway foi traduzido no Brasil bem antes da chegada dos contextos em que circulou nos países de língua inglesa. O texto, reescrito a partir de um artigo de 1983, entra como um capítulo do livro *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*, publicado nos EUA em 1991. As edições mais antigas que encontro do *Manifesto ciborgue* no Brasil são de 2000, pela editora Autêntica. *A reinvenção da natureza*, tradução desta obra compilada de 1991, só é publicada pela WMF Martins Fontes em 2023. Eu conto isso porque, me parece, a compreensão e, por assim dizer, um *hype*, uma noção não situada e contextualizada do conceito de ciborgue, me parece figurar em um certo imaginário comum, jovem, nos tempos recentes. Não sou de modo algum especialista na obra de Haraway, mas tive de devorar o livro praticamente inteiro, de uma vez.

O capítulo que antecede ao “Manifesto ciborgue”, ali, lembrando que estamos na passagem dos anos 1980 para os 1990, é “‘Gênero’ para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra”. Um texto que, escrito a partir da tentativa frustrada da redação de um verbete multilíngue (em que cada idioma possui sua própria historicidade na construção e usos dos termos), é uma longa aula sobre o sistema sexo-gênero, considerando-se principalmente as concepções anglófonas tensionadas com o termo em alemão e algumas línguas latinas. É um baita de um desafio: definir uma multiplicidade. “No final do século XX”, escreve Haraway, “nós mesmos somos tecnologias incorporadas de escrita” (Haraway, 2023 [1991], p. 223). E segue: “Essa é parte da implosão do gênero e do sexo na linguagem, na biologia e na sintaxe, permitida pela tecnociência ocidental” (ibid.). Ela lembra que a expressão *sexo-gênero* é utilizada pela primeira vez no hoje célebre texto de Gayle Rubin, “O tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo”, de 1975, publicado junto a “Pensando o sexo” (1984) no Brasil em 2017¹³⁵.

Primeira questão importante no “Manifesto ciborgue” é seu subtítulo: “ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX”. É situado historicamente. Segunda questão: o humor. Começa com “um sonho irônico com uma linguagem comum para as mulheres no circuito integrado” (Haraway, 2023 [1991], p. 260). Haraway fala em blasfêmia como proteção da moral. E de ficção. “Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social ao mesmo tempo que é uma criatura de ficção” (ibid., p. 261). Agora faça um exercício de memória. Como eram tecnologias de uso

¹³⁵ Cf. RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu, 2017.

cotidiano no final do século XX? Estamos falando ainda de um momento em que se lida bastante com tecnologias analógicas, gradualmente sendo solapadas pelas digitais. Lembre-se dos computadores de mesa, com as telas gordas de tubo e ainda pré-internet em grande escala. Desde os anos 1970 e 1980, aos poucos, a digitalização chegava com tudo a ocupar todas as instâncias da vida civil. Haraway olha a partir da experiência feminista. “Elas não podiam realizar o sonho do homem, mas somente zombar dele. Elas não eram o homem, um autor de si mesmo, mas apenas uma caricatura desse sonho reprodutivo masculinista” (Haraway, 2023 [1991], p. 265).

É interessante, sem dúvida, ver como Haraway aparece um tanto em Preciado como *herança*. Mas peço um olhar atento às interpretações. Em uma longa nota de rodapé em citação a Frederic Jameson e crítica às teorias pós-modernistas, ela diz: “Já é hora de escrever ‘A morte da clínica’” (ibid., p. 429), em menção à obra de Foucault¹³⁶. Essa mesma frase integra a crônica “Dizemos revolução”, publicada no *Apartamento em Urano* de Preciado. “Nossas dominações não funcionam mais através da medicalização e da normalização; elas operam criando redes, reprojando as comunicações, gerenciando o estresse” (ibid.), continua Haraway. Da importância de se observar que algumas tecnologias não desaparecem assim tão facilmente, não se sucedem e tampouco se substituem por completo, recordamos, considerando inclusive a breve amostra de que trata este trabalho: de que todas essas instâncias, isto é, os poderes médico, jurídico e os demais domínios de poder institucionalizado, os códigos e algoritmos introjetados na experiência cotidiana, o capital, as redes, a moral e a colonização, todos subsistem e coexistem no mundo contemporâneo, e vão afetar as subjetividades, as corporalidades. A nossa existência no mundo.

“Só um ciborgue tem chance” (ibid.), diz Haraway. O ciborgue que ela propõe não corresponde exatamente ao antigo *sonho* de ficção científica, a figura mítica do homem-máquina¹³⁷. Há um sentido subjetivo de potência subversiva, estratégica, literária. Feminista.

¹³⁶ Cf. FOUCAULT, *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

¹³⁷ Cf. SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. Londres: Bloomsbury, 2006 [1818]. Mas Frankenstein, ou o *Prometeu moderno* (seu subtítulo) teria sido só o primeiro, simbólico, seguido de muitos outros; uma constante na ficção científica até os dias atuais. Talvez deva-se chamar a atenção para, no século XX, uma presença bastante mais forte de ciborgues (e robôs inteligentes) em narrativas de ficção literária e no cinema ao longo dos anos 1970, 1980 e 1990 — e que, longe de desaparecerem, são sempre reiterados, lembrados e reinventados. Estou falando de filmes comerciais como *RoboCop*, *O exterminador do futuro*, *Star wars*, a série *Star trek*, literatura cyberpunk e de J.G. Ballard, por exemplo, em um período também marcado por obras cinematográficas futuristas como *Blade runner* (baseado em um conto de Philip K. Dick) etc. Acontece que, no ensaio de Haraway, as referências, todas elas feministas de alguma forma, tendem para um campo diferente. Ela cita *Blade runner*, olhando para uma personagem feminina, mas, principalmente, as narrativas dos livros de Octavia Butler, Joanna Russ, Anne McCaffrey, Samuel R. Delany, James Tiptree Jr., John Varley e Vonda McIntyre — esta última, pelo romance *Superluminal*, e nem tanto pela série *Star trek*, também de sua autoria. “Os ciborgues que povoam a ficção científica feminista tornam bastante

As armas que ela vai mostrar, em grande parte dizem respeito à linguagem: “Libertar o jogo da escrita é mortalmente sério”¹³⁸, diz ela, pensando na escrita de mulheres racializadas estadunidenses. “A escrita tem um significado especial para todos os grupos colonizados” (ibid.). É o jogo do poder de significar, este que “não deve ser nem fálico nem inocente” (ibid.). Em menção a Derrida, ela diz: “biotecnologias, microeletrônica, tecnologias que descrevem o mundo” seriam todas falocêntricas (ibid., p. 306). “Histórias ciborgues feministas têm a tarefa de recodificar a comunicação e a inteligência para subverter o comando e o controle” (ibid.). E postula: “A política ciborgue é a luta pela linguagem e contra a comunicação perfeita, contra o código único que traduz todos os significados perfeitamente, o dogma central do falocentrismo” (ibid., p. 307). O ruído e a sujeira como armas. Cabe abdicar de uma lógica da identidade, de pureza, dos partidos, da maternidade (significativa para alguns feminismos). Enfatiza o poder das margens, da mistura, invertendo e deslocando “dualismos hierárquicos das identidades naturalizadas” (ibid., p. 306). “‘Epistemologia’ diz respeito a conhecer a diferença” (ibid., p. 280). “Isso não é só desconstrução literária”, ela diz, “mas também transformação liminar” (ibid., p. 309).

O “Manifesto ciborgue” é uma estratégia irônica de insubmissão, e nesse sentido, consegue-se imaginar a influência que terá tido sobre o *Manifesto contrassexual* de Preciado. Mas me parece que algumas instâncias possam ter sido tomadas em uma literalidade, ou, enfim, em uma leitura que favoreça as ideias de quem com elas dialoga. O que, pode-se dizer, é o que tende a acontecer nos usos da linguagem, e talvez mesmo o que a constitua enquanto ferramenta.

5.3 Corpo, subjetividade e tecnociência

Com o subtítulo “O corpo obsoleto e as tecnologias do *upgrade*”, Paula Sibilia, argentina radicada no Brasil e professora da UFF, abre a introdução de *O homem pós-orgânico*¹³⁹, livro publicado em 2002 e fruto de sua dissertação de mestrado. O ano de

problemáticos os estatutos de homem e mulher, humano, artefato, membro de uma raça, entidade individual ou corpo” (Haraway, 2023 [1991], p. 311). São as transgressões de fronteiras que estão em jogo, em seu sentido mais radical.

¹³⁸ HARAWAY, 2023 [1991], p. 305.

¹³⁹ Cf. SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. Há uma reedição revista e aumentada de 2020, com o subtítulo *A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*, publicada pela Contraponto Editora, da qual pude ler a introdução e alguns trechos. Mas, por questões de viabilidade, em grande parte mantivemos aqui a leitura a

publicação é, se considerarmos a versão mais difundida, o mesmo do *Manifesto contrassexual*. Ressalto essas observações porque, quando se escreve sobre tecnologias, considerar o momento em que as obras vieram a público é muito relevante. Sibilia escreve sobre tecnociência e o “homem pós-orgânico” como um projeto fáustico, de superação do humano, uma das correntes de pensamento dominantes na filosofia da tecnologia. A concepção fáustica da tecnologia vai suplantar a concepção prometeica, sobre as quais escreveu Hermínio Martins¹⁴⁰. Observe-se que ambas carregam em seus nomes a referência aos mitos que lhe dão sentido.

Em um outro artigo, Sibilia descreve “Prometeu, o titã que forneceu aos homens o fogo e obteve um severo castigo dos deuses” (Sibilia, 2006, p. 445). Um mito que “denuncia a arrogância da humanidade em sua tentativa de usurpar as prerrogativas divinas por meio das artimanhas e saberes terrenos” (Sibilia, 2006, p. 445). A visão prometeica é meramente instrumental da técnica, com o intuito de melhoria das condições de vida dos seres humanos. Já em *Fausto*, remetendo à obra de Goethe, o dinheiro ganha atributos divinos. A tradição prometeica é associada ao período moderno, enquanto que a tecnociência contemporânea é lida como de tradição fáustica no Ocidente, “da qual fluem certas tendências *neognósticas*: uma série de práticas e crenças que rejeitam a organicidade e a materialidade do corpo humano para procurar, na sua superação, um ideal asséptico, artificial, virtual, imortal” (ibid.). Como diz Sibilia, “a salvação hoje pode ser *comprada*. A tecnociência aliada ao mercado vende a promessa de que uma boa ‘gestão de si’ permitiria superar — ou, pelo menos, contornar de maneira transitória, porém efetiva — os problemas acarretados pela nossa indigna condição carnal” (ibid., p. 444).

Humanidade *plástica*. Tecnologias que atravessam a corporalidade humana, remodelando-a. Os cirurgiões plásticos são tidos como os dignos heróis da era fáustica, por sua filiação a projetos de reformatação humana. A herança não é nada tranquila: em fins do século XIX, essa especialidade médica estaria ligada à “‘correção’ de traços raciais considerados *inferiores*” (ibid., p. 449), remetendo a projetos de eugenia praticados com a população judaica. Evoco aqui esses fantasmas pois penso que eles ainda podem, quem sabe, ser ferramentas para pensar o papel da tecnociência no contexto do mundo globalizado, seja para pessoas de qualquer gênero, raça ou expressão. E como essas concepções podem atravessar nosso imaginário, nossa relação com a existência física em um corpo, subjetivamente, espectralmente. Creio que

partir da obra original em português, do ano de 2002. Se houver oportunidade, podemos fazer uma releitura em momento posterior.

¹⁴⁰ Ver MARTINS, Hermínio. *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Edições Séc. XXI, 1996 e MARTINS, Hermínio. *Experimentum humanum: civilização tecnológica e condição humana*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

podemos descartar aqui o debate sobre as questões demiúrgicas. Não nos interessa seguir por esses meandros.

No capítulo final de *O homem pós-orgânico*, Sibilia pergunta: “as potências de vida se enriquecem nesse movimentos, ou são fatalmente cerceadas? Abrem-se novas opções de resistência e de criação, ou fecham-se os caminhos que poderiam conduzir ao ‘outramento’?” (Sibilia, 2002, p. 207). O mais importante é poder formular as perguntas, não necessariamente respondê-las. Até porque as respostas vão variar de contexto, sujeito e ocasião. Vivemos tempos em que a existência humana se torna cada vez mais atravessada por mudanças de paradigma, de perspectiva, de possibilidades de agenciamento técnico. E isso não pode ser ignorado. Considere-se, também, uma possível “histeria antitecnológica” denunciada por Peter Sloterdijk, expressando “o ressentimento da bivalência caduca contra uma polivalência que não pode compreender” (Sloterdijk apud Sibilia, 2002, p. 208). Aparece aí em questão o dualismo digital-analógico, assunto frequente pelo menos desde a virada de século, assim como uma advertência sobre a complexidade dos “aneis de uma serpente” característicos das sociedades de controle, tal qual anunciada por Gilles Deleuze em 1990.

Pois é fortíssima a comoção que os processos aqui apresentados estão provocando no substrato metafísico da tradição ocidental, decompondo os clássicos **dualismos analógicos** para estilhá-los nas infinitas variantes combinatórias da **perspectiva digital**. Tal impacto, com enormes consequências em todos os âmbitos, pode motivar reações nostálgicas ou saudosistas dos ‘bons tempos idos’, antigas épocas de certezas firmes, realidades absolutas, identidades fixas e estáveis (Sibilia, 2002, p. 208, grifos da autora).

“Talvez seja a hora de resgatar o ‘prazer na confusão de fronteiras e a responsabilidade na sua construção’” (ibid., p. 209-210), relembra em referência a Haraway no “Manifesto ciborgue”, e que também ressoa em Preciado. Sibilia resgata um texto de 1997 de Suely Rolnik que chama de “Toxicômanos de identidade” os sujeitos contemporâneos dos “tempos de globalização”, a partir de quando as pessoas seriam “bombardeadas e investidas sem cessar por uma infinidade de pulsões mutantes” (ibid., p. 209). É difícil resistir a falar em um “mercado de identidades”, disponíveis no Instagram e no discurso corrente, ainda hoje. Visto de um outro ângulo, contudo, apesar da velocidade com que chegam as imagens e discursos, é possível observar um movimento crescente e coletivo que expõe e manifesta desejos, invenções, em uma criação contínua de possibilidades e poéticas de si. Ainda que também se assista frequentemente também a uma volatilidade de novas regras e cartilhas de como agir, simplificando questões complexas à linguagem audiovisual portátil e rápida das redes.

Sabemos, é preciso vivê-las, conviver com as pessoas longe dos aparatos tecnológicos de visibilidade (ainda que isso seja cada vez mais difícil), para de fato compreender as nuances de cada um, de cada expressão, de cada situação e, portanto, de cada subjetividade e seus agenciamentos. As drogas a que Rolnik se refere, motivando o “toxicômanos” do título, incluem tanto fármacos oriundos da indústria, quer seja prescritos por psiquiatras ou produtos do narcotráfico, mas também as drogas *midiáticas*, à época, aquela “oferecida pela TV” (Rolnik, 1997, p. 3), a publicidade, o cinema comercial etc. Hoje, facilmente identificável, de maneira intensificada e personalizada, pelos algoritmos das mídias sociais e da internet. “Próteses de identidade” (ibid.), dizia ela, naquele momento.

A experiência identitária das pessoas não é somente atravessada pela política, mas também pelo âmbito emocional e afetivo. Nessa hora surgem narrativas como “eu nasci assim”, “quando eu fizer a cirurgia, estarei feliz”, “estou externalizando minha verdadeira essência”. É natural, portanto, que muitas pessoas trans vejam o gênero como algo que irá trazer alguma restituição subjetiva, e na transição enxerguem algo equivalente até mesmo a uma conversão — ao invés de um intercâmbio. Aqui, o gênero estaria sendo entendido como um dado da natureza, não como uma instituição cortada por valores históricos e pactos culturais. Por outro lado, entender o gênero como uma instituição impõe que reconheçamos o seguinte: as instituições estão sempre disputando o nosso desejo (Fávero, 2022, p. 199-200).

Este é um trecho retirado da seção final de *Psicologia suja*, de Sofia Fávero, publicado em 2022. O capítulo se chama “Temer a destransição é temer o luto”. Ela continua: “Ser trans não é necessariamente ter um gênero. Penso que esse é um erro que precisamos observar. O que as identidades trans fazem é contestar os sistemas que dão reconhecimento a duas formas únicas de existência, homem e mulher, masculino e feminino” (ibid., p. 200). Fávero recorda que essa discussão ganhou força no âmbito acadêmico com o pós-estruturalismo e os estudos de gênero, “que ajudaram a libertar a experiência da dissidência do olhar medicalocêntrico” (ibid.).

Em conversa, aqui, duas psicanalistas muito pouco convencionais, com algumas décadas de distância entre um escrito e outro. Seguimos um pouco mais com Fávero:

Gênero é aquilo que disputa o nosso desejo, e se a gente assume que o nosso desejo é constante (diferente de dizer contínuo), a gente precisa reconhecer que o desejo sempre muda. Consequentemente, o nosso corpo muda junto (e, cis ou trans, vivemos diversas transições). Vamos encontrando outras palavras para definir a nós mesmos. De palavra em palavra, operamos uma mudança muitas vezes imperceptível, mas não menos real e tampouco concreta. Essa alergia de contato, ao não querer se deparar com o ser-se outra coisa — ou seja, em lutar contra o próprio desejo, que é plástico, plural e polimorfo por excelência —, representa um combate ativo à experiência da vida (Fávero, 2022, p. 201-202).

Reconhecendo a “riqueza de hibridações que se fazem nas subjetividades no contemporâneo” (Rolnik, 1997, p. 11), Rolnik fala em resgatar a vibratibilidade do corpo, uma receptividade, acessando intensidades não discursivas apenas possíveis por meio da contaminação — e nunca por representação. É necessário, para que se possa pensar as singularidades subjetivas em sua potência de transformação, um deslocamento do antigo modelo identitário e da lógica da representação, que ao buscar o equilíbrio, despreza as singularidades, por seu teor de caos e invenção. Ela pergunta:

Que agenciamentos são passíveis de trazê-los [os conjuntos de intensidades] à existência, recompor um mundo, relançar o processo? Há, sem dúvida, uma escolha a ser feita, mas ela não se faz em função de uma suposta verdade; as escolhas são múltiplas e se fazem em função do que é melhor para a expansão da vida, assumindo-se sempre o risco do engano. Uma escolha ética, que é mais da ordem da arte do que do método: o que ela visa é criar formas de existência, a favor do processo vital; todo o contrário da tentativa clássica e moderna de domar esse processo (Rolnik, 1997, p. 12).

5.4 Mesa de operações literária

“Poderíamos operar uma cirurgia na palavra?”

Sofia Fávero em Pajubá terapia

No capítulo “A industrialização dos sexos ou *Money makes sex*”, do *Manifesto contrassexual*, aparece pela primeira vez a ☞ mesa de operações ☞¹⁴¹ abstrata de Preciado. Ao longo de *Orlando: minha biografia política*, a mesa de operações figura algumas vezes na fala do narrador, Orlando Paul. “Como filmar a biografia¹⁴² de uma pessoa trans hoje?”¹⁴³, pergunta ele ainda no começo do filme. “Toda vida individual é uma história coletiva”. Vemos, na tela, misturada à narrativa e aos relatos dos Orlandos, um inventário histórico de pessoas

¹⁴¹ No *Manifesto*, Preciado indica em uma nota de rodapé que o termo vem de uma formulação de Foucault, no início de *As palavras e as coisas*, que por sua vez o pega de Raymond Russel.

¹⁴² Nos últimos anos, têm sido lançados alguns filmes brasileiros, muitos deles documentários, que versam sobre as experiências trans. Destaco os longas “Sessão bruta”, de As Talavistas e ela.Ltda (2021, 84min); “Bixa Travesty”, de Kiko Goifman e Cláudia Priscila (com Linn da Quebrada, Jup do Bairro e Liniker, 2019, 1h15min) e os curtas “Tailor”, de Tomás Cali (2017, 10min); “Preciso dizer que te amo”, de Ariel Nobre (2018, 13min) e “Capim Navalha”, de Michel Queiroz (2021, 17min), dentre outros. No campo da literatura, autobiografias trans vêm sendo resgatadas por pesquisadoras como Caio Jade e Amara Moira.

¹⁴³ Todos os trechos entre aspas neste capítulo, sempre que não citada fonte bibliográfica, são **informação verbal**, no caso, extraídas do filme *Orlando: minha biografia política* (2023), dirigido por Paul B. Preciado.

trans dos tempos passados. Histórias de mulheres que tiveram de sair de países como a França para fazer cirurgia de redesignação sexual — e o espetáculo feito delas no seu retorno; ativistas pela libertação gay como Marsha P. Johnson... O manifesto do filme tem a força de muitos Orlandos, ao longo de vários séculos. Como dizia Butler, “os gêneros que tenho em mente têm existido há um longo tempo, contudo não foram admitidos nos termos que governam a realidade” (Butler, 2022 [2004], p. 367). “Como viver como um poeta de gênero em meio a uma sociedade binária e normativa?”, indaga Preciado.

Ele imagina a “cama como uma mesa de operações onírica e sem dor”, nas primeiras imagens a que assistimos, quando fala da transformação de Orlando durante o sono. Em busca de documentos com gênero e nome retificados¹⁴⁴, garantindo direitos básicos de ir e vir, eis que a ∞ mesa de operações ∞ abstrata se materializa. Aparecem Orlandos vestindo uniformes médicos. Um deles lava as mãos, outros se arrumam. Estamos em uma sala de operações de um hospital, e Preciado ocupa a posição do cirurgião. A equipe de Orlandos lhe provê assistência. “Quem é operado quando nossos corpos descansam em mesas cirúrgicas do império binário?”, pergunta ele. “Nossos corpos são tecidos discursivos, montagens de ficção e carne. Operar é intervir, não simplesmente na anatomia, mas acima de tudo na ficção”¹⁴⁵, são suas palavras. “Ficções que podemos deitar em uma mesa de operações”. Estamos aqui, a uma hora e vinte e seis minutos de filme.

“Historicamente, pessoas trans são consideradas como corpos que devem ser operados pela medicina, para restaurar a continuidade entre anatomia e gênero. Eu também passei por essa mesa de operações”. De onde veio essa ideia, Preciado? De trazer a abstração para a vida real, de não se rebelar contra o sistema médico e todas as suas tecnologias, seus fármacos industrializados, seus interesses normalizantes, suas políticas, seu capital? Insubordinação, essa palavra. Acostumamo-nos à medicina. Aos seus protocolos de análise e correção. Ao uso prolongado de substâncias. Essa medicina do Ocidente é branca, cisgênera e raramente olha para o corpo em sua totalidade — que dirá para uma pessoa. Medicina de máquinas, todas produzidas em contextos de guerra. *O corpo* pode ser *crítico*¹⁴⁶. *Poiesis* como ação no mundo. Poesia como lugar em si. Acolhe a tua dissidência, a tua *incongruência*. Ou abraça o teatro da

¹⁴⁴ *Retificados*, tornados *straight*? Existentes. Viáveis.

¹⁴⁵ A composição da cena remete propositalmente à pintura *A lição de anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt (1632). Preciado fala a respeito em entrevista à BoCA Bienal, em Lisboa, que trouxe na programação seu filme *Orlando: minha biografia política* e uma leitura pública feita a múltiplas vozes de *Eu sou o monstro que vos fala*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QftLE1avn9U> (acesso em março de 2024).

¹⁴⁶ Cf. BERNADET, Jean Claude. *O corpo crítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. Um livro de um cineasta e professor em torno de sua trajetória como paciente da medicina branca. Sobre autonomia e direito de escolha. E vai investigar as máquinas.

abstração, o corpo como matéria plástica. Construção, invenção. Sangue, bisturi. Passabilidade, transformação, sedução.

“Quem é operado quando nossos corpos descansam nas mesas cirúrgicas do império binário?”. Na mesa de operações, deitado em lençol, chega *Orlando*, de Virginia Woolf. Um livro em edição luxuosa, de capa dura. Alguém passa o bisturi. É você que está sendo operado, Orlando. Uma hora e vinte e oito minutos de filme. “Nossos corpos são tecidos discursivos, montagens de ficção e carne. Operar é intervir, não simplesmente na anatomia, mas acima de tudo na ficção política”, Preciado. A mesa de operações abstrata entra em ação, na forma literal. Encenação. Performance.

Bisturi sobre as palavras. Recorta. Destaca. “A violência era tudo”. ... Bisturi sobre as imagens. Uma fotografia de Orlando como menino, o Orlando de Virginia. Ruídos de metais, silêncio cirúrgico. Uma assistente seca a testa do cirurgião. Bisturi sobre outra fotografia. “Nós nunca operamos em corpos individuais, nós operamos sobre história política. É o regime da diferença sexual que precisa ser operado. Há tantos discursos históricos nos quais devemos intervir”. Tamo junto, Preciado. Fotografias históricas de pessoas trans são transplantadas para o livro, *Os Orlandos* da História. Fios de sutura, corte. Fotografia de Preciado criança um Orlando não binário, segundo o próprio, acompanhado por ficções de feminilidade e masculinidade normativas: bonecos gigantes no carnaval espanhol.

Da filosofia-ficção *desde Brésil*, Fávero, autoridade trans, análise sintática:

A questão principal que acredito ser importante para nós está na própria palavra transição, pois, se continuarmos vendo “transição” como um evento isolado, único, um portal que as pessoas atravessam e que modifica suas vidas, teremos um grave problema. Talvez essa concepção específica de transição venha da literatura médica e da concepção segundo a qual intervenções cirúrgicas e endocrinológicas “alteram” o gênero de uma pessoa. Basta uma injeção de testosterona e faz-se um homem. Basta uma mamoplastia de aumento para entender-se mulher. Não é curioso que até mesmo profissionais da psicologia, que trabalham com o discurso, deixem-se seduzir por isso? Ora, logo nós iremos dizer que a “linguagem” é menor do que as intervenções da “carne”? Toda palavra não é carne, também? (Fávero, 2022, p. 198).

A palavra é corpo, Paul. A palavra é sentido, Sofia. A palavra é matéria, Orlando. A palavra sente. O corpo dói. São as nossas imagens. O nosso transe. Figuração. Violência sexopolítica. Epistemologia verbal, na pele. Passo a palavra de novo a F.

Muitos esforços em escrever para guardar o nome, ao invés de escrever para criar outros mundos. Ou estamos pensando em queer como identidade? Queer é uma intromissão. Queer não se interessa em registrar, mas em desenodar. Aquilo que há de

queer na nossa formação subjetiva está relacionado à nossa capacidade de se enlutar, se desidentificar, desinvestir, mudar, largar. O pensamento linear, esse sim, é interessado na identidade, no narciso seguro, estabilizado, coerente e igual (Fávero, 2022, p. 133-134)¹⁴⁷.

¹⁴⁷ Do capítulo “A violência é uma forma de ‘fazer’ sujeitos”, em *Psicologia suja*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dançar um outramento

Testo junkie abre com uma citação a *Derrida*, um filme¹⁴⁸ documentário dirigido por Kirby Dick e Amy Kofman de 2003, em que a dupla acompanha o filósofo durante alguns trajetos, um recorte de tempo, ao longo do qual tenta entrevistá-lo. Ao ser indagado sobre o que gostaria de ver em um documentário sobre um filósofo, Derrida responde: “A vida sexual deles”. Derrida não abre praticamente nada sobre a própria vida. Terminei de ver o filme pensando nessa opacidade. Preciado decide fazer a sua sexualidade, sua errância de gênero, figurar em uma obra filosófica de autoficção. Meu ponto de partida, nesta pesquisa, é essa conversa entre Derrida e Preciado. Muitos outros nomes surgem desde então. Havia uma busca: encontrar um nome, sobretudo encontrar ressonância, coletivo, mergulhar. Judith Butler vem como uma grande professora, condutora de caminhos, e assim Carla Rodrigues, filósofa estudiosa do pensamento de Butler, e tantos amigos com os quais conversei ao longo dessa trajetória, vão me dando a mão em historicidades de feminismos, os quais busco a partir da experiência dissidente.

Ter vindo ter com a bioética, a partir da filosofia, *tudo isso*, se provou mais desafiador do que atravessar a própria pandemia da COVID-19. Era 2021 e ainda não saíamos às ruas livremente quando escrevi o projeto. Foi um longo percurso, acidentado, com turbulências pelo caminho. Sei o que vim fazer aqui, creio que sei onde estamos, e agradeço por ter conseguido enfim atravessar. Era um percurso pessoal também, minha própria obra de autoficção, trabalho de pesquisa permeado de antigas indagações, inquietações e descobertas, que tocam a minha

¹⁴⁸ Poderia citar dois filmes brasileiros e recentes que se mostram em diálogo com alguns dos lugares visitados por essa dissertação, mas que acabaram não entrando o curso da escrita. São eles: *Nardjes A.* (2020), do diretor cearense de ascendência argelina Karim Aïnouz (que vive em Berlim), documentário que filma um dia durante uma onda de grandes manifestações públicas em Argel, Argélia, em 2019, terra do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida, onde seus habitantes seguem lutando por décadas para conquistar seus direitos civis e libertação do poder autoritário. O outro é *Retratos fantasmas* (2023), de Kleber Mendonça Filho, que em suas sequências finais mostra a ampla proliferação nos últimos anos de imensas farmácias, as drogarias, por todas as capitais do Brasil (quem sabe, do mundo), formando um verdadeiro império que se instala, não raro, no lugar de antigos cinemas e centros culturais. E ainda, *All the beauty and the bloodshed* (2022), de Laura Poitras, documentário em que a fotógrafa, artista e ativista estadunidense Nan Goldin, conhecida por suas fotografias íntimas e da comunidade queer de Nova York desde os anos 1980, monta um coletivo de ativistas que criam ações para lutar contra o império da poderosa família Sackler, dona da Purdue Pharma, que financiava os maiores museus de arte contemporânea do mundo, enriquecendo às custas da venda de fármacos opioides responsáveis por causar forte dependência e morte em um número escandaloso de pessoas.

própria trajetória enquanto corpo vivo convivendo em sociedade. Colocar o corpo no jogo, fácil não iria ser. Esperava povoamentos. Encontrei os parâmetros biomédicos e os impasses institucionais. Aprendo também com eles. Havia questões a encarar por aqui. Acabo escrevendo sobre um filme, do filósofo curador de arte que acaba virando também diretor de cinema. Volto ao meu caminho inicial, nesse gesto. Penso e faço filmes deve ter, por aí, uns quase 20 anos. Retornamos à casa. Filosofia pertence às artes.

Alguns lugares que eu gostaria de tocar não foram possíveis de desenvolver dentro dos prazos estipulados, e assim, me permito alinhar aqui suavemente alguns sentidos que também se encontram latentes nesse projeto. Creio que vim ter com a bioética, a saúde coletiva e a medicina social, pela via da ética aplicada, estudando filósofos-etc¹⁴⁹, por um sentimento de profunda recusa e desconforto com a medicina tradicional, ocidental, branca, contemporânea e hipervigilante — essa do modelo dos hospitais. Cresci acessando terapias holísticas, homeopatia, espiritualidades orientais e artes do corpo, de modo que entendo a própria noção de saúde de maneira muito, muito divergente desta que é de alguma maneira dominante. Frequento consultórios apenas o mínimo necessário para cumprir os protocolos e ficar a par dos *exames*, estes que se tornam mais frequentes conforme vai se avançando no tempo. Essa medicina que só vê a carne, os órgãos em separado e a materialidade do corpo me soa cega e sem sentidos. E — sexualidade, com todas as questões que possa ter, somada à sua força criativa, tem de dizer respeito a alegria. Ao menos em tom de busca, mas sobretudo prática cotidiana. Energia sexual é invenção. Libido é pulsão de vida. Recuso, tenho dificuldade de imaginar, já vivi algo semelhante — estranho confiar em controle nesse campo. Ou em medicalização deliberada. Um *protocolo de intoxicação voluntária*. Para algumas pessoas possa ser que faça muito sentido, pois bem. Há um vendaval de possibilidades. Estamos no meio dele, admito.

Pois no meio de tanto, descubro que não posso escrever só. Eu já sabia, mas observo no meio do movimento. O abandono paralisa. O impasse torna difícil caminhar. Eu tinha muito medo quando iniciei essa pesquisa, mas também foi em um gesto de coragem de expor dúvidas e fragilidades que embarquei nesse projeto. O medo era só um meio de a dúvida se canalizar. E vinha apenas do isolamento que viemos carregando. Tocar as palavras turvas, cutucar os vendavais no meio do redemoinho. Dançar. Aprendi muito com as diferenças, e é algo que se

¹⁴⁹ Cf. BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.

inscreve na vida. Seguiremos nos descobrindo diferentes, cambiantes e no entanto próximos, convergentes. O chão está movediço¹⁵⁰; nossos pés têm de ter asas e muito afeto. Lembrar.

Diego Agulló, um performer filósofo que estudava o que chamava de “danças perigosas” (*dangerous dances*) em proposições performáticas com grandes grupos, e que conheci participando de um desses, em São Paulo, me publica um livro chamado, em tradução livre, *Arriscando o ser: filosofia, Tai Chi e psicodélicos*¹⁵¹. Nele, há um capítulo dedicado a pensar transições corpóreas, intitulado *Corpo transicionando (body transitioning)*. O corpo estaria sempre em transição, em movimento. Considerando uma transição de *dentro* para *fora*, a partir de práticas corpóreas também espirituais, como o Tai Chi, é possível alcançar outros estados corporais, transformar esse corpo, torná-lo mais forte, apto, sereno. É possível obter transformações muito distintas dessas também, com técnicas diferentes, visando objetivos diferentes. Não se trata de uma transição de gênero, mas conhecimento interno do corpo e desenvolvimento de potenciais por meio de práticas, de qualidade nos movimentos, mutação energética, transição gradual dos músculos, dos órgãos. Agulló conta que o poeta alemão Novalis, no séc. XVIII, dizia que a “verdadeira Arte Poética é um uso voluntário, ativo e produtivo de nossos órgãos” (Agulló, 2019, p. 104, tradução nossa). A tradição filosófica ocidental, e em particular seus contemporâneos, como Fichte e os idealistas alemães, teria se esquecido de exercitar outros órgãos que não o cérebro.

Para Novalis, o corpo deveria funcionar como um todo, sem dar maior prioridade ao órgão mental. Todos os órgãos internos têm poderes intrínsecos, e é necessário realizar o potencial criativo orgânico que o corpo poderia ter caso os órgãos internos fossem propriamente estimulados e exercitados (ibid., p. 104-105, tradução nossa).

Na forma de uma nova teoria da saúde, o que viria por sugestão de Novalis seria uma prática DIY (*do-it-yourself*, faça você mesmo) da alquimia interna do corpo. E a prática de exercícios. Imagino ser perfeitamente possível combinar transições simultâneas no corpo, caso elas não entrem em conflito. Já em um artigo de Fabiano Lemos, encontramos uma filosofia da medicina de Novalis, que propõe, a partir de John Brown, uma teoria que propõe uma saída para o dualismo kantiano, apresentando uma noção de alma, cara à época, capaz de se colocar além do binarismo passividade-atividade (Lemos, 2019, p. 73). “*Como se produz um corpo? É essa a questão que Novalis encontrará nas noções gerais da medicina browniana*” (ibid.).

¹⁵⁰ Cf. PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi: el sonido del mundo derrumbándose*. Barcelona: Anagrama, 2022. Cf. ROLNIK, Suely. *Esféras da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. Prefácio de Paul B. Preciado. São Paulo, n-1 edições, 2018.

¹⁵¹ Cf. AGULLÓ, Diego. *Risking the self: philosophy, Tai Chi and psychedelics*. Berlim: Circadian, 2019.

Deriva

Existe um espaço de realização do corpo que tem a ver com um mergulho no desconhecido. “Dançar um não saber”, entreouvido em laboratórios de improvisação em dança. Pensando em um vislumbre de “modos de existência singulares e heterogêneos” (Rolnik, 1997, p. 18), “a incorporação do plano intensivo que é o Corpo sem Órgãos na cartografia da subjetividade indica uma pista: é o próprio tabuleiro do regime identitário o que está para ser posto em questão” (ibid.). Na esteira da esquizoanálise elaborada por Gilles Deleuze & Felix Guattari, e confluindo com a antropofagia de Oswald de Andrade, Rolnik fala em “miscigenações promovidas pelo nomadismo do desejo” (ibid.).

O Corpo sem Órgãos tal como mencionado por Deleuze & Guattari extensivamente ao longo de seus escritos me chama à atenção, durante a pesquisa, em uma releitura despreziosa do *Crítica e clínica*, de Deleuze. Há ali um ensaio chamado “Para dar um fim ao juízo”, inspirado em *Para dar um fim ao juízo de Deus* e no teatro da crueldade de Antonin Artaud. Sugere-se uma privação da organização dos órgãos pela qual se julga e se é julgado (Deleuze, 2011 [1993], p. 168). Eis uma constante em Nietzsche: “denunciar essa pretensão de julgar a vida em nome de valores superiores” (ibid., p. 165). “Mais uma palavra contra Kant como moralista. Uma virtude deve ser a *nossa* invenção, a *nossa* defesa e a *nossa* necessidade pessoais; tomada em qualquer outro sentido, não passa de um perigo” (Nietzsche, 1895, p. 15)¹⁵². Ética. Ademais, “há uma justiça que se opõe a todo juízo”, diria Nietzsche, como nos lembra Deleuze (Deleuze, 2011 [1993], p. 164).

Steve Paxton: “Não sou um filósofo moral, sou apenas um dançarino improvisador. É dessa posição, bastante isolada, que diagnostico as sociedades do século XXI como loucas. ... Os conglomerados de mineração deveriam ser medicados?” (Paxton, 2018 [2021], p. 80)¹⁵³. Já eu, posso ser filósofo¹⁵⁴, jamais moral, também um dançarino improvisador.

Vim aqui pensar sobre um certo sonho de ser esfinge. Que também compartilho. Mas, nas suas formas contemporâneas, duvido um tanto. Talvez eu quisesse *desromantizar* a leitura de Preciado, conversar com seu legado, sem no entanto conter elogios — quem ousaria. Sei que a utopia fala alto. O sonho urge. Não há resposta pronta, somente devir, viver e pensar criticamente no tempo que nos resta.

¹⁵² Cf. NIETZSCHE, F. *O anticristo*. Rio de Janeiro: Alhambra. Enigmática edição sem data. Original de 1888, publicado em 1895.

¹⁵³ Cf. PAXTON, Steve. *Gravidade*. São Paulo: n-1 edições, 2021 [2018].

¹⁵⁴ Do catalão, uma palavra sem gênero definido.

“I am your Orlando, Virginia / Did you ever think that I could ever ever live like this?”

REFERÊNCIAS

- AGULLÓ, Diego. *Risking the self: philosophy, tai chi and psychedelics*. Berlim: Circadian, 2019.
- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. São Francisco, Spinsters: Aunt Lute, 1987.
- BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2013.
- BENTO, Berenice. “Judith Butler e Antígona: a desobediência como dever ético”. Prefácio. In: BUTLER, Judith. *A reivindicação de Antígona: o parentesco entre a vida e a morte*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, revisão técnica de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- BERNADET, Jean Claude. *O corpo crítico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BORBA, Rodrigo. *(Des)aprendendo a “ser”*: trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador. 2014. 206 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, novembro de 2014.
- BUTLER, Judith. *A reivindicação de Antígona: o parentesco entre a vida e a morte*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias, revisão técnica de Carla Rodrigues e prefácio de Berenice Bento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022 [2000].
- _____. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. Nova York, Londres: Routledge, 1993.
- _____. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago França. São Paulo: n-1 edições, 2020 [1993].
- _____. *Desfazendo gênero*. Tradução de Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luis Felipe Teixeira, Nathan Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. Coordenação de tradução por Carla Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2022 [2004].
- _____. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova York, Londres: Routledge, 1999 [1990].
- _____. “Gênero em tradução: além do monolinguismo”. Tradução de Fernanda Miguens e Carla Rodrigues. In: USP – Cadernos de ética e filosofia política v. 39, n. 2 (2021): Varia e Dossiê II Encontro Filosofia e Gênero / Dossiê GT F&G, p. 364-387.
- _____. *Os sentidos do sujeito*. Tradução de Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Kissel Goldblum, Luiz Felipe Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino. Coordenação de tradução de Carla Rodrigues. Belo Horizonte: Autêntica, 2021 [2015].

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021 [1990].

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021 [1990]. Resenha de: RODRIGUES, Carla. “Butler e a desconstrução do gênero”. In: *Revista Estudos Feministas* 13 (1), abr 2005, p. 179-183. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100012>

_____. *Quem tem medo do gênero?* Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

_____. *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Tradução de Rogério Bettoni e posfácio de Vladimir Safatle. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

_____. *Undoing gender*. Nova York, Londres: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith P. *Subjects of desire: Hegelian reflections in twentieth-century France*. Nova York: Columbia University Press, 1987.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Tradução de Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 [1966].

CONRAD, Peter. *The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorder*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006 [1990].

_____. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011 [1993].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *A thousand plateaus: capitalism and schizophrenia*. Tradução e prefácio à edição de Brian Massumi. Minneapolis, Londres: University of Minnesota Press, 2009 [1987, 1980].

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 3*. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2008 [1980].

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 4*. Coordenação da tradução de Ana Lúcia de Oliveira, revisão técnica de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2008 [1980].

_____. *O anti-édipo*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Editora 34, 2010 [1972/1973].

_____. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz, revisão técnica de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1997 [1991].

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. *Esporas: os estilos de Nietzsche*. Tradução de Carla Rodrigues e Rafael Haddock-Lobo e prefácio à edição brasileira de Maria Cristina Franco Ferraz. São Paulo: NAU Editora, 2013 [1978].

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971 [1967].

_____. *A farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005 [1972].

_____. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008 [1967].

_____. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antonio M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991 [1972].

_____. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Tradução de Fernanda Bernardo. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2001 [1996].

_____. *Of grammatology*. Tradução e prefácio à edição de Gayatri Chakravorty Spivak. The John Hopkins University Press: Baltimore and London, 1997 [1967].

_____. *Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Tradução de Guilherme Cadaval, Arthur Leão Roder e Rafael Haddock-Lobo. Copenhagen/Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2021 [1976].

_____. “Otobiographies: the teaching of Nietzsche and the politics of proper name”. Tradução de Avital Ronell. In: *The ear of the other: otobiographies, transference, translation*. Ed. Christie V. McDonald, tradução de Peggy Kamuf. Nova York: Shoken Books, 1985 [1982].

FAUSTO-STERLING, Anne. “Dualismos em duelo”. Tradução de Plínio Dentzien. In: *Cadernos Pagu*, v. 17/18, 2002 [2000], p. 9-79.

FÁVERO, Sofia. *Pajubá terapia: ensaios sobre a cisnorma*. Porto Alegre, RS: Nemesis Editora, 2019.

_____. *Psicologia suja*. Salvador, BA: Devires, 2022.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. *Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

_____. *Nove variações sobre temas nietzschianos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. “Sociedade Tecnológica: de Prometeu a Fausto”. In: *Revista Contracampo*, n. 12, PPGCOM/UFF, Niterói, RJ, nov. 2008, p. 117-124. DOI: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i04.420>

FERREIRA, Inês Guedes Nin. *Filosofia política nas ruas: antes e depois de 2013*. 2023. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 24 de julho de 2023.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1981, 1966].

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2006 [1988].

_____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução, tradução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2008.

_____. *O nascimento da clínica*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977 [1963].

_____. *O poder psiquiátrico*. Curso dado no Collège de France (1973-1974). Edição de Jacques Lagrange, sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução de Eduardo Brandão, revisão técnica de Salma Tannus Muchail e Márcio Alves da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Vigiar e punir*. Tradução de Raquel Ramallete. São Paulo: Vozes, 1999 [1975].

FLORES, val. *Deslenguada: transbordamentos de uma proletária da linguagem*. Edição e tradução de Ísis Lemes. Revisão da tradução de Beatriz Regina Guimarães Barboza e Martina Davidson. Curitiba: Machorra Edições, 2021.

FLORES, valeria. *Deslenguada: desbordes de una proletaria del lenguaje*. Neuquén: Ediciones Aji de Pollo, 2010.

GOLDENBERG, Miriam; SILVA RAMOS, Marcelo. “A civilização das forma: o corpo como valor”. In: GOLDENBERG, Miriam (org.). *Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Derrida e o labirinto de inscrições*. Porto Alegre, RS: Editora Zouk, 2008.

_____. *Os fantasmas da colônia*. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2020.

_____. *Para um pensamento úmido: a filosofia a partir de Jacques Derrida*. 2007. 453 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 12 de março de 2007.

_____. “Preciado e o pensamento da contrassexualidade (uma prótese de introdução).” In: Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 9, nº 2, p.77-92, 2016.

_____. “Quando as aspas se tornam tesouras: Preciado sobre Derrida sobre Nietzsche.” In: CORREIA, Adriano; HADDOCK-LOBO, Rafael; SILVA, Cíntia Vieira da (orgs.). *Deleuze, desconstrução e alteridade*. Coleção XVII Encontro ANPOF. São Paulo: ANPOF, 2017.

HALBERSTAM, Jack. *A arte queer do fracasso*. Tradução de Bhuvi Libanio e prefácio de Denilson Lopes. Recife, PE: Cepe Editora, 2023 [2011].

_____. *Trans**: a quick and quirky account of gender variability. Oakland, CA: University of California Press, 2018.

HARAWAY, Donna. *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres*. Tradução de Rodrigo Tadeu Gonçalves e prefácio à edição brasileira de Juliana Fausto. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2023 [1991].

HARAWAY, Donna J. *Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature*. Nova York: Routledge, 1991.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do espírito*. Tradução de Paulo Meneses, com a colaboração de Karl-Heinz Efken e José Nogueira Machado, SJ. Apresentação de Henrique Vaz. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003 [1807].

HOBERMAN, John. *Testosterone dreams: rejuvenation, aphrodisia, doping*. Berkeley: University of California Press, 2005.

ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. *Limits to medicine – medical nemesis: the expropriation of health*. Londres: Marion Boyars, 2011 (ebook).

JESUS, Jaqueline Gomes de (org.). *Transfeminismo: teorias & práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

KONNELLY, Lex. “Both, and: Transmedicalism and resistance in non-binary narratives of gender-affirming care.” *In: Toronto Working Papers in Linguistics (TWPL)*, vol. 43, 2021.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001 [1992].

LAURETIS, Teresa de. *Technologies of gender: essays on theory, film and fiction*. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

LEMEBEL, Pedro. *Poco hombre: escritos de uma bicha terceiro-mundista*. Organização e prólogo de Ignacio Echevarría. Tradução de Mariana Sanchez. São Paulo: Zahar, 2023.

LEMOS, Fabiano. “Novalis: filosofia e poética da medicina”. *In: KRITERION*, Belo Horizonte, n. 142, abr. 2019, p. 65-84.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019 [1984].

MELITA, Maureen M. “Gender identity and androgyny in Ludovico Ariosto’s Orlando Furioso and Virginia Woolf’s Orlando: a biography”, *In: Romance Notes*, The University of North Carolina at Chapel Hill, Department of Romance Studies, vol. 53, n. 2, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1353/rmc.2013.0013>

MORAES, Marcelo José Derzi. “A escuta por vir.” *In: Revista Ensaios Filosóficos*, vol. 24, dez 2021, p. 99-122.

_____. “Becos, ruas, marquises e esquinas”. *In: MORAES, Marcelo José Derzi; HADDOCK-LOBO, Rafael; BORGES-ROSARIO, Fabio (orgs.). Encruzilhadas Filosóficas*. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2020, p. 62-80.

_____. “Comer bem como experiência de encantamento”. *In: ABATIRÁ – Revista de ciências humanas e linguagens*. Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Campus XVIII, v2, n. 4, jul-dez 2021, p. 77-100.

_____. *Democracias espectrais: por uma desconstrução da colonialidade*. Rio de Janeiro: Nau editora, 2020.

_____. “Por uma filosofia dessa coisa de pele: uma desconstrução da colonialidade”. *In: NOYAMA, Samon. Gingar, filosofar, resistir: ensaios para transver o mundo*. Curitiba: CRV, 2020, p. 63-81.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2023 [1992, 1886].

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007 [1883].

_____. *Ecce homo*. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008 [1888/1908].

_____. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2008 [1887].

NIETZSCHE, F. *O anticristo*. Rio de Janeiro: Alhambra [1888/1895].

NIN, Inês. “TRANS-”. *In: RIBAS, Cristina (org.). Vocabulário político para processos estéticos*. Rio de Janeiro/Recife: Editora Aplicação/Funarte Rede Nacional, 2014, p. 26-28.

OUDSHOORN, Nelly. *Beyond the natural body: an archaeology of sex hormones*. London: Routledge, 1994.

PAXTON, Steve. *Gravidade*. Tradução de Rodrigo Vasconcelos. Textos anexos à edição brasileira de Helena Katz e Núcleo Pausa. São Paulo: n-1 edições, 2021 [2018].

PIRES, Barbara Gomes. “O legado das regulações esportivas: diagnóstico e consentimento na elegibilidade da categoria feminina”. *In: Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 35, 2020, p. 283-307.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução do grego, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. Introdução de James H. Nichols Jr. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2021 [~370 a.C.].

POPPE, Maria Alice Cavalcanti. 2018. 270 f. *O chamado da queda: errâncias do corpo e processos de desconstrução do movimento dançado*. Tese (Doutorado em Artes Cênicas), Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 30 de abril de 2018.

PRECIADO, Paul B. *An apartment on Uranus: chronicles of the crossing*. Tradução de Charlotte Mandell e prefácio de Virginie Despentes. South Pasadena, CA: Semiotext(e), 2020.

_____. *Countersexual manifesto*. Tradução de Kevin Gerry Dunn e prefácio de Jack Halberstam. New York: Columbia University Press, 2018(a).

_____. *Dysphoria mundi: el sonido del mundo derrumbándose*. Barcelona: Anagrama, 2022.

_____. *Eu sou o monstro que vos fala*. Tradução de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Zahar, 2022 [2020].

_____. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro e prefácio de Marie-Hélène Bourcier. São Paulo: n-1 edições, 2017 [2004].

_____. _____. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro e Denise Bottman (introdução). São Paulo: Zahar, 2022 [2004, 2018].

_____. *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro com a contribuição de Verônica Daminelli Fernandes. São Paulo: n-1 edições, 2018 [2008].

_____. _____. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro com a contribuição de Verônica Daminelli Fernandes. Rio de Janeiro: Zahar, 2023 [2008, 2020].

_____. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Tradução de Eliana Aguiar e prefácio de Virginie Despentes. São Paulo: Zahar, 2020 [2019].

_____. *Terror anal: notas sobre os primeiros dias da revolução sexual. Epílogo. In: HOCQUENGUEM, Guy. O desejo homossexual*. Tradução do francês por Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha, 2020.

PRECIADO, Beatriz. *Testo yonqui*. Madrid: Espasa, 2008.

RODRIGUES, Carla. “Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil”. In: UERJ, Em Construção, n. 5, 2019, p. 59-72. DOI: 10.12957/emconstrucao.2019.40523

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2006 [1989].

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. Prefácio de Paul B. Preciado. São Paulo, n-1 edições, 2018.

_____. “Geopolítica da cafetinagem”. *In: Psicanálise e Cultura*; 29(43), 2006, p. 123-129. Em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Geopolitica.pdf>

_____. “Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização”. *In: LINS, Daniel (org.). Cadernos de Subjetividade*. Campinas: Papyrus, 1997, p. 1-27. Em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf>

RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2020.

SANTOS, Ana Luiza Gussen Ferreira dos. *Bases para a proposição ético-política de Judith Butler*. 2023. 103 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, maio de 2023.

SIBILIA, Paula. “Cirurgões plásticos: da beleza como dom divino aos imperativos fáusticos”. *In: VILLAVERDE CABRAL, Manuel; GARCIA, José Luis; JERÓNIMO, Helena Mateus (orgs.). Razão, tempo e tecnologia: estudos em homenagem a Hermínio Martins*. Lisboa: Ed. ICS, Imprensa de Ciências Sociais, 2006, p. 441-460.

_____. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode a subalterna tomar a palavra?* Tradução e prefácio de António Sousa Ribeiro. Lisboa: Orfeu Negro, 2021 [1999].

TRAMONTANO, Lucas. “Otimizar o desempenho muscular e estético: interseções de diagnósticos, sintomas e desejos no uso da testosterona como aprimoramento”. *In: Teoria e Cultura*, v. 13, n. 1, 2018, p. 108-125.

_____. *Testosterona: as múltiplas faces de uma molécula*. 2017. 399 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 25 de maio de 2017.

TEBET, Livia Penna; MARTINS, Valney Claudio Sampaio; ROMANO, Ana Caroline Leoncio; DE SÁ, Natan Monsores; GARRAFA, Volnei. *Ivan Illich: da expropriação à desmedicalização da saúde*. Saúde em Debate, Cebes, v.41, n.115, out-dez 2017, p. 1187-1198.

WITTIG, Monique. *As guerrilheiras*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2019.

_____. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Tradução de Maíra Mendes Galvão e prefácio de Adriana Azevedo. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

WOOLF, Virginia. *Mrs. Dalloway; Orlando: uma biografia*. Tradução de Mário Quintana (Mrs. Dalloway) e Cecília Meireles (Orlando). São Paulo: Abril Cultural, 1972 [1925; 1928].

ZORZANELLI, Rafaela Teixeira; ORTEGA, Francisco; BEZERRA JR., Benilton. *Um panorama sobre as variações em torno do conceito de medicalização entre 1950-2010*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Abrasco, vol. 19, n. 6, jun 2014, p. 1859-1868.

ENTREVISTAS

PRECIADO, Paul B. *O amor como afeto político*. BoCA – Biennial of Contemporary Arts, Lisboa, Portugal, fev. 2024. Entrevista concedida a John Romão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QfIE1avn9U> (acesso em março de 2024).

_____. *Paul B. Preciado*. Purple Magazine, Paris, França, The future issue, n. 37, 2022. Entrevista concedida a Olivier Zahm. Disponível em: <https://purple.fr/magazine/the-future-issue-37-s-s-2022/paul-b-preciado/> (acesso em maio de 2023).

_____. *Paul B. Preciado with Jack Halberstam*. Institute of Contemporary Arts – ICA, Londres, Inglaterra, Critical Conversations, fev. 2020. Conversa com Jack Halberstam. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yJge51E4WMY> (acesso em dezembro de 2023).

_____. *Transições*. Festa Literária Internacional de Paraty – Flip 2020, Paraty-RJ, mesa 8, abril de 2021. Conversa com Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNtY-0AUMXY> (acesso em dezembro de 2023).

FILMES

DERRIDA. Direção de Kirby Dick e Amy Ziering. Nova York: Zeitgeist Films, Jane Doe Films, 2002. YouTube, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FFIKZZD7By4> (1h24min), Digital, son., color., legendado.

ORLANDO: minha biografia política. Direção de Paul B. Preciado. Paris: Les Films du Poisson e 24images, 2023. Cinema e arquivo MKV (1h38min), Digital, son., color., legendado.

VELVET GOLDMINE. Direção de Todd Haynes. Nova York: Killer Films, New Market Films, Film4, Goldwyn, 1998. VHS e arquivo digital (1h58min), Digital, son., color., legendado.

NARDJES A. Direção de Karim Aïnouz. Berlim: MPM Film, Watchmen Productions, Show Guest Entertainment e Cinema Inflável, 2020. Arquivo digital (1h20min), Digital, son., color., legendado.

RETRATOS FANTASMAS. Direção de Kleber Mendonça Filho. Recife: CinemaScópio, 2023. Cinema e arquivo digital (1h33min), Digital, son., color., legendado.

ALL THE BEAUTY AND THE BLOODSHED. Direção de Laura Poitras. Nova York: Praxis Films, Participant, HBO Documentary Films, 2022. Arquivo digital (1h53min), Digital, son., color., legendado.